

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

METALINGUAGEM E MARCAS DE ORALIDADE
EM MONTEIRO LOBATO

Simone Strelciunas Goh

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador : Prof. Dr. Hudinilson Urbano

São Paulo

2004

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**METALINGUAGEM E MARCAS DE ORALIDADE
EM MONTEIRO LOBATO**

Simone Strelciunas Goh

São Paulo

2004

“É preciso ler este livro A Barca de Gleyre, para compreender o sr. Monteiro Lobato, no dinamismo de sua vida literária - homem complexo e instável, muito moderno para ser passadista, muito ligado à tradição literária para ser modernista, ponto de encontro de duas épocas e duas mentalidades, símbolo de transição de nossa literatura, exemplo de labor intelectual e de consciência literária.”

Antonio Cândido

Dedico este trabalho a meu querido marido Sérgio, a meus filhos Cibele e Felipe, que compartilharam comigo de todas as etapas e ao mestre Professor Doutor Hudinilson Urbano, grande educador, que com firmeza e incentivo, orientou-me.

AGRADECIMENTOS

- Ao Professor Doutor José Antonio Pasta Jr., que ministrou um dos cursos de pós-graduação, do qual participei, pela atenção dispensada.
- À Professora Doutora Marli Quadros, pela esmerada dedicação na correção dos trabalhos elaborados, durante um dos cursos de pós-graduação, do qual participei, pois as observações foram muito importantes para o meu aperfeiçoamento.
- Aos Professores Drs. Reginaldo Pinto de Carvalho e Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, pelas sugestões e observações atentas dispensadas à organização desta pesquisa por ocasião do exame de qualificação.
- Ao Professor Dr. Hudinilson Urbano, pela sua dedicação e amizade.
- A meu marido e filhos, pelo estímulo e compreensão.
- A meus alunos e ex-alunos, pela motivação.
- À memória de Monteiro Lobato, que fez de sua vida uma grande história.
- A Deus ...

RESUMO

O objetivo deste trabalho é resgatar a metalinguagem de Monteiro Lobato apresentada em um *corpus* único e cronológico e demonstrar que ele registra marcas de oralidade, criando um discurso que o próprio autor denomina de “conversa em mangas de camisa”.

Elegemos como *corpus* *A Barca de Gleyre* por julgarmos ser uma obra especial, em que o próprio Lobato relata suas considerações lingüísticas ao longo de quarenta anos em correspondência mantida com o amigo e também escritor Godofredo Rangel.

Uma visão diferenciada da vida do autor é retratada, enfocando concomitantemente a essa biografia as considerações de Monteiro Lobato sobre a língua numa perspectiva sincrônica.

Faz-se a seguir um apanhado descritivo das modalidades falada e escrita da língua, que auxilia nas reflexões e posicionamentos lobatianos, uma vez que o autor já reconhecia a existência dessas duas modalidades. Em seguida, ampliamos os pressupostos teóricos relativos aos aspectos selecionados para a pesquisa.

Procede-se à análise das ocorrências no discurso do autor, no que tange a sua própria metalinguagem, a presença das repetições, termos gíricos e construções fixas, que contribuem para tornar o texto epistolográfico “uma conversa com um amigo, um duo”.

Na conclusão, destaca-se a valiosa contribuição de Lobato, que, por meio da obra *A Barca de Gleyre*, traçou um panorama da língua e da literatura durante quatro décadas e que demonstra pela sua própria postura lingüística que é possível elaborar um discurso crítico com a presença de repetições, gírias e construções fixas que corroboram para a expressividade, interação e coesão textual.

Vale dizer que *A Barca* foi um dos instrumentos que possibilitou Lobato a ser Lobato, pelo exercício lingüístico e disposição que os dois correspondentes mantiveram por tantos anos.

ABSTRACT

The aim of this work is to ransom Monteiro Lobato's metalanguage presented in a unique and chronological *corpus* and to demonstrate that it contains orality marks, creating a speech the author himself denominates "conversation in shirt sleeves".

We elected the *corpus*, *A Barca de Gleyre*, judging this is a special opus, in which Lobato himself relates his linguistic considerations along forty years in held correspondence with the friend and also writer Godofredo Rangel.

A distinguishing vision of the author's life is represented, are focusing altogether this biography and Monteiro Lobato's considerations about the language in a synchronal perspective.

We show it as it follows, a descriptive summary of the spoken and written modalities of the language, which helps in Lobato's reflexions and posture, once the author has already recognized the existence of this two modalities. After that, we increase the theoretical presupposition related to the select aspects for the research are presented.

It precedes to the happening analysis in the author's speech, in which concerns his own metalanguage, presence of repetitions, slang and fixed constructions, which contributes to make the epistolary text in a conversation with a friend, a duo.

In the conclusion, it is detached the valuable Lobato's contribution, that through the opus *A Barca de Gleyre*, traced a prospect of language and literature during four decades and that demonstrates it through his own linguistic position that is possible to create a critical speech with the presence of repetitions, slang and fixed constructions that corroborates the expressiveness, text interaction and cohesion.

It's worthwhile saying that *A Barca* was one of the tools that made Lobato to be Lobato for the linguistic practice and disposition that both correspondents kept for so many years.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O tema.....	1
Os objetivos.....	4
Os pressupostos	6
O procedimento	9
A contribuição	10

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

A VIDA EA METALINGUAGEM DE MONTEIRO LOBATO POR MEIO DA OBRA A *BARCA DE GLEYRE*.

1.1- A <i>Barca de Gleyre</i>	11
1.2- Lobato por meio das cartas	13
1.3- Lobato e sua correspondência geral.....	18

CAPÍTULO 2

METALINGUAGEM, LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA.

2.1- Metalinguagem	20
---------------------------	----

2.2- A lingüística institucional e as variedades lingüísticas.....	24
2.3- Relações entre língua escrita e língua falada	31

CAPÍTULO 3

REPETIÇÕES

3.1- Fator imprescindível na textualização da LF – categorias	37
3.2- Manifestações das repetições.....	42
3.2.1- Repetições lexicais.....	43
3.2.2- Repetições de estruturas sintagmáticas	45
3.2.3- Repetições de orações.....	46

CAPÍTULO 4

GÍRIA

4.1- A linguagem gírica	53
4.2- Gíria comum e gíria popular	55
4.3- Processos de formação das gírias	58
4.3.1- Significante.....	59
4.3.1.1- Formação/deformação de significantes	59
4.3.1.2- Por composição	62
4.3.1.3- Por alterações de classes gramaticais	65
4.3.1.4- Por empréstimos	66
4.3.2- Quanto ao significado.....	67
4.3.2.1- Metáforas	67
4.3.2.2- Metonímia	70
4.3.2.3- Polissemia	70

CAPÍTULO 5

CONTRUÇÕES FIXAS

5.1- Provérbios	73
5.2- Frases feitas	75

SEGUNDA PARTE

Introdução	80
------------------	-----------

CAPÍTULO 1

O CORPUS – A BARCA DE GLEYRE: 40 ANOS DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE DOIS AMIGOS VERSANDO SOBRE O MESMO TEMA.

1.1- Início, procedimento e publicação de <i>A Barca de Gleyre</i>	81
1.2- Considerações lobatianas sobre as missivas.....	86
1.3- A importância da obra <i>A Barca de Gleyre</i> ..	90

CAPÍTULO 2

A METALINGUAGEM LOBATIANA.

2.1- <i>A Barca de Gleyre</i> – uma metalinguagem.....	93
2.2- Língua, modalidades e usos.....	99

CAPÍTULO 3

A PRESENÇA DAS REPETIÇÕES NAS MISSIVAS LOBATIANAS.

3.1- Repetições e categorias de pesquisa.....	129
3.1.1- Mecanismo de coesão	129
3.1.2- Recurso retórico	133
3.1.3- Efeitos semânticos	134
3.2- Tipos de repetições	135
3.2.1- Repetições lexicais	136
3.2.1.1- Contíguas	136
3.2.1.2- Não contíguas	139
3.2.2- Repetições de estruturas	142

CAPÍTULO 4

A GÍRIA NAS MISSIVAS LOBATIANAS

4.1- Quanto ao significante	148
4.1.1-Deformação de significantes	148
4.2- Quanto ao significado	151
4.2.1- Metáforas	152
4.2.2-Metonímia	153

CAPÍTULO 5

CONSTRUÇÕES FIXAS

5.1- Tipos de construções.....	155
--------------------------------	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
ANEXOS – Tomo I	168
ANEXOS- Tomo II	188

INTRODUÇÃO

O Tema

Monteiro Lobato sempre despertou a curiosidade de estudiosos de diversas áreas , pelas características multifacetárias apresentadas : escritor, pintor, fazendeiro, editor, adido cultural e a mais evidente e marcante de todas, sua posição crítica diante da história e da literatura.

Atualmente, a mídia lhe faz uma homenagem ao reeditar na tela da TV seu sucesso infantil *O Sítio do Pica-pau Amarelo*.

De todas as características desse ilustre taubateano, a que nos chamou atenção foi seu hábito de trocar correspondências. A respeito desse assunto, Cassiano Nunes, em seu artigo “A Correspondência de Monteiro Lobato” , publicado no Suplemento Literário MAIS , *Folha de S. Paulo* , junho , 1998, nos diz que :

“Lobato escrevia cartas com a maior facilidade e dirigia-se a todos os tipos de pessoas. Respondia sempre às cartas de seus pequenos leitores. Seu público leitor era numeroso no Brasil e alguns de seus leitores animavam-se a escrever-lhe e a esperar resposta. Hernani Ferreira, Rodrigues Crespo, homens simples, e o padeiro português Antonio Pousada, que publicou vários livros, receberam suas opiniões literárias que eram sempre generosas demais.”

Monteiro Lobato gostava de escrever aos simples, mas também não deixava de se corresponder com os amigos da juventude, freqüentadores do Minarete, pequeno sobrado situado no Bairro do Belenzinho. Sobre o Minarete, Lajolo (2000, p.18) comenta:

“Mas o nome Minarete estava fadado a ser mais do que a denominação de uma divertida república estudantil. Minarete serviu também de nome para um jornal de Pindamonhangaba, cidade do interior paulista, quando Benjamim Pinheiro – amigo do grupo, formado e já de volta a Pinda, querendo um órgão de imprensa para a oposição municipal, cria o jornal que batiza de *O Minarete* e cuja colaboração confia aos amigos do chalezinho amarelo.”

Esse grupo, denominado O Cenáculo, formado em 1900 era composto por Ricardo Gonçalves, Cândido Negreiros, Raul de Freitas, Godofredo Rangel, Tito Lívio Brasil, Lino Moreira, José Antonio Nogueira. De todos esses jovens, um, Lobato dedicou atenção especial a Godofredo Rangel.

“Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis – mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa.”¹ (*A Barca I*, 3, 1903)²

Logicamente Godofredo convence Lobato, pois de 1903 até 1948 os amigos trocaram correspondências, cujo enfoque sempre foi a língua, literatura e suas respectivas produções literárias, conforme trecho acima.

Monteiro Lobato considerou o conjunto das cartas uma “curiosidade editorial”. Quarenta e tantos anos de correspondência dirigida para um mesmo amigo, versando sobre um só assunto. Dessa forma, resolveu editar seu material epistolográfico, o qual denominou *A Barca de Gleyre*.

Essa obra não é considerada literatura, e sim de finalidade subjetiva ou de expressão pessoal, conforme Pinto (1994, p.51).
 Todavia, Nunes(1998) retifica:

¹ Monteiro Lobato tinha um sistema ortográfico próprio. Por coerência e em concordância com a edição consultada, conservamo-lo. Ex.: Não acentuava as proparoxítonas, nem as paroxítonas.

² Os trechos do *corpus* estão elencados a partir da pág. 168 e seguem o seguinte critério de codificação: *A Barca I* – tomo I; trecho do *corpus* número 3; carta escrita em 1903.

“ A correspondência de Lobato é primeiramente importante porque é literatura saborosa, de alto nível. Antes das qualidades extra-literárias, históricas e de crítica social, coloco o seu valor literário, mas é evidente que o seu aspecto documental, relativo à história da sociedade brasileira também é muito significativo.”

Independente de a obra ser ou não literatura, ela é interessante por apresentar o discurso lobatiano fora dos padrões já conhecidos, sem a preocupação com o público, a que ele mesmo denominava de “monstro” e para o qual “se deveria até mentir com elegância, arte; porém, respeitadas todas as regras da norma culta”.

“O gênero carta não é literatura, é algo a margem da literatura (...) Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante desse monstro chamado Público, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito. (sublinhado nosso) (*A Barca* I,1,1903)

Isso nos despertou interesse em analisar *A Barca de Gleyre* , verificar e comparar a metalinguagem do escritor taubateano com sua prática epistolográfica.

Os objetivos

Esta dissertação tem por objetivo pesquisar e analisar as reflexões metalingüísticas de Monteiro Lobato consoante com a sua postura quanto a “língua de cartas”, claramente expressa numa de suas primeiras correspondências :

“Apontas-me, como crime, a minha mistura de ‘você’ com ‘tu’ na mesma carta e às vezes no mesmo periodo. Bem sei que a Gramatica sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito comodo, mais lepido, mais saído – e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o ‘tu’ entra na frase que é uma beleza, outras é no ‘você’ que está a beleza – e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifanio e outros perobas ‘não querem’? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é lingua em mangas de camisa e pé-no-chão – como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como não faz o Macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramatica como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario.” (sublinhado e negrito nosso) (*A Barca I*, 11,1904)

Também elaboraremos um breve estudo sobre os fenômenos de oralidade que podem ocorrer no discurso epistolográfico lobatiano.

Para isso, escolhemos os seguintes tópicos: a gíria , a repetição e as construções fixas. A gíria é considerada por Preti (2000, p.241) um vocabulário tipicamente oral, assim, verificaremos qual a finalidade de seu uso por Lobato.

Quanto à repetição, também fenômeno freqüente e típico na língua oral, serão estudadas características que corroborarão para a interpretação de seu uso, conforme vemos em Urbano (2000, p.104):

“Seja para reforçar uma idéia ou os propósitos elocucionários de uma mensagem, seja por motivações psicológicas, como o nervosismo, por

exemplo, ou por outras mais variadas causas, o certo é que o discurso oral se revela com freqüência redundante e repetitivo, a ponto de ser esta uma das suas mais evidentes características em nível de expressão.”

As formas fixas aparecem em nosso *corpus* por meio de frases feitas, que serão devidamente classificadas, justificando o porquê de seu uso pelo autor.

Quanto à metalinguagem de Lobato, ela e sua respectiva prática na obra denominada *A Barca de Gleyre*, constituirão um eixo norteador do presente estudo.

O *corpus* compõe-se de cartas enviadas ao amigo e escritor Godofredo Rangel durante mais de quarenta anos.

Procurar-se-á verificar se as considerações lobatianas sobre a língua são efetivamente levadas em conta pelo escritor quando da elaboração das citadas cartas.

Cabe-nos ressaltar que para Monteiro Lobato, essa produção de missivas deveria ocorrer de maneira distensa e descompromissada com a norma culta, como notamos no trecho da página anterior.

Os pressupostos

Procuramos mostrar que a preocupação com a língua e seus usos fizeram parte da vida do escritor taubateano, não apenas como instrumento literário, mas sim como mola propulsora para quarenta anos de discussões.

Mesmo mantendo uma postura tão paradoxal, ora com apego excessivo à norma, ora com repúdio a ela, Lobato não se cansa de discutir com o amigo Godofredo Rangel sobre sua postura e não se dá por vencido, buscando seu aperfeiçoamento de estilo, processo esse descrito por ele mesmo em *A Barca*³.

“ Mesmo assim dei conta do primeiro volume do Aulete e de mais duas letras do segundo.” (*A Barca I*, 40, 1909)

“Boa nova: chegou a salvamento a historia desgarrada e apresso-me em dar a noticia. Li e acho que o teu verdadeiro genero é aquele. Está pura e simplesmente otima. A melhor coisa que produziste. Mas acho deficiente o teu português. Nós não sabemos essa maldita lingua, Rangel, e manejamos achavascadamente plebeamente, um barro, um caolim de primeira, com o qual se podem modelar as mais leves e finas coisas. Só agora ando alcançando a extensão do meu erro nesse ponto. Até aqui me repastei, quase que exclusivamente no francês, e “ouvía falar” da “lingua de Fr. Luis de Sousa”. Meu português era o caseiro e do jornal. E eu ficava de olho grande: “Que linda não há de ser, meu Deus , a lingua de Fr. Luis de Sousa!” Mas não tinha coragem de investigar. Agora, sim, a coragem me veio e entrei. Isto, Rangel, dentro da lingua de Fr. Luis , embora ainda longe de lá do centro, onde ele deve figurar como um Deus, com Herculano á mão direita e Camilo á esquerda. E sei que há uns frades tremendos da mesma familia de Fr. Luiz – Fr. Pantaleão do Aveiro, um Lucena, um Fr. Heitor Pinto, e um “delicioso” Bernardes. Aquilo é uma especie de Olimpo da Lingua, todos deuses e semideuses e deusa nenhuma. Não havia mulheres em materia de lingua

³ Em alguns trechos deste trabalho *A Barca de Gleyre* será tratada penas por *A Barca*.

antiga, Rangel, como ainda as há tão poucas hoje – a Julia Lopes e quem mais?

Parei com as minhas leituras de lingua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua de mel com a lingua lusitana, que descobri como o Nogueira descobriu a Patria, e o Macuco o verbo “apropinuar”. E sabe o que mais me encanta no português ? Os idiotismos. A maior beleza das linguas está nos idiotismos, e a lusa é toda um Potosi. A parte que as linguas têm de comum é como a estrutura ossea das varias raças humanas, coisa que não varia apreciavelmente; o que as distingue, o que faz o inglês, por exemplo, ser tão diverso do italiano, são as feições, os trajés, os modos e as modas de cada um, isto é, os *idiotismos* fisionomicos. Note, observe. Fulana, a moça mais graciosa de rosto de todas que enfeitam aí essa tua cidade do Machado, que é que nela a distingue e lhe dá aquela graça especial ? O idiotismo com que a natureza a dotou; o narizinho arrebitado, a curva da boca, o modelado do queixo; particularidades essas, todas, que fogem á correção ideal e classica das linhas de um rosto normal. Por que é o português de Portugal tão superior ao português do Brasil ? Porque é muitissimo mais idiotizado pela colaboração do povo, ao passo que aqui o povo praticamente não colabora na lingua geral – vai formando diletos estaduais como na Italia.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 41, 1909)

Lobato reconhece a existência das modalidades falada e escrita da língua, porém, durante seu discurso epistolográfico, não dá margens a reflexões abrangentes sobre a relação entre ambas.

“(…) Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Lingua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão- como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como não faz o macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramatica como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario. (sublinhado nosso)” (*A Barca I*, 11, 1904)

Utiliza marcas de oralidade em seu discurso propositadamente, a fim de torná-lo mais leve, menos tenso, com certa despreocupação quanto às repetições dos itens lexicais, conforme exemplos no trecho a seguir :

“O genero carta não é literatura, é algo á margem da literatura.... Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante desse monstro chamado Publico, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito. O próprio genero “memorias” é uma atitude: o memorando pinta-se ali como quer ser visto pelos posteros – até Rosseau fez assim – até Casanova.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 1, 1903)

Destacaremos adiante a repetição, a gíria e as construções fixas, mas outras marcas de oralidade estão presentes também em suas cartas.

O procedimento

O procedimento utilizado na pesquisa é primeiramente a seleção das cartas, constantes dos tomos I e II da obra *A Barca de Gleyre*, com material de maior relevância para os objetivos da dissertação, conforme levantamento prévio : cartas que contenham considerações do autor sobre língua, discurso, linguagem; cartas que apresentem os fenômenos de oralidade pertinentes à pesquisa, repetição, gíria e construções fixas e outras considerações do autor sobre literatura, produção literária e temas afins a esta pesquisa.

Esse material é elencado no final do volume, visando a possíveis constatações durante a leitura deste trabalho, conforme mencionamos na p.2 deste trabalho.

A análise é sistemática e parte da seguinte problematização solvida na conclusão do trabalho :

Lobato solicita que seu endereçado pratique uma “língua pé-no-chão”, mas ele concretiza essa prática ?

No tocante à oralidade, os estudos se apóiam na incidência dos fenômenos de repetição , termos gíricos e construções fixas e em como esses dão respaldo à metalinguagem do autor.

A contribuição

Acreditamos numa contribuição à História das Idéias Lingüísticas e às pesquisas sobre Monteiro Lobato.

Dentro dos estudos lingüísticos e literários há muitas pesquisas sobre as obras de Lobato, porém poucos estudos que se dediquem à obra epistolográfica do autor, especificamente *A Barca de Gleyre*, material riquíssimo, que nos dá um panorama cronológico sobre a língua durante as quatro primeiras décadas do século XX.

Creemos também que este trabalho estimule pesquisas de epistolografias de outros autores, a relação metalingüística entre eles, aspectos que facilitem e que aproximem os estudiosos e estudantes dos autores e dos próprios períodos literários que eles representam. A leitura e reflexão da obra epistolográfica de um autor revela-nos a premissa de suas idéias :

“ (...) Já tenho todas as cartas passadas a maquina e estou a lê-las de cabo a rabo. Noto muita unidade. Verdadeiras memórias dum novo gênero – escritas a intervalos e sem nem por sombras a menor idéia de que um dia fossem publicadas. Que pedantismo o meu no começo! Topete incrível. Emilia pura.” (*A Barca II*, 10 , 1943)

CAPÍTULO 1

A VIDA E POSTURA LINGÜÍSTICA DE MONTEIRO LOBATO POR MEIO DA OBRA *A BARCA DE GLEYRE*.

Introdução

Considerado empreendedor em várias áreas, polêmico, contraditório a si mesmo, no que diz respeito ao uso da língua, já que viveu e incorporou as tendências de uma época marcada pela discussão da mesma (cf. Leite 1999, p.122), essa foi a figura de Lobato.

Para tratar desses assuntos, este capítulo divide-se em três momentos. O primeiro faz referência à própria obra *A Barca de Gleyre*, a seguir a vida de Lobato é relatada, sempre a partir de *A Barca*, incluindo vários posicionamentos do autor sobre a língua e finalizamos com algumas informações da correspondência geral de Lobato .

1.1. A Barca de Gleyre

“Foi lendo *A Barca de Gleyre* que me converti definitivamente a Lobato”
(*Nunes* p.4, 2000)

A obra *A Barca de Gleyre* reúne quarenta anos de correspondência entre Lobato e seu amigo Godofredo Rangel, a

começar em 1903 em que ambos estudantes estão finalizando o curso de Direito.

Lobato inicia a correspondência e incentiva Godofredo a mantê-la, porém, os amigos não discorrem sobre quaisquer assuntos. Ao longo de quatro décadas as cartas tratarão como temas centrais : língua, comportamento lingüístico de Lobato e outros autores e de literatura.

É importante justificarmos o título da obra, pois é exatamente ele que norteia os assuntos discutidos nas missivas e fazem de *A Barca* uma obra única.

Em uma das cartas, Lobato descreve para Godofredo Rangel uma tela elaborada pelo pintor Charles Gleyre – *Ilusões Perdidas*. Constrói uma metáfora entre suas vidas e a imagem da tela. Nela há uma figura de um velho, com o braço pendido sobre uma lira, inspirando certo cansaço e visualizando as velas de outros barcos, além mar, com certa ilusão.

“Mas falemos em coisas profanas. Li o teu ultimo artigo... Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, *Ilusões Perdidas* ? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancolico barcos saem; e um barco chega, trazendo á proa um velho com o braço pendido largamente sobre uma lira – uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (...) O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora ? Como o velho de Gleyre ? Cansados, rotos ? As ilusões daquele homem eram as velas da barca – e não ficou nenhuma . Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulancia. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá ?” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 14, 1904)

Ao iniciarem as cartas Lobato e Godofredo começam sua viagem na busca de um modelo perfeito, de uma postura literária perfeita. A lira

é o senso estético que ambos devem afinar, apurar e como são jovens têm esperanças de atingir o objetivo. Mas, Lobato teme em terminar a viagem como o velho, desiludido.

O título da obra vem assim referendar cada carta enviada, que levava as idéias de Lobato e o ajudava a afinar seu senso estético, por meio das sugestões de seu interlocutor e também pelo próprio processo reflexivo que as cartas suscitavam quando de sua elaboração.

A excepcionalidade da obra não está apenas relacionada ao universo Lobatiano, mas, por apresentar as cartas cronologicamente, tece a história de uma geração.

Com o objetivo de constatar isso e verificarmos a relação da metalinguagem de Monteiro Lobato com sua própria história, fizemos um levantamento de toda a obra, que aponta o ano em que as cartas foram escritas e o número/quantidade de páginas, respectivamente. Quando da análise ampliaremos esses dados, relacionando a quantidade de páginas escritas, os acontecimentos históricos e os vividos por Lobato, bem como sua posição lingüística na citada época. Ver quadro p.118 e seguintes.

1.2. Lobato por meio das cartas

“Saber sentir, saber ver, saber dizer.” (A Barca I, 11, 1903)

Lobato tinha uma consciência mais do que apurada sobre escrever, tornar-se escritor.

Somente a vivência poderia lhe fornecer instrumentos tais para a concepção de uma obra perfeita. De maneira que, inconscientemente, seu destino de literato já fora traçado.

Em menino mergulhava em livros na biblioteca do Visconde, seu avô, localizada à Rua XV de Novembro, na cidade de Taubaté. A *Revista Ilustrada* e o *Journal des Voyages* também abriram os olhos do garoto.

Da infância no interior para a Paulicéia, Lobato deixa as brincadeiras infantis para vir estudar na capital.

Porém, uma mágoa o assola : sua reprovação em Português. Faz disso uma lição positiva e em seguida passa brilhantemente nos exames de admissão para o Curso Superior.

Embora tenha uma “queda” para Belas Artes, “a conselho” de seu avô materno, que assumira sua tutela após a morte de seus pais, ingressa no curso de Direito.

O curso lhe dá tédio, começa a praticar com afinco a literatura nas agremiações da faculdade, entre 1901 e 1903.

Lobato, nessa época, já se reunia com o grupo de amigos do Cenáculo, cujas reuniões ocorriam em um sobrado denominado Minarete.

É exatamente nesse sobrado que se inicia a trajetória epistolográfica do escritor dirigida ao amigo Godofredo Rangel. Com uma simples carta , em 1903, é marcado o início de quarenta anos de trocas de correspondências.

“Sigo logo para fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis...” (*A Barca I,3, 1903*)

Ao longo de sua vida literária e epistolar Monteiro Lobato muda seus parâmetros sobre a língua portuguesa, sua importância, seus valores estéticos, mas o que se mostra homogênea é a sua insistência sobre a modalidade lingüística que ele, bem como Godofredo deveriam utilizar em suas cartas, a “língua pé-no-chão”.

“E agora , um puxão de orelhas: Por que usas etiqueta comigo? Tuas cartas vivem cheias de ‘faça o favor’, ‘se não for incômodo’.São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. faça como eu. Seja bruto, chucro, enxuto.” (*A Barca I*, 8, 1904)

“(…) Lingua de cartas é lingua em mangas de camisa e pé-no-chão- como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como não faz o macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramatica como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario.” (*A Barca I*,11,1904)

Lobato nasceu em 18 de abril de 1882 e em 1904 já está formado em Direito e retorna a Taubaté. Em carta dirigida ao amigo Lobato afirma:

“(…)Trabalho ás ocultas lá no subconsciente. Em que ? Na afinação da lira e na fixação com palavras do que ela apanha. O sonho, sabes qual é – o sonho supremo de todos os artistas. Reduzir o senso estetico a um sexto sentido. E, então, pegar a borboleta !” (*A Barca I*, 17, 1903)

Após três anos, já está em Areias (Areias servirá como pano de fundo para seu livro *Cidades Mortas*), atua como promotor local e ainda sobre a postura lingüística discute com seu interlocutor :

“Um homem mal vestido é um escritor sem estilo, espécie de Silvio Romero. Tanta idéia tem ele, tanto valor, mas aquele indecoroso desalinhavo na maneira de expressar-se faz que todos o evitem.” (*A Barca I*, 25, 1907)

Da mesma forma que tece crítica acirrada sobre outros autores, ele também não se poupa e afirma ser incapaz de fazer literatura. Estamos em uma fase lobatiana considerada por Leite (1990) como sendo purista, de apego excessivo à norma.

Lobato casa-se com Purezinha em 1908 , ao passar sua lua de mel em Santos é ferido por um molusco venenoso, o que lhe rende um mês de repouso absoluto. Em carta posterior ao ocorrido, relata que o que mais lamentou durante sua reclusão foi não poder escrever ao amigo.

“E das coisas que eu mais sentia era não poder escrever-te. Por que? Porque para Lobato você continua sendo o Rangel de sempre, espécie de sócia morador em Minas, único ouvido que hoje o ouve e único cérebro que o atura. Porque somos dois desertores da vida – dois desertores que abandonaram a estrada larga de Todo Mundo, pela qual seguem os homens trabalhando como baitacas, e preferiram seguir por um carreirinho marginal, gozando a delícia de pensar livremente e livremente contar um para o outro o que de melhor os miolos pensaram.” (*A Barca I*, 26, 1908)

Passam-se aproximadamente dez anos, em 1920, Lobato é pai de dois meninos e duas meninas : Marta, Edgar, Guilherme e Ruth. Nesta época Marta a mais velha tem onze anos. A família está morando na fazenda Buquira, herdada pela avô de Lobato. Lembramos que em 1914, o escritor lançou-se efetivamente nas Letras com seus artigos *Velha Praga* e a seguir *Urupês*, publicados pelo jornal *O Estado de São Paulo*. Já pensa em realizar traduções de obras infantis, adotando uma postura lingüística diferenciada.

“Pretendemos lançar uma serie de livros para crianças, como *Gulliver*, *Robinson*, etc.. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se poder agarrar o *Jansen* como ‘burro’ e reescrever aquilo em língua deslitteraturizada – porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de ‘literatura’.” (*A Barca II*, 52, 1921)

Lobato publica seu primeiro sucesso infantil em 1921 – *A menina do narizinho arrebitado*. Em 1924 reconhece a existência e a importância dos usos da língua portuguesa na literatura.

“Sabe o que quero ? Verter a Menina e Moça ou Saudades do velho Bernadim Ribeiro, em língua quase atual. Fiz uma parte, que já dei a imprimir, depois te mostrarei. Aquilo está já muito recuado, muito antiquado; mas se o pusermos mais perto, em língua, não digo de hoje(...)” (*A Barca II*, 56, 1924)

Em 1927 é nomeado adido comercial e vai para os Estados Unidos . Mesmo de lá escreve ao amigo:

“(...) carta, troca de ideias e impressões, elogios. Como nós nos elogiávamos, Rangel ! Como gostávamos da comidinha! Todas as nossas cartas levavam bombons dentro, dos de licor interno. Elogios aos nossos estilos !

Conversar com você foi o meu substituto do conversar comigo mesmo em noites de lua – porque nunca tive tempo de conversar comigo mesmo de dia e ainda menos agora que minha vida virou um rush de subway no Times Square às 5 horas .E só conversávamos um assunto..” (*A Barca II*, 67, 1928)

Já na quarta década do século XX, aproximadamente em meados de 1941, Lobato mostra-se mais receptivo sobre a utilização da língua, aceitando conselhos. Pensa em valorizar a essência, não a forma, porém é fato que nenhuma obra tenha lhe saído sem correções gramaticais, com todos os pronomes em seus devidos lugares.

Em 1948 já tem dificuldade de escrever, finaliza sua vida epistolográfica em junho desse ano e falece no mês seguinte.

1.3. Lobato e sua correspondência geral

O escritor taubateano tinha por hábito escrever cartas. Nessas ele conversava, confidenciava e sonhava, como relata Nunes (1998) em seu ensaio sobre as missivas lobatianas .

No trecho a seguir, Lobato oferece dados de Hickman , para quem financiava um novo motor, que revolucionaria a área militar, a Flavio de Campos. É enfatizado o lado de sonho do escritor.

“Esta semana próxima deve tudo chegar ao fim – e vamos ter a prova. A prova ! Sabe o que significa. Interessante, Flavio, mil passos dados em ano e meio... Saindo vitoriosa a prova, é provável que eu tenha de ir à América com o inventor . Não te dizia eu que este agosto iria ser caso sério? Que romance maravilhoso há nisto, duma invenção como esta ! Quem sabe se não vai ser o meu romance ? “ (*Nunes 1998, p. 2*)

Entre sonhos e muita realidade, Monteiro Lobato, segundo Cassiano Nunes (1998), teve contato por meio de cartas com muitas das principais figuras brasileiras de seu tempo: José Carlos Macedo Soares, historiador, político, diplomata e filantropo; Anísio Teixeira, grande educador; Fernando Azevedo, líder educacional; Léo Vaz, Plínio Barreto e Júlio Mesquita Filho, jornalistas de suas relações; Oswald de Andrade, permanente defensor de Lobato; Assis Chateaubriand; Belisário Pena e Artur Neiva, discípulos de Oswaldo Cruz, grandes cientistas e benfeitores; Gilberto Freire; Fortunato Bulcão, sócio do literato em companhia siderúrgica; Rodrigo Otávio Filho; Mário Rodrigues, dono do jornal em que Lobato colaborou; Rosalina Coelho Lisboa, poetisa editada por Lobato; Leonor Aguiar, tradutora; Maria José

Sette Ribas, a quem ele dedica *A Barca*; Oscar Cordeiro, o primeiro homem a descobrir petróleo no Brasil e curiosamente em um lugar denominado Lobato; Hilário Tácito; Mário de Andrade entre outros.

Escreveu cartas até para Getúlio Vargas, que era seu admirador; todavia, uma dessas missivas levou o beletrista irascível à prisão.

Além de *A Barca*, temos a obra *Cartas Escolhidas* editada em 1959, contendo dois tomos de correspondências diversas do autor enviadas a endereçados diferentes. Obra essa, que também contém muito material metalingüístico e que já foi utilizada como *corpus* em várias pesquisas, como, por exemplo, o estudo elaborado pela Prof^a Edith Pimentel Pinto, parte integrante da obra *O escritor enfrenta a língua*.

Nesse estudo Pinto utiliza-se dos contos lobatianos e de textos metalingüísticos contidos em *Cartas Escolhidas* e *A Barca de Gleyre*, para concluir que Lobato era um rígido “acatador” das prescrições gramaticais e que o abasileiramento do escritor é notável em sua literatura infantil, porém somente no nível lexical, o que revela seu conhecimento das modalidades da língua.

Capítulo 2

Metalinguagem, língua falada e língua escrita

Introdução

Primeiramente elucidaremos o conceito de metalinguagem a partir da premissa encontrada em Chalhub (1986, p.32) : “*é linguagem ‘falando’ de linguagem.*”

Na seqüência serão apresentadas teorias lingüísticas que convirjam para o conceito de língua de Benveniste (1971, p.70) : “*A língua funciona como um elemento de interação entre indivíduo e a sociedade em que ele atua*”, prática almejada por Lobato, como também considerações sobre as línguas escrita e falada.

2.1. Metalinguagem

Conforme Chalhub (1986, p.7) todo enunciado que tratar sobre língua, linguagem e termos relacionados é considerado metalingüísticos.

Uma canção que fala sobre fazer canção, como a composta por Caetano Veloso “Eu vou fazer uma canção para ela”, é um exemplo de metalinguagem, como também, ao tentarmos nos explicar melhor, estamos no âmbito da metalinguagem.

Cartas que versam sobre a língua, as formas de linguagem, posturas lingüísticas, enquadram-se como textos metalingüísticos, que é o caso de *A Barca de Gleyre*.

Outras classificações já foram dadas à obra, a citar Edith Pimentel Pinto (Pinto,1994, p.51), que a classifica como sendo de finalidade pessoal e o próprio Lobato que considera cartas “algo á margem da literatura “ (*A Barca I*, 1, 1903).

No entanto pelo objetivo da obra, entendemos ser a mesma uma rica metalinguagem, de forma que apresentaremos algumas características do processo de comunicação e enfatizaremos a função metalingüística da linguagem.

Todo processo de comunicação envolve determinados elementos, a princípio uma fonte e um destino. A fonte será a geradora da mensagem, que caminhará pelo canal até seu fim, destino. A mensagem faz esse percurso por meio de sinais físicos, que entendemos por códigos combinados.

Os fatores da comunicação determinam como as mensagens são codificadas, quais as funções da linguagem. Temos seis fatores para seis funções e quando salientamos um deles em detrimento dos outros determinamos a função da linguagem .

- a- emissor => função emotiva
- b- receptor => função conativa
- c- referente => função referencial
- d- mensagem => função poética
- e- canal => função fática
- f- código => função metalingüística

As funções não aparecem estanques na mensagem, mas sempre uma delas irá prevalecer em uma comunicação.

Quando há presença de verbos em 1ª pessoa e a comunicação tem um valor biográfico, está presente a função emotiva. Ao tentarmos mudar o posicionamento de nosso receptor, induzi-lo a algo, tem-se a função conativa.

A objetividade de um texto, suas informações organizadas, presença de verbos em 3ª pessoa indicam a função referencial da linguagem.

A utilização de palavras de uma forma especial, com sentido conotativo, linguagem subjetiva remete-nos à função poética da linguagem.

Ao tentarmos manter o canal de comunicação aberto, prolongando, interrompendo ou reafirmando a comunicação estamos perante a função fática da linguagem.

E por último, quando temos o “código pelo código”, observamos a função metalingüística da linguagem .

Em Chalhub (1986, p.27) vemos que a função metalingüística se faz presente quando o código é apontado. Mesmo em perguntas diretas como : “Você está me entendendo ?”, temos a princípio uma conduta fática, que será substituída por uma operação metalingüística. As notas de rodapé de um trabalho científico são explicação da explicação – metalinguagem informativa.

A autora nos esclarece que aprender uma língua é operar metalingüisticamente e que manipular um código não significa ter ciência de todas as regras.

As possibilidades de organização, criação, relação estão relacionadas à noção de repertório “que determinará, em função do receptor, uma postura face ao objeto artístico.”(Chalhub, 1986, p.15)

Nota-se que, se a mensagem for organizada de uma forma diferente, isso provocará uma reação no público, pois poucos a entenderão.

Chalhub ao abordar a metalinguagem poética também faz referência à intertextualidade e entende que a mesma é uma forma de metalinguagem, uma vez que se refere a uma linguagem anterior.

A autora utiliza como *corpus* o poema de Drummond “Procura da poesia”, em que o poeta explica nesse texto poético outros poemas : “Poema de sete faces”, “No meio do caminho”, “Confidência do itabirano”

Um dos aspectos que se faz necessário abordar é a atividade crítica vista como metalinguagem. O crítico opera em função da obra que o motiva, para tanto é feita a citação de Haroldo de Campos (Chalhub, 1986, p.72) :

“Para que a crítica tenha sentido – para que ela não vire conversa fiada ou desconversa é preciso que ela esteja comensurada ao objeto a que se refere e lhe funda o ser, pois a crítica é linguagem referida, seu ser é um ser de mediação.”

A crítica é o espaço intermediário entre obra e escritor e a obra e o leitor. Assim cabe ao crítico não um opinar subjetivo, mas de posse de um repertório, promover um julgamento estético que colabore para o apuro da obra, fazendo uso de instrumentos que estejam no mesmo âmbito do objeto analisado.

Verificaremos que em *A Barca de Gleyre* Monteiro Lobato realiza a função metalingüística, abrangendo todos os focos apresentados por Chalhub, ou seja, ao trabalhar o código pelo código, quando procura aprender sua própria língua, ao fazer uso da intertextualidade e por fim quando suas cartas adotam um teor crítico.

2.2. A lingüística institucional e as variedades lingüísticas

Como denominou Halliday (1974, p.98) o estudo de comunidades lingüísticas isoladas ou em contato, de variedades de línguas e de atitudes com relação à língua compõem os assuntos especiais que são abordados pela lingüística institucional.

Para adentrarmos nos estudos referentes a essa lingüística é mister o conhecimento do comportamento dos usuários da língua e de sua comunidade.

“Comunidade lingüística é determinada quando um grupo de homens que se consideram a si mesmos falarem a mesma língua .”(Halliday 1974, p.100)

Porém, o confronto entre as comunidades lingüísticas pode resultar em um problema sociolingüístico denominado bilingüismo. Temos dessa forma o falante nativo de uma língua, que utiliza uma segunda , parcial ou imperfeitamente.

As línguas maternas, no entanto, têm seu *status*, uma vez que para os indivíduos bilingües a segunda língua não substitui a primeira , embora pode-se até alcançar um certo grau de competência na língua estrangeira.

Em outro âmbito, temos casos em que uma comunidade lingüística em sua totalidade tem contato com outra e abandona sua primeira língua, ou até mesmo, colabora para o surgimento de uma língua mista, com aspectos de ambas . Há casos em que uma determinada língua é adotada apenas como meio de comunicação para certa atividade, o que Halliday (1974, p.100) reconhece como língua franca.

Halliday (op.cit.) esclarece que “a variedade de uma língua que o indivíduo utiliza é o reflexo dele”. Um indivíduo aprende uma primeira língua e uma variedade particular da língua de sua comunidade, que pode ser diferente de outras variedades da mesma língua, a qual chamamos dialeto.

- dialeto – a variedade de uma língua diferenciada de acordo com o usuário;
- registro – a variedade de uma língua de acordo com o uso.

Embora seja condição da língua sua modificação, existem regiões onde ocorre pequena mobilidade, o que ocasiona uma fragmentação. Dessa forma, os dialetos divergem um do outro, a ponto de ocasionar uma ininteligibilidade. Exemplo disso é a presença de seis dialetos na China.

A utilização da língua franca pode ser uma maneira de sanar tal problema. Há casos também de se eleger uma língua padrão a partir de um dialeto.

Todos esses procedimentos lingüísticos têm como finalidade facilitar a comunicação, sendo que, Benveniste (1989, p. 98) respalda essa idéia quando argumenta que a língua é a interpretante da sociedade e contém a sociedade.

A fala de uma pessoa não é determinada apenas pelo seu local de origem, mas também por sua classe social, ou de procedência, ou até a que ela anseia pertencer.

Assim, seus dialetos são denominados sócio-regionais, tratados em Preti (1982, p.18), por variedades geográficas ou diatópicas e sócio-culturais ou diastrásticas.

A primeira variedade nos conduzirá ao confronto entre a linguagem urbana, que é a mais próxima da comum e a rural, mais conservadora, conforme Preti (1982, p. 19) temos :

- quando um falante declara qual língua considera falar define sua comunidade lingüística;
- quando o indivíduo declara qual dialeto fala, define sua comunidade dialetal.

De forma que as variedades lingüísticas estão intrinsicamente relacionadas :

- ao usuário ⇔ dialeto
- ao uso ⇔ registro

Como também, essas variedades podem se relacionar ao falante, ou a situação, ou a ambos.

À identificação de um sistema de variedades sócio-culturais da linguagem em qualquer área geográfica determina-se dialeto social , conforme Preti (1982, p.25):

- linguagem culta – aquela de maior prestígio e de utilização em situações formais;
- linguagem popular ou sub-padrão – empregada em situações coloquiais, de menos informalidade.

Note-se, embora o dialeto culto seja eleito pela própria comunidade como o de maior prestígio, do ponto de vista lingüístico não pode ocorrer diferenciações.

Preti (1982, p.25) faz um levantamento lexical e conclui que alguns vocábulos podem pertencer tanto ao culto como ao popular. Propõe um dialeto intermediário, que teria uma aceitação nas camadas de classe média, nos meios de comunicação e no próprio organismo escolar.

Com o objetivo de ampliar essa visão, vemos, que o registro nada mais é que uma indicativa de como os homens utilizam sua língua.

Existe, dessa maneira, uma convenção em que determinado tipo de língua deve ser adequada a certo uso, que por sua vez é determinado em função da situação, como observamos em Preti (1982, p.33) :

“Mas é possível estudar o problema sobre o enfoque do uso que um mesmo falante faz da língua e de suas variedades, em função da situação, entendendo-se como tal as influências determinadas pelas condições extraverbais que cercam o ato de fala.”

Uma grande quantidade de material gramatical e léxico é comum a muitos registros de determinadas línguas. Origina-se então o contínuo dialetal, que decorre da existência de aspectos comuns entre dialetos diferentes.

Sobre registros, vimos em Halliday (1974, p.110), que os mesmos podem ser classificados em três dimensões, de acordo com as situações em que a língua atua :

a- campo do discurso – refere-se àquilo que está acontecendo, à área de operação da atividade lingüística – é o assunto;

Exemplifica-se por meio da política, relações pessoais, registros técnicos.

b- modo de discurso – aspecto que determina o papel desempenhado pela atividade lingüística em uma situação – determina qual o objetivo da atividade lingüística;

A partir do estabelecimento desse modo, podemos tratar da distinção entre língua falada e língua escrita, de acordo com a situação.

As modalidades falada e escrita da maioria das línguas modernas são muito próximas, o que não ocorre com o inglês falado e escrito, que se diferem tanto na gramática quanto no léxico.

Reconhecem-se a partir de então novos gêneros, tais como as línguas dos jornais, da publicidade, da conversa e do comentário esportivo.

“Na literatura, particularmente, a atividade lingüística é por assim dizer auto-suficiente. Por outro lado, nos vários modos falados, e em alguns escritos, as expressões orais freqüentemente se integram com outra atividade não lingüística, formando um único fato.” (*Halliday, 1974, p. 116*)

Percebe-se que a literatura se porta de forma auto-suficiente, na medida em que explica sua atividade em relação à situação.

Temos assim, a última dimensão destacada por Halliday.

c- estilo de discurso – refere-se às relações entre os participantes.

Relações essas que determinam aspectos da língua, que nos remetem a distinção entre linguagem coloquial e polida. São os participantes dessas relações que determinam o estilo do discurso que varia, passando por diversos graus de permanência; logo podem ser passageiras ou permanentes.

Prete (1982, p.35), classifica essas variações, quanto ao uso da língua pelo mesmo falante, também em função das variações de situação:

- nível de fala ou registro formal – empregado em situações de formalidade, predomínio da linguagem culta, comportamento tenso, refletido, vocabulário técnico;

- Nível de fala ou registro coloquial – empregado em situações familiares, diálogos informais, predomínio de estruturas e vocabulário da língua popular, gírias e expressões obscenas.

À proporção que as situações se alteram, o falante muda de registro, de forma que as diferenças podem ser pequenas ou não; depende se o uso da língua na nova situação é muito diferente do uso da antiga.

Relacionar uso a usuário nos conduzirá ao idioleto, que provém logicamente do indivíduo, que é a menor unidade dialetal.

O idioleto, conforme Preti (1982, p.16) , pode se dividir em : idioleto produtivo, quando o indivíduo utiliza dos conhecimentos lingüísticos em seu ato de fala, ou idioleto receptivo ao reconhecer a linguagem dos emissores, conhecimento passivo.

Esse indivíduo também poderá ajustar de forma consciente seu desempenho lingüístico para incorporar a linguagem de uma geração jovem, de tal forma que a unidade dialetal será o indivíduo em um certo período de sua vida.

A cada situação típica ocorre um determinado uso da língua e isso colabora para a demarcação e diferenciação de registros e dialetos de acordo com os aspectos de campo, modo e estilo. Razão é que em um ato de fala teremos o registro e o dialeto, que serão realizados a partir da expressão vocal, a unidade institucional mínima da atividade da linguagem, visto em Halliday (1974, p.120).

É premissa que para a análise científica só interessa o estudo de diferentes fatos que são julgados parcialmente semelhantes, ou seja, uma indicativa de existência de aspectos comuns em um fato e outro. Halliday (op.cit) sugere como método de delimitação a análise de um indivíduo em diversas situações, a fim de fazer a intersecção do idioleto e do registro para alcançar a definição institucional do estilo individual.

Porém, existem os registros com finalidade restrita. Empregam um número limitado de elementos e padrões formais; temos então as línguas restritas.

O caráter individual do desempenho lingüístico transparecerá mesmo na língua restrita e isso ocorrerá também nos registros escritos, uma vez que o idioleto de um indivíduo pode ser identificado pelos registros, suas características gramaticais e léxicais.

“Toda forma lingüística ou pertence à gramática ou ao léxico, e no primeiro caso são os aspectos gramaticais e léxicos da língua individual do escritor, juntamente com alguns poucos aspectos da pontuação que constituem seu estilo.” (*Halliday, 1974, p.121*)

O estilo é a forma lingüística correlacionada com a forma literária. Contudo, o estilo de um escritor é mutável de acordo com o gênero praticado.

Embora a literatura represente apenas uma parte da língua escrita, o caráter lingüístico único de uma obra tem maior significação que a individualidade de uma variedade da língua em outro uso.

A observação das realizações lingüísticas e das variedades da língua é, como afirmamos na p. 24, uma preocupação da lingüística institucional. Os juízos de valor estão intrínsecos no indivíduo, porque pode-se preferir um uso ao outro.

Halliday (1974, p.109) exemplifica que o inglês é preferido como língua padrão em determinadas situações nas antigas colônias. O que indica preconceito lingüístico, no sentido de que toda língua é igualmente bem adaptada aos usos de sua comunidade.

O autor afirma não existir língua primitiva, pois nenhuma língua é mais desenvolvida que outra, o que ocorre é uma predileção individual.

Os estudiosos têm consciência da natureza artificial e arbitrária, das noções convencionais do que pode ser bom ou mau para o processo da comunicação, visam a colaborar por meio de seus estudos

para que a língua seja realmente fator de interação social e nunca de desprestígio ou discriminação.

2.3. Relações entre língua escrita e língua falada

Vários são os estudos que abordam a língua oral e a língua escrita com o objetivo de detectar as relações entre ambas. Dentre esses estudos, interessa-nos apenas os que possam trazer contribuição às nossas indagações sobre a presença de traços de oralidade na língua escrita, no discurso epistolográfico lobatiano.

A fim de compararmos as modalidades de uso da língua, partiremos da premissa encontrada em Marcuschi (1986, p.62) ao considerar que, “tanto na produção oral como na escrita o sistema lingüístico é o mesmo para a construção das frases, as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados.”

Língua falada e língua escrita diferem-se quanto à forma, à gramática e aos recursos expressivos, conforme Vanoye (1979, p.39). E Akinaso (1982, p.111) complementa que elas “são estruturalmente diferentes porque diferem quanto ao modo de aquisição, método de produção, transmissão e recepção e nas formas em que os elementos de estrutura são organizados. de forma que os enunciados escrito e falado são estruturalmente diferentes, pois diferem entre si.”

A fim de ilustrarmos , organizamos no quadro⁴ a seguir algumas características:

⁴ Este quadro foi apresentado pelo Prof. Hudinilson Urbano em seu curso “Oralidade na escrita” ministrado na FFLCH em 1999, do qual a aluna participou como aluna-especial.

EXTERNAS	LÍNGUA FALADA	LÍNGUA ESCRITA
Aquisição	Natural/inconsciente	Técnica/método
Produção A	Enunciação/interação imediate	Enunciação
Transmissão	Som/gestos	Escrita
Recepção	Fugaz/audiência visível	Perene/difusa
Tensão	Dinamismo	Releitura como leitor

Conforme Marcuschi (1995, p.13), “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.” Em uma das extremidades desse *continuum* estaria a escrita formal e, na outra, a conversação espontânea, coloquial.

Dentro desse *continuum*, podemos verificar que existem textos escritos que se situam mais próximos ao pólo da conversação espontânea, como ocorre em bilhetes e cartas familiares, enquanto há textos falados que se aproximam do pólo da escrita formal, como vemos em conferências, palestras e entrevistas.

De maneira que tanto a fala como a escrita percorrem um *continuum* que vai do nível mais formal ao informal, ou vice-versa, atravessando graus intermediários.

A escrita é vista como uma estrutura complexa, formal, independente do contexto, enquanto a fala apresenta uma estrutura simples ou até mesmo desestruturada, e muito dependente do contexto. Por essas e outras características como pausa, hesitações, truncamentos, a língua falada era até 1960 considerada como um lugar caótico.

A partir dos adventos dos estudos do texto falado, o enfoque foi deslocado em direção ao processo em si. De maneira que, a linguagem

empregada no texto discursivo deve ser vista apenas como simples verbalização, devendo ser observadas quando da análise textual as condições de produção. Os fatores que poderiam ser considerados distintivos entre fala e escrita correspondem apenas a diferenças estruturais.

Ao se realizar um estudo sobre língua falada, é fundamental analisar de que forma se instaura a conversação, gênero típico da língua falada.

Entendemos por conversação uma atividade iniciada de forma espontânea e livre na vida cotidiana, geralmente face a face, entre interlocutores que se comunicam alternadamente sobre determinado assunto em uma situação social e tempo específicos e reais.

No diálogo, os interlocutores alternam seus papéis de falante e ouvinte, e a partir dessa atividade interacional resulta o texto conversacional, elaborado numa determinada situação de comunicação.

Nota-se que todo evento de fala acontece num contexto situacional específico, entendido como ambiente extralingüístico, ou seja, a situação imediata, o momento e as circunstâncias em que tal evento acontece, envolvendo os próprios participantes com suas características individuais e os possíveis laços que os unam.

O processo interacional que combina os dados verbalizados com dados paralingüísticos como gestos, olhares, movimentos corporais dos interlocutores, servem para dar conta do contexto situacional em que se desenrola a conversa. Essa se organiza à medida que se desenvolve, passo a passo, tendo como referência à questão do tema desenvolvido, a saber em Rodrigues (1993, p.20) :

“(…) o texto é resultado de um trabalho cooperativo dos interlocutores, que o vão compondo à medida que a conversa se realiza. Assim planejamento e realização do discurso coincidem no eixo temporal, ou são praticamente concomitantes. Conseqüentemente, ‘cada turno pode colocar uma reorientação, mudança ou quebra do ponto de vista em curso’

(Marcuschi,1976), e marcas do processo de planejamento ou de replanejamento, podem ser detectadas no texto falado.”

Por outro lado, a língua escrita tem de compensar a ausência da situação concreta, fornecendo, lingüisticamente, informação, ou seja, precisa ocorrer a recuperação lingüística do componente situacional (Halliday, 1974, p.121) .

O único sujeito presente no texto é seu autor, que está sempre preocupado em produzir algo convincente para diferentes leitores, em diferentes momentos, em diferentes lugares.

Há de se notar que, em razão do ritmo acelerado da fala, surgem vários mecanismos para controlar o fluxo de informação e as disfluências, como as reformulações, repetições, hesitações, anacolutos e outras ocorrências que deixam marcas do processo de construção.

Na língua escrita, pode ocorrer o planejamento temático, pois, quando alguém elabora um texto, tem conhecimento prévio do tema a desenvolver.

Paralelo ao planejamento temático, ocorre o planejamento lingüístico, porque o escritor dispõe de tempo para formular e reformular seu texto, podendo ou não empregar construções elaboradas e complexas. De forma que o texto escrito não apresenta marcas de possíveis revisões durante sua construção, deparando-se o leitor com um produto acabado.

Também com referência ao texto escrito, é notório que o escritor não necessita empregar mecanismos de controle de fluxo informacional, pois o leitor dispõe de tempo para ler e reler o texto. Tais recursos de monitoramento e controle de fluxo de informação só são empregados na escrita quando esta se preocupa em imitar o processo de produção da fala.

Em relação ao envolvimento e distanciamento entre falantes, constatamos em Urbano (2000, p.90), que na fala o envolvimento com o

tema é manifestado mais explicitamente, com as ocorrências *eu acho*, *eu penso*, ainda hesitações, repetições etc, que sinalizam o desejo, intenção e até angústia do falante na explicitação do tópico.

Na escrita, o envolvimento ocorre e normalmente é até maior, mas não há marcas explícitas do mesmo, caracterizando-se aparentemente uma situação de distanciamento pessoal do escritor. Ou como diz Marcuschi em Urbano (op.cit., p.90):

“É interessante observar, nestes casos, que as marcas vão ficando cada vez menos explícitas, quanto mais nos afastamos do envolvimento com o eu rumo ao tópico ou ao conteúdo. Isto leva à hipótese de que quanto maior o envolvimento consigo e com o outro tanto maiores as marcas típicas da fala e menores elas serão no caso do envolvimento com o tópico .”

Observamos que na língua escrita configura-se uma situação de comunicação bem diferente da oral. Não temos o ouvinte face a face, não conhecemos as reações que nossas palavras provocam, não dispomos de recursos entonacionais; há apenas uma produção solitária, pois autor e leitor não ocupam o mesmo tempo e espaço no momento em que desempenham suas tarefas de elaborar e decodificar o texto escrito. De maneira que não há envolvimento direto entre escritor e leitor, ocorrendo assim apenas um envolvimento do autor com o texto, com um leitor fictício e com o tema .

Isso nos reporta aos estudos das marcas de oralidade nas cartas lobatianas. Repetições, gírias e construções fixas são recursos utilizados pelo autor para envolver seu interlocutor, tornar o texto menos tenso e mais próximo de uma conversa, como ele mesmo denomina :

“(...) conversar com você foi o meu substituto de conversar comigo mesmo em noites de lua – porque nunca tive tempo de conversar comigo mesmo de dia e ainda menos agora que minha vida virou um

rush de subway no Times Square às 5 horas. E só conversávamos um assunto... (sublinhado nosso) (*A Barca II*, 67, 1928).

Capítulo 3

Repetições

Introdução

Serão apresentadas teorias lingüísticas que respaldem o trabalho no que concerne às repetições, seus tipos, funções e características.

A repetição é uma das principais estratégias de formulação textual da língua falada, fato demonstrado pela grande presença de repetições literais, construções paralelas, pares de sinônimos, repetições da fala do outro na estrutura superficial de texto, de forma a refletir no aspecto interacional do discurso.

3.1. Repetição: fator imprescindível na textualização da língua falada .

Entende-se por repetição uma das estratégias básicas de construção de discurso, que facilita acima de tudo a interação.

Como se observará , a repetição será tratada neste trabalho a partir de um conceito amplo, incluindo não só as repetições de elementos lingüísticos, como de estruturas e até certos tipos de paráfrases.

A fim de fundamentar o processo da repetição na presente pesquisa serão considerados os estudos de Marcuschi : “A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo” (1990) e “A

repetição na língua falada como estratégia de formulação textual”(In: Koch, 2002).

Conforme o Koch (op. cit., p.106), a repetição não é um simples ato metalingüístico, pois expressa algo novo, mesmo por meio de segmentos discursivos idênticos. Funcionam como formas estereotípicas, em situações de rituais da sociedade como nos pares de cumprimentos, agradecimento, despedidas.

As repetições contribuem também para a compreensão mais rápida de palavras e expressões novas, pois quanto mais convencionalizados forem um sentido, palavra ou expressão, mais instantâneos serão seus processamentos.

No tocante à produção, os segmentos repetidos podem distribuir-se entre auto-repetições e hetero-repetições. As auto-repetições são de ordem cognitivo-interacional produzidas pelo próprio falante, que podem orientá-lo ou a seu interlocutor. Como orientadoras deste último, as auto-repetições funcionam de modo a facilitar e garantir a compreensão, substituir ou reparar a forma inicial.

Já a hetero-repetição é a repetição da fala do outro e possui várias funções como: ganhar tempo de planejamento, demonstrar atenção, interesse, concordância etc. Essas são necessárias por favorecerem no discurso a função interacional, pois complementam as declarações do interlocutor.

Na formulação da repetição, consideramos a matriz (M), isto é, o segmento que serve de base na construção da repetição (R), a repetição propriamente dita, o segmento que retoma e repete a matriz.

Consideraremos três categorias para nortear nossa pesquisa sobre a repetição: mecanismo de coesão, recurso retórico e efeitos semânticos. Categorias essas utilizadas por Johnson (apud Koch, 1998, p.95).

a- Mecanismo de coesão

A coesão é fator básico na composição textual e conforme Marcuschi (In: Koch 2002, p.117) atua em duas perspectivas : a coesão referencial e a seqüencial.

A coesão referencial pode ser efetuada por classes gramaticais (pronomes, numerais advérbios, artigos) ou por recursos de ordem lexical (sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, reiteração de um mesmo grupo ou parte dele, e por elipse), há portanto, reiteração por ordem gramatical e lexical.

A remissão dos referentes pode se dar também por inferenciação, ou seja, por meio de conhecimentos que fazem parte de um mesmo “frame”, conteúdos que estão presentes na mente dos interlocutores, e que podem estar relacionados a elementos presentes na superfície do texto. Esse processo de referenciação é denominado anáfora semântica ou profunda.

b- Recurso retórico

Quando usada de forma intencional, a repetição assume funções retóricas como : didática, intensificadora e argumentativa. A reiteração de itens lexicais, expressões, paralelismos, tem a função de persuadir o interlocutor ou de promover a compreensão de uma idéia, portanto, a repetição promove a presença retórica.

Podem ser incluídas nesta área, as repetições utilizadas com finalidade estilística e poética, visto que vários estudos realizados sobre retórica demonstram o aproveitamento estilístico da repetição nas figuras de linguagem.

Marcuschi (In: Koch, 2002, p.106) trabalha o recurso retórico das repetições, inserido no plano discursivo e enfatiza a qualidade delas em promover a compreensão.

Com efeito, facilitam a compreensão todas as repetições que dão pistas para entender o que se quer dizer, caso especificado pelo mesmo autor (op.cit, p.,123) no segmento a seguir, em que a intensificação presente obedece a um princípio de iconicidade, de forma que o maior volume de linguagem idêntica em posição idêntica equivale a um maior volume de informação.

(27) 1 L2: [...] *mas eu acho que ele falava tanto*

2 *tanto*

3 *tanto*

4 *e eu o admirava muito*

5 *eu tinha a impressão [...]*

(D2-SP-360:1.519-21)

As repetições com funções de esclarecimento explicitam as informações graças a expansões sucessivas, dadas pela repetição com variação ou com pequenas paráfrases como no caso abaixo (idem, p.123) :

(29) 1 L1: *você acha que ... desenvolvimento é BOM ou é ruim ?*

2 L2 *desenvolvimento em que sentido ?*

3 L1 *crescimento... o Brasil diz-se basicamente*

4 *subdesenvolvimento e diz-se também*

5 *que ele está crescendo...*

6 *desenvolvendo*

(D2-SP-343:497-503)

c- Efeitos semânticos

Os efeitos semânticos da repetição de itens lexicais e morfemas têm sido uma preocupação no campo da semântica, estilística e da retórica. Alguns efeitos mencionados são a intensidade, a ênfase, a frequência, a reiteração, a continuação, a progressão e a habitualidade.

Conforme Ishikawa (apud Koch, 1998, p.98), há três principais efeitos da repetição : intensidade, reiteração e continuação, que representam significados icônicos no nível do discurso, havendo uma correspondência entre forma e sentido.

Por exemplo a quantidade aumentada da forma assemelha-se à quantidade aumentada de significado da forma, ou seja, a repetição denota intensidade; a forma repetida assemelha-se à ação repetida, propõe reiteração; a quantidade aumentada de forma assemelha-se à extensão de tempo aumentado durante a ação e produz efeitos de continuação.

Do ponto de vista da continuação, Marcuschi (In: Koch, 2002, p. 125) nos diz que a repetição além de colaborar com a coesividade, serve para introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos⁵ . O autor ainda faz uma relação dessas características com a manutenção da “fluência discursiva”. Assim a presença constante de um item lexical, pode ser o indício de que um tópico está sendo focado, caso que o mesmo autor (op. cit, p.125) exemplifica :

- (31) 1 L1: *e o demônio ?*
 2 *e o demônio na moda ?*
 3 *o que é que você acha do demônio da moda ?*

⁵ Em Urbano (2000, p. 93) tópico discursivo “é entendido como aquilo acerca do que se está falando, uma unidade pré-teórica referente a uma porção de texto sob a perspectiva do conteúdo.”

As repetições também têm papel importante na argumentação, na medida em que servem como estratégia para reafirmar, contrastar e contestar argumentos, o que é mostrado no segmento abaixo, em que o objetivo das repetições é promover a reafirmação do argumento expresso nas linhas 1 e 2 em Marcuschi (In: Koch, 2002,p. 129) :

(34) 1 L2: *a mercadoria mais cara no país ...*
 2 *inda é dinheiro*
 3 *como é caro comprar dinheiro*
 4 L1: *é o negócio mais caro*
 5 *inda é dinheiro*

(D2-REC-05:497-502)

3.2. Manifestações da repetição

Os estudos recentes consideram que a repetição é um mecanismo que contribui para tornar o texto mais coeso e coerente e admitem também que existem motivações cognitivas e interacionais em seu uso.

Marcuschi (In: Koch, 2002, p.109) classifica as repetições em :

- a. *repetições fonológicas (aliteração, alongamento, entoação etc.);*
- b. *repetições de morfemas (prefixos, sufixos etc);*
- c. *repetições de itens lexicais (geralmente N e V);*
- d. *repetições de construções subordinacionais(SN, SV, Sprep, Sadj, Sadv);*
- e. *repetições de orações.*

Consideraremos neste trabalho apenas algumas formas de repetição, referentes ao segmento lingüístico, como as formas de repetições de itens lexicais, de estruturas e de orações, por serem mais freqüentes no *corpus*.

3.2.1. Repetições lexicais

Entende-se por repetição lexical a reiteração de itens lexicais com identidade semântica de forma e referente que ocorrem dentro do mesmo tópico discursivo ou como retomada do tópico em outras partes do discurso. As repetições podem ser adjacentes ou distanciadas..

Em Marcuschi (In: Koch, 2002, p.111) vemos que as repetições adjacentes são mais fáceis de identificar, pois são normalmente de formas contíguas, reduplicadas.

As repetições não-contíguas, podem ocorrer quando um grande número de vocábulos se interpõem entre a matriz e a repetição, o que dificulta, em certos casos diferenciar repetição de uma forma e a repetição de um referente. Marcuschi (op.cit., p.106) exemplifica :

- (1) 1 1 L1: *você compra um carro*
 2 *você alu::ga... Ø*
 3 *quando você acaba de pagar*
 4 *você troca por outro Ø*
 5 *aí você continua alugando o carro*
 6 *você não tem carro nunca*
 L2: *e você vê... isso isso está descapitalizando o cidadão*

(D2-REC-266:525-529)

As repetições dos itens lexicais *carro* e *você* estão envolvidas no desenvolvimento do trecho citado, sem que haja identidade de referência entre as formas reiteradas. A palavra *carro* sofre alteração do referente,

explicitada através das linhas 1 e 5, enquanto o item lexical *você* se diferencia nas linhas 1 e 7, sendo na primeira apresentado como um indivíduo genérico e na sétima refere-se apenas ao interlocutor.

Considerando-se a organização do texto, a repetição lexical funciona como mecanismo de coesão, e, quanto ao aspecto discursivo, serve para manter o tópico. Considera-se também o aspecto interacional das repetições lexicais que auxiliam na compreensão, argumentação e no envolvimento dos interlocutores.

Em Marcuschi (In: Koch, 2002, p.112) observam-se outros aspectos das repetições lexicais.

(4) *L1: viu E. eu continuo achando que o Brasil só tem três problemas graves educação, educação e educação*

(D2-REC-05:319-21)

Nota-se que a palavra *educação* pretende transmitir ênfase, de maneira que L1 utilizou-a intencionalmente. Já nos segmentos abaixo, temos em (5) a repetição que sugere continuidade, (6) que estabelece um elo de coesão e (7) (8) que caracterizam a constituição de um tópico.

(5) *L1: então daí casou foi casando casando todo mundo e de repente*

(D2-REC-340:664-5)

(6) *L2: a sociedade de consumo é diferente... ela tem que pensar em produzir*

L1: pronto

L2: e não em economizar... economizar é uma consequência

(D2-REC-266:581-5)

(7) *L1: e se eu (saio) dali ou não basicamente eu posso não interferir no processo global... mas eu queria entender esse processo né ?*

(D2-SP-343:585-7)

(8) L2: (...) a bancar o cavalo não é ? como diziam meus avós

L1: co::rre cavalo do cão

L2: cavalo do cão::entendeu ? Era uma expressão antiga...

cavalo do cão quer dizer

(D2-REC-266:636-9)

3.2.2. Repetições de estruturas

Repetições sintagmáticas ou repetições de estruturas são aquelas que reproduzem orações ou constituintes oracionais de diversos tipos : SN, SV, Sprep, Sadj etc. Às vezes, elas se parecem com as repetições lexicais, posto que há itens lexicais que formam constituintes sintagmáticos plenos, outras vezes se assemelham às repetições oracionais, pois formam orações reduzidas ou elisões.

No segmento abaixo, nota-se que a repetição ocorre em qualquer ponto no interior das orações e que pode operar como reforço à ênfase proposta na matriz como em Marcuschi (In: Koch, 2002, p.114) :

(11) L1: porque isso que nos mata sobretudo

é a pressa

é a pressa de cada dia

L2: isso não / a pressa de cada dia éh éh éh éh ::

(D2-REC-05:197-210)

As repetições são formadas com verbos e nomes, sendo mais raras as repetições de adjetivos e advérbios isoladamente, a não ser em função sintática como em “*ele falava tanto tanto tanto que acabou cansando todo mundo*”.

3.2.3. Repetições de orações

As repetições oracionais ocorrem de forma integral (sem variação) ou parcialmente (com variações). Nesse último caso, temos 70% do total, que se concentra nas repetições adjacentes com variações, fato justificado, já que as orações são fenômenos de maior complexidade.

Nesse sentido, as repetições de orações apresentam uma diferença muito grande em relação aos sintagmas e itens lexicais, pois nestes era mais comum a presença de repetições integrais.

Para ilustrar o fato temos a seguir o exemplo de Marcushi (In: Koch, 2002, p.116) :

- (13) 1 L2: [...] eu por exemplo tenho ouvido coisas notáveis
 2 de [Dom Hélder no programa das seis
 3 L1: [é óbvio
 4 L2: horas [da manhã
 5 L1: [sim que é que tem isso
 6 L2: verdadeiras lições [de vida
 7 L1: [que é que tem isso ?
 8 L2: é um homem inteligente
 9 é um homem culto
 10 é um homem de grande valor
 11 L1: é um homem vivido
 12 L2: éh... é um homem que tem pressa também
 13 L1: okay
 14 L2: é um homem que deve ter éh...éh... preocupações enormes
 15 e não obstante isso não o priva de observar as belas coisas que
 aparecem cada dia.

(D2-REC-05:233-249)

Notamos que as linhas 8 a 11 apresentam uma série de orações de mesma estrutura VL+Predicativo (*é um homem inteligente, é um homem culto, é um homem de grande valor, é um homem vivido*). O verbo de ligação permanece e o predicativo varia em todas as orações. As repetições oracionais não operam como reforço, como pode ocorrer nas repetições de estruturas.

As repetições oracionais também podem promover o envolvimento e contra-argumentação , como no trecho a abaixo em que uma *matriz M1 (linha 3)* traz uma indagação citada (citação de fala) e na linha a seguir é repetida na forma modificada para um discurso indireto (citação do conteúdo), Marcuschi (In: Koch, 2002, p.116).

(14) 1 L2: *quer dizer toda pessoa chega no consultório ho::je*

2 *quando se dá o preço a pessoa pergunta*

3 *“doutor como é que eu vou pagar?”*

4 *e eu sei como ele vai pagar ?*

Serão apresentadas a seguir repetições de orações sem variações lexicais, denominadas de repetições integrais. No exemplo a seguir , (Marcuschi, 1990, p.17), observamos um caso de hetero-repetição integral com orações formalmente iguais, porém como realizadoras de atos ilocutórios diversos .

(9) L1 *tem outro tipo de diversão que: ultimamente agora*

em Recife aqui tá bom e passear de metro

L2 *passear de metrô ?*

L1 *passear de metrô*

éh:

é delicioso

(D2-REC, 340:899-904)

As repetições integrais podem ocorrer em perguntas, mantendo a mesma estrutura da matriz como se vê em (10) , ou ser uma forma de confirmação de opinião como se observa em (11), exemplos citados por (Marcuschi, 1990, p.17) :

(10)L2 *mas qual a coisa que tu gosta MAIS de fazer ?*

assim quando tá cansada do dia a dia

que é que tu gosta de fazer ?

(D2-REC,341:79-82)

(11)L1 *éh é muitas vezes você pode sair à toa ...*

você sai à toa ...

você tá de saco cheio

você sai à toa

(D2-REC, 340:36-40)

As repetições também podem se apresentar de forma parcial (mesmo padrão sintático, mas com variação lexical parcial) e são muito freqüentes. Em alguns casos, mantém-se um núcleo comum e varia-se o restante como ocorre no trecho a seguir, também utilizado neste trabalho para ilustrar a diferença entre as repetições de orações e as de sintagmas e itens lexicais , Marcuschi, (In: Koch, 2002, p.116) :

(13) 1 L2: [...] *eu por exemplo tenho ouvido coisas notáveis*

2 *de [Dom Hélder no programa das seis*

3 L1: *[é óbvio*

4 L2: *horas [da manhã*

5 L1: *[sim que é que tem isso*

6 L2: *verdadeiras lições [de vida*

7 L1: *[que é que tem isso ?*

8 L2: *é um homem inteligente*

11 *é um homem culto*

12 *é um homem de grande valor*

11L1: é um homem vivido

12L2: *éh... é um homem que tem pressa também*

13L1: *okay*

14L2: *é um homem que deve ter éh...éh... preocupações enormes*

15 e não obstante isso não o priva de observar as belas coisas que aparecem cada dia.

(D2-REC-05:233-249)

Observe que as linhas destacadas nos segmento (13) têm a mesma estrutura (VL+ predicativo) seguida de um termo variável, não repetido, por isso parcial. Há um núcleo fixo e uma parte variável. Pode-se verificar também a hetero-repetição oracional parcial de L1 *é um homem vivido* em relação à matriz *é um homem inteligente*.

Há casos de repetição parcial em que ocorre uma variação por contraste/oposição ,quando se invertem semanticamente itens lexicais na mesma estrutura. Uma característica comum a essas repetições por oposição é a noção de negação explícita ou implícita realizada por elementos lexicais que formam estruturas contrastivas. As oposições deixam transparentes repetições paradigmáticas, o que é visto em (Marcuschi, 1990, p. 19).

(13) L1 /.../ *muita coisa ele vai aproveitar*
mas também muita coisa ele vai desperdiçar

(D2-SP, 62:364-65)

Há casos de oposição com opiniões distintas em paradigmas (op.cit., p. 20).

(14) L1 *toda vez que eu posso viajar por terra não viajo de avião*
L2 *ah não eu não vou por terra aonde eu posso ir de avião*

(D2-REC, 05:926-929)

Observe que não ocorreu mudança na posição dos constituintes em relação à oração-matriz. O contraste é estabelecido pela oposição de opiniões entre os enunciados de L1 e L2. Não nos estenderemos neste caso, uma vez que em nosso corpus não temos a presença real do interlocutor, de forma que dificilmente encontrar-se-á o contraste entre falantes.

Outro tipo de oposição pode ser visto também em (Marcuschi, 1990, p.21), em que a antonímia lexical estabelece contraste e é reforçada pela inversão da palavras.

(15) L1 *aqui quem faz economia é rico*
 que gente pobre
 não faz economia

(D2-REC,266:594)

O esquema de oposição em (15) é criado pela inversão de posições na estrutura sintática e pelo efeito discursivo :

faz economia o rico
 ↙ ↘
gente pobre não faz economia

A repetição também se dá por meio de listagens, ou formação de listas, seqüências, que geralmente ocorrem com variação lexical e manutenção de uma estrutura sintática. De formatos variados essas listas podem constar de palavras, construções subordinadas ou orações. Quanto à forma distinguem-se em dois grupos : listas abertas e listas fechadas, no segmento abaixo, extraído de Marcuschi (In: Koch, 2002, p.118) é apresentada uma lista aberta, que pode ser continuada.

(15) 1 L2: // *você conhece índia que morreu de amor*

- 2 *você conhece índia que morreu de amor*
- 3 *você conhece índio que morreu guerriando pela amada*
- 4 *você conhece índio que morreu em luta de tribos*
- 5 *você conhece índio que foi morto*

6 *porque o outro queria tomar a chefia da tribo*

4 *queria virar pajé*

5 *etecétera*

6 *etecétera*

(D2-REC-266:1.741-1.70)

Em listas abertas, os elementos listados podem prosseguir, pois não são completas e, em alguns casos, finalizam com um marcador de continuidade como *etecétera*, *coisa e tal*, *e por aí afora* entre outros.

De outra forma, nas listas fechadas ocorre uma lista de elementos, que em determinado momento se encerra sem dar a entender se poderia haver prosseguimento, como a seguir é demonstrado .

(17) 1 L2: *éh:: agora*

- 2 *hoje não se sabe quem é o pai*
- 3 *não se sabe quem é o filho*
- 4 *não se sabe quem é mãe e esposa*
- 5 *não se sabe quem:*
- 6 *não se sabe nada*

(D2-REC-266:1.094-1.098)

Segundo Marcuschi (In: Koch, 2002, p.119) as listas são importantes e muito utilizadas pois, além de constituírem uma estratégia comum para a conexão inter-frástica, criam um ritmo especial na interação e possibilitam um maior desenvolvimento.

No tocante ao aspecto interacional, as listas podem ser produzidas por apenas um falante ou apresentar uma estrutura colaborativa como elencamos anteriormente p. 51 (13), ao serem comentadas as virtudes de Dom Hélder.

Quanto à natureza do que é listado, podem ocorrer listagens de pessoas, ações, fatos, objetos, situações, lugares, números, argumentos. A listagem é uma forma de comentar sucessivamente o tópico sem que haja desvio.

Conforme observamos no decorrer da caracterização da repetição, notamos que ela não é apenas o resultado de uma produção realizada local e momentaneamente e sim constitui uma estratégia regular na formulação da fala.

A repetição contribui para a coesividade textual e na condução do tópico, assume também funções argumentativa e interativa, constitui, portanto, um mecanismo de produção textual-interativo que processa e seqüencializa a informação .

Ela garante a receptividade do texto, fator este importante para nossa análise que é pautada em cartas, trocadas ao longo de quarenta anos e que foram sem dúvida receptivas ao interlocutor.

Capítulo 4

Gíria

Introdução

Serão apresentadas teorias lingüísticas que respaldem o trabalho no que concerne às gírias, seus tipos, funções e características.

A gíria, conforme (Prete, 2000, p.241), constitui um vocabulário típico da língua falada e sua presença na escrita reflete somente um recurso lingüístico, que tem objetivos determinados, como indicar a fidelidade de uma transcrição, criar uma interação mais eficiente do escritor com seu leitor, dar maior realidade ao diálogo literário ou teatral, comprovar um uso em desacordo com o vocabulário dos falantes cultos, caso em que é transcrita entre aspas.

4.1. A Linguagem gírica:

Conhecer a história da gíria é percorrer o mundo da marginalidade, a vida do grupo dos excluídos da sociedade, que buscam a criação de um vocabulário próprio, uma forma de defesa para suas comunidades restritas.

Dentro da comunidade em que é empregada, a linguagem se diversifica e assume novas formas, com características próprias, que visam a atender às necessidades dos falantes dos grupos.

Esses falantes produzem suas linguagens especiais com novos termos, cujos elementos revelam as raízes da língua comum, ou seja, a

criação de palavras novas, que utilizam os mesmos processos de criação previstos pela norma gramatical.

Essa forma de expressão é um meio coeso empregado por grupos de indivíduos em circunstâncias especiais dentro da sociedade. Está relacionada, portanto, com grupos sociais restritos e se distingue da linguagem corrente exatamente por servir como forma de comunicação mais ou menos secreta para um número limitado de indivíduos.

A gíria, essa linguagem especial, é um fenômeno lingüístico que reflete a estrutura social do grupo que a emprega como parte essencial da comunicação e diferencia o que é de uso grupal em oposição ao que é de uso e toda a comunidade.

Esse fenômeno só é compreendido pelos indivíduos de um mesmo grupo que têm uma vida em comum, isolada da sociedade.

Quando esse vocabulário passa a fazer parte de um meio restrito, onde se atualiza, assume para os estranhos um aspecto criptológico..

A partir do momento que um grupo específico, conscientemente, passa a utilizar um léxico secreto especial como arma de defesa ou ataque à sociedade, tem-se a gíria.

De maneira que a gíria, caracterizada como vocabulário especial, surge como um *signo de grupo*, com caráter secreto por fazer parte de um grupo restrito, permanece intencionalmente secreta e proporciona a identificação entre os falantes do grupo.

A finalidade da gíria consiste na defesa do grupo que dela se utiliza para marcar identidade, como elemento de auto-afirmação, uma vez que falar sem ser compreendido por outros que não fazem parte do grupo propicia uma sensação de superioridade; como agressão, pois afronta a sociedade com uma linguagem própria, irônica, que muitas vezes, contradiz a norma estabelecida.

4.2. Gíria comum e gíria popular

No estudo elaborado por Urbano (2001, p.182) a gíria comum é entendida como certa parte do vocabulário usado na linguagem da comunicação cotidiana necessária, espontânea e despolicada, falada comumente pela média da população urbana e contaminada pelas linguagens especiais das pequenas comunidades. O autor ainda diz apropriar-se da expressão “gíria comum”, utilizada por Preti (1984), quando se refere à vulgarização da gíria propriamente dita, decorrente das migrações constantes fora do limite do grupo.

A gíria comum difere da gíria num sentido restrito, relaciona-se ao “signo de grupo”, que sofre freqüente crítica como já especificamos acima, mas que também produz uma curiosidade na comunidade maior, que por sua vez se vê influenciada por ela.

Para Preti apud Urbano (2001, p.182) *“a gíria é um signo de agressão e defesa, pelo que é compensatória e hermética, graças à mera alteração de significados por processos metafóricos, ou, em menor escala, à deformação dos significantes dos vocábulos, ou, ainda por ambos os processos, isto é, por alteração semântica e por deformação da forma ao mesmo tempo.”*

O percurso da gíria é iniciado no momento em que um grupo restrito utiliza uma linguagem especial, se essa linguagem (a gíria do grupo) entra em contato com a sociedade e é divulgada, principalmente pelos meios de comunicação, que tendem a unificar a linguagem; torna-se pública e cai no domínio público e passa a figurar no vocabulário popular, deixando assim de ter o caráter de signo de grupo.

A gíria, criada a partir de um *grupo restrito*, passa posteriormente à *gíria comum* e, finalmente vem integrar-se à *linguagem comum* ao ser empregada pela comunidade, e conseqüentemente dicionarizada,

normalmente com a denominação de vocabulário *familiar* ou *popular*, não constitui um processo obrigatório.

Os termos gíricos podem se vulgarizar e atingir a linguagem comum ou podem se desgastar pela alta freqüência de uso e desaparecerem.

A vulgarização da gíria exige rápida reposição dos termos com a criação, pelo grupo restrito, de novos termos ou a invenção de novos significados, para manter o vocabulário secreto e original.

Esse fator determina a efemeridade gírica. A reposição constante dos termos da gíria proporciona a multiplicação das palavras sinonímicas e variantes.

Surgem, assim, várias denominações para um significado como ocorre, por exemplo, com o termo dinheiro : bofunfa, capim-mimoso, gaita, grana, tutu, quireras, trocadinho etc. Esses vocábulos sinonímicos passam até mesmo a ser dicionarizados, prova evidente da sua integração ao léxico que se avoluma.

A recriação compensatória dos termos vulgarizados resulta no enriquecimento contínuo da linguagem. Esse dinâmico movimento ocorre pela gíria ser um desenvolvimento parasitário da linguagem comum, alimentando-se dela e podendo a ela retornar.

Nota-se que ocorre um processo de trocas mútuas, pois ao mesmo tempo em que a língua muitas vezes empresta termos à formação de gírias, poderá recebê-los novamente, porém modificados, com novas acepções que, pela carga de expressividade e alta freqüência poderão se incorporar à linguagem comum.

Não se pode deixar de mencionar que a gíria, principalmente a dos marginais, está relacionada à questão do *prestígio lingüístico*.

Atualmente a gíria adquiriu maior aceitabilidade na sociedade ou, pelo menos, entre os estudiosos desse fenômeno que admitem que esse tipo de linguagem é, em algumas situações, essencial, portanto,

vem perdendo gradualmente a conotação de *linguagem baixa*, *linguagem de malandro*.

Essas marcas que, provavelmente, estão ligadas à acepção original do termo gíria que a descrevia como a língua secreta dos malfeitores, dos vagabundos, ou seja, das classes marginais com finalidade criptológica, para ser reconhecida como uma forma de registro da linguagem .

Destacamos abaixo algumas características do fenômeno gírico , inserido em um grupo restrito, de maneira que a gíria comum será aquela que perdeu ou teve essas características amenizadas.

- a- forma lingüística conflituosa com a sociedade, pois rompe à norma;
- b- efemeridade, pois a gíria de grupo ao perder seu caráter criptológico é rapidamente substituída;
- c- linguagem agressiva e algumas vezes irônica, pois pode ser utilizada para chamar a atenção, chocar, confundir, surpreender e até ridicularizar a sociedade por meio da degradação semântica;
- d- linguagem afetiva, pois tende a manifestar sentimentos que visam a agredir a sociedade, ao mesmo tempo em que garante a defesa do grupo; funciona como uma catarse, ou seja, como elemento compensatório das frustrações do grupo;
- e- forma de identidade e de auto-afirmação do grupo-falante;
- f- linguagem inacessível aos não iniciados no grupo.

Leite de Vasconcelos apud Urbano (2001, p.183), nos diz que “*pela análise comparativa de vocábulos colhidos em diferentes localidades, podemos chegar a descobrir relações sociais, dignas de se conhecerem*”, como é o caso do presente trabalho que objetiva vislumbrar um pouco da relação existente entre dois escritores. O autor ainda complementa que “*as gírias revelam operações lingüísticas muito curiosas, como na formação de palavras, na estrutura da frase, na etimologia etc- e que tudo tem valor para ajudar a conhecer a evolução da linguagem*”.

4.3. Processos de formação das gírias

A gíria é uma forma parasitária da língua comum, posto que não possui um léxico particular, utiliza-se, de alguns processos de formação da língua portuguesa, da qual utiliza como principal fonte a fonética, a morfologia e o léxico.

Além desses recursos, a gíria serve-se também de outras formas para enriquecer seu léxico como o emprego de palavras arcaicas, às quais emprega com novos sentidos, fazendo-as reviver sob novo vigor; o empréstimo e palavras de outros dialetos, do latim e de línguas estrangeiras com as quais o grupo mantém maior contato.

A gíria, não obstante, utiliza-se de desvios, ampliações ou especificações semânticas para os signos existentes. Surgem daí denominações como *carvão* por *dinheiro*, *coisa* por *indivíduo*. Outras vezes, uma palavra recebe significado de outra por semelhança de seus significantes como *bronca* por *bronquite*.

A fim de criar e recriar seus vocábulos, os falantes de gíria recorrem ao léxico da língua, apropriando-se das categorias adjetiva, substantiva e verbal.

O léxico passará por processos de formação emprestados da língua, dando-lhe contornos especiais que satisfazem às necessidades do grupo, tornando-se gíria. Podemos considerar que sob esse aspecto, a gíria e a linguagem comum se identificam, pois recorrem aos mesmos processos de formação.

A seguir caracterizaremos alguns processos de formação de termos gíricos baseados nos estudos de Urbano (2001), Cabello (1984 e 1991), Pinto (1975) e Castro (1947).

Os procedimentos lingüísticos serão considerados a partir do significante, ao efetuarem modificações nas formas dos vocábulos comuns; e do significado, ao ocasionarem alterações de significados para os significantes existentes na língua comum.

4.3.1. Significante

A formação de gíria operada no plano da expressão recorre aos mesmos processos fonético e morfológico da língua comum.

4.3.1.1. Formação/deformação de significantes

Os processos abordados neste item se referem aos aspectos de formação e/ou deformação de palavras de caráter morfológico e fonético.

a- Por sufixos e alongamentos

No aspecto morfológico, a derivação é utilizada como fonte proveitosa na criação de gírias. O termo sufixo será empregado em conformidade com Urbano (2001, p. 185) , ou seja, não só no sentido específico de seu aspecto semântico, mas também no aspecto morfológico, o que o autor nomeia de desinência.

O acréscimo de sufixos oferecidos pela língua corrente ou outros que são próprios da gíria , nem sempre seguem critérios estabelecidos, ou seja, os sufixos são adaptados para categorias gramaticais diferentes daquelas para que foram criadas e são, determinadas vezes, somados a pronomes e advérbios.

Outra forma de derivação com a finalidade de alongar os finais dos vocábulos sem alterar-lhes o sentido é operada pelos sufixos denominados deformadores, o que constitui a *sufixação parasitária*.

O sufixo apenas deforma o final do vocábulo sem provocar alterações semânticas e dissimula sua identidade, porém, confere-lhe valores pejorativos, irônicos, ou mesmo intensificando o sentido da palavra, torna-a mais expressiva, como podemos observar nos exemplos extraídos de Urbano (2001) :

(1)*furreca, amostreca*

(2)*chaveco, repeteco*

Nos exemplos do grupo 1 observamos a presença de sufixos parasitários que alongam os vocábulos. O termo *furreca*, possivelmente *forro+eca*, apesar da forma feminina, é entendido pelo dicionário Aurélio como “*veículo usado, de pouco valor*”, o que indica uma formação depreciativa de “furada”, com arrastamento do /r/. Fato ocorrido também com o vocábulo *amostreca*, cujo sufixo indica uma espécie de eufemismo..

No entanto no grupo 2 temos *chaveco*, que em Urbano (op.cit, p. 191) vemos ser uma variante gráfica de *xaveco*, que pode ter o sentido de “maquinação , mulher feia” conforme verificado pelo autor em Carneiro da Silva. Se o significante for registrado com *ch*, o autor também esclarece que o mesmo pode derivar do verbo *chavar* “contratar”.

Já na palavra *repeteco*, o sufixo nominal foi apostado ao radical verbal “repetir”, o que reforça o efeito singular da forma, porém sem acrescentamento semântico.

O uso do sufixo deformador dissimula a identidade da palavra e é empregado de forma livre e desordenada. Em alguns casos, o sufixo não opera como elemento diferenciador semântico, note os vocábulos acima, visto que os termos derivados correspondem aos significados dos termos de origem, são acrescentados apenas tons pejorativos e irônicos à essa nova formação.

b- Por aférese

A criação gírica deriva da simplificação da comunicação, característica de tornar o discurso mais breve. O que corrobora para esta idéia é a supressão de fonemas iniciais, que consiste em um processo de *encurtamento* freqüente na gíria, como nos casos abaixo, extraídos de Cabello (1984):

lhufas por *(bu)lhufas*: indicação de “nada”
forra por *(des)forra* : indicação de “vingar-se”
grupir por *(em)grupir*: indicação de “enganar”

c- Por apócope

A supressão de fonemas no final dos vocábulos, característica muito comum na linguagem popular atual, forma termos pejorativos de gíria e simplifica a comunicação. Notem-se alguns exemplos conforme Cabello (op.cit.)

japa por japonês
comuna por comunista
transa por transação

d- Por metátese

É um mecanismo que possibilita a formação gírica, porém não tão produtivo, na medida em que troca a posição de fonemas dentro de um mesmo vocábulo. Esse processo pode ocorrer junto a outros, como a supressão inicial ou final de sílabas. A metátese contribui para a deformação do significante, assume uma forma de agressão à norma lingüística que atende, pois, à expectativa dos grupos usuários dessa linguagem, a saber em Cabello (1984):

groja por *gorjeta*
sastifa por *satisfação*

No vocábulo *groja* temos a transposição de fonema dentro da mesma sílaba, além de alterações fonéticas devido ao encurtamento da palavra para *groja*. *Sastifa* acompanha o mesmo percurso de encurtamento e de transposição de fonema, mas em sílabas diferentes.

4.3.1.2. Por composição

Ao relacionarmos entre si dois radicais, temos o processo de composição, que assume um papel importante na formação de novas palavras, principalmente, em áreas de ponta como a publicidade, tecnologia e ciências. Além desse processo de composição que se rege pelas normas da língua, a gíria utiliza outros processos de composição que envolve a combinação de fonemas, sílabas e a redução de expressões.

a- Por dois ou mais elementos

Além dos processos acima, a gíria recorre às normas da língua que relaciona dois ou mais elementos de classes gramaticais iguais ou diferentes, ao formar composições e fixar expressões que equivalem a substantivos, adjetivos e, com mais escassez, advérbios. Citamos os exemplos, conforme Cabello (1984):

(Substantivos)

papa-defunto – indicação de : agente funerário

tapa-olho – indicação de : bofetada

(Adjetivos)

caixa-alta - indicação de : rico

roda-viva – indicação de: preocupação com problemas

(Advérbios)

pra burro - indicação de :muito

no duro - indicação de: de fato

b- Por estruturas repetidas

A repetição de bases significativas como processo de formação de gíria serve como meio intensificador da linguagem que também pode criar efeitos irônicos e pejorativos, como nos exemplos extraídos de Cabello (1984):

fácil-fácil: muito facilmente

quebra-quebra : conflito

mole-mole : muito fácil

c- Por onomatopéias

Entende-se por onomatopéia a tentativa de imitar sons de objetos e animais ao se utilizar de grupos de sons da linguagem. A onomatopéia, porém, se apresenta em vários níveis. Pode ser um som produzido acidentalmente, com caráter momentâneo; combinação de sons representativos de objetos de configuração definida dentro da linguagem (*tic-tac, tlim-tlim etc*).

O significante onomatopéico recebe uma categoria gramatical e toma uma forma lexicalizada (*pio, uivo*); imitar sons não por palavras, mas por frases (*bem-te-vi, tô-fraco*).

Abaixo alguns casos formados a partir do processo onomatopáico, porém verificamos que, nem sempre é possível associar a palavra a um som ou ruído específico, conforme Pinto (1975).

lelé: louco

tutu: dinheiro

fofoca: maledicência

babaca: tolo

gororoba: comida de baixa qualidade

mumunha: segredo

bafafá: discussão

blábláblá: conversa sem propósito

buchicho: boato

bam-bam-bam: chefe, o entendedor

d- Por siglas

A criação de palavras, mediante a leitura da letras iniciais de expressões que formam siglas é determinada pela necessidade de tornar a comunicação mais rápida. Esse recurso é muito utilizado na linguagem gíria, na medida que atende a seu caráter criptológico, o que

torna a linguagem dinâmica e expressiva, diminui expressões longas, designativa de qualificações, associações, grupos, marcas, instituições etc.

Emprega-se esse recurso na gíria para palavras injuriosas ou obscenas como forma eufêmica sem, no entanto, perder seu caráter depreciativo e agressivo. Embora não tenhamos encontrado esse tipo de formação no *corpus* em análise, ilustramos com alguns exemplos :

APETEÔ. : indicativa de apartamento

G.L.S.: indicativa de gays, lésbicas e simpatizantes

4.3.1.3. Por alterações de classes gramaticais

Na mudança de categoria gramatical de uma palavra sem qualquer alteração formal pode ocorrer o processo de formação da gíria. As principais mudanças de categorias ocorrem nas formas verbais e adjetivas.

Nas formas verbais, consideramos como ponto de partida os participípios e os infinitivos que são substantiváveis, assim os participípios substantivados podem ainda funcionar como adjetivos.

O adjetivo é susceptível de ser substantivado, porém esse fato é mais raro em algumas ocorrências, como a substantivação de advérbios, numerais e conjunções.

Citamos alguns casos de ocorrência gíria com alteração gramatical , em que ocorre a substantivação dos adjetivos em Cabello (1984):

quente: embriagado

barato: importância paga ao dono do jogo

a fria: situação difícil

gelada: armadilha, cilada, cerveja

4.3.1.4. Por empréstimos

Para sua formação, a gíria também recorre à linguagem arcaica e à estrangeira. O emprego de palavras arcaicas como as do latim faz reviver para a linguagem palavras consideradas mortas, em desuso, em alguns casos cria novos sentidos.

São as línguas estrangeiras que contribuem em maior escala para a formação de termos gíricos, principalmente no que diz respeito ao idioma com que o povo tem maior contato.

a- De línguas estrangeiras

Palavras oriundas de outras línguas (inglês, francês, alemão etc) já incorporadas ao léxico são consideradas como empréstimo lingüístico. Cabe ressaltar que, termos pertencentes a outras línguas quando começam a ser empregados, em casos isolados, são considerados estrangeirismos que se tornarão empréstimos apenas quando passarem a ser de aplicação comum e dicionarizados, como nos casos abaixo, vistos em Cabello (1984) :

blitz :dar voltas, procurar; batida policial

rendevu (rendez-vous): lugar de encontros clandestinos, de prostituição

b- Do vocábulo técnico-científico

As áreas da ciência e tecnologia também contribuem para o enriquecimento do léxico gírico, conforme Cabello (op.cit.).

autópsia: revistar um sujeito

balzaquiana: mulher de mais de trinta anos

deletar: matar

4.3.2. Quanto ao significado

No plano do conteúdo é onde ocorre uma das fontes mais produtivas para a criação dos termos gíricos, isso, pois ao deformar o significado dos vocábulos da língua comum e lhes dar sentidos diferentes dos usuais, etimológicos, os processos de formação ultrapassam os limites da fonética e da morfologia.

4.3.2.1. Metáforas

A metáfora é um dos principais meios utilizados pela linguagem popular e gírica, porque a mudança semântica é de mais simples apreensão do que a criação de novos termos.

Essa construção pode ser formada por palavra substantiva, adjetiva ou particípio, ou ainda por uma frase e consiste em transportar um vocábulo para uma área de significação diferente da sua; ou aproximar dois ou mais significantes, de modo a ocorrer nos dois casos uma possível associação por semelhança dos significados e de formas.

A metáfora é um recurso intensificador e expressivo que possibilita o aumento do léxico da gíria.

A expressividade da metáfora está em de destacar particularidades que não são evidenciadas no termo comum. Isto, posto, entende-se que a palavra empregada de forma metafórica, algumas vezes só será bem compreendida quando interpretada em uma locução, fragmento da frase ou em frase inteira, ou seja dentro de um contexto.

A metáfora, como exemplificada na seqüência, pode ocorrer em vários níveis e é bastante comum designar uma coisa com o nome de outra, em virtude de qualquer ponto de semelhança entre eles que permita uma aproximação, conforme observa-se :

máquina : revólver

chave de cadeia: pessoa que permanece muito tempo na cadeia

inferninho: bar de má fama , que recebe marginais da sociedade

a- Humorísticas e irônicas

A metáfora, ao transpor áreas de significação, contribui para a mudança semântica dos termos que, certas vezes, cria efeitos humorísticos ao ironizar determinadas situações.

Essa característica da metáfora humorística revela a tendência depreciativa da linguagem gírica, e raramente, a gíria faz ironia sem recorrer ao auxílio da linguagem metafórica.

mosquito elétrico: nervoso

pijama de madeira: caixão

abotoar o paletó: morrer

confete de casamento: arroz

chácara dos pés juntos: cemitério

b- Relacionados com o corpo humano

As metáforas relacionadas ao corpo humano são freqüentes na linguagem popular e na gíria, não apenas por se relacionarem ao elemento representado (no caso, a parte do corpo), mas também por identificá-lo com os aspectos que o qualificam.

bocado: indivíduo que fala demais

boca de lixo: zona de prostituição

boca do luxo: local onde estão localizados os bares sofisticados e boates de má fama

Observe que o vocábulo *bocado* derivado de *boca*, conota sentido pejorativo e destaca o elemento por uma de suas qualidades.

As expressões *boca de lixo* e *boca de luxo* relacionadas ao corpo humano, metaforicamente, designam o lugar por uma de suas particularidades significativas e assume a forma de nomes próprios com significados que conotam essas particularidades.

c- Sensitivas

A metáfora popular e a gíria, determinadas vezes, se baseiam em relações de forma, cor, cheiro, som e outras que se referem aos sentidos, com a finalidade de proporcionar associações de semelhança entre situações, objetos, ações, pessoas etc, de forma a criar metáforas sensoriais que são facilmente interpretadas pelos falantes, o que resulta na expressividade, como em certos casos :

estar numa fria ou gelada : estar em situação difícil

duro: difícil, árduo; sem dinheiro

moleza: serviço fácil, sem dificuldade

dar um gelo: isolar, esquecer, desejar mal

d- Relacionadas a animais

Fonte produtiva de metáfora é o emprego de nomes de animais para designar defeitos do homem, e mais raramente, virtudes. A aproximação entre o homem e o animal operada pela metáfora, normalmente sugere depreciação das atitudes humanas frente às situações, ou ocorre pela imagem de semelhança.

lesma: pessoa lenta

pé de boi : pessoa esforçada

pato: indivíduo facilmente enganado

papagaio: rádio

dar zebra: ocorrência errada

gatuno: ladrão

4.3.2.2. Metonímia

O processo metonímico consiste em empregar uma palavra por outra a fim de designar um conceito com que seu conceito próprio tenha alguma relação, seja de interdependência, coexistência. Não obstante, a metonímia não tem a mesma produtividade da metáfora na formação de gírias.

A relação existente entre as palavras, no caso em questão, é objetiva e expressiva devido à concisão que permite identificar rapidamente os fatos em sua essência.

abastecer a caveira : fazer uma refeição

abrir o bico: falar, denunciar

4.3.2.3. Polissemia

A polissemia baseia-se no fato de haver apenas um significante com significados que pertencem a campos semânticos diferentes, ou seja, um vocábulo com sentidos subsidiários que corresponde a mais de um conceito ou idéia.

O aspecto polissêmico de uma palavra devido à variedade de sentidos de que é susceptível, possibilita empregos conotativos, em sentido não-literal e afetivo, pois seu valor será determinado apenas pelo contexto em que figura e resulta assim da combinação de palavras.

Mesmo que o sentido de uma palavra polissêmica esteja condicionado ao contexto, à situação, existe nela um traço semântico

mais ou menos comum, geral e estável que possibilita sua definição etimológica, mesmo que imprecisa, fora de um contexto e que servirá de origem (base semântica) a toda variedade conotativa de significação.

Entende-se , portanto, que a linguagem da gíria é polissêmica, pois a nova significação intencional atribuída à palavra supõe uma nova palavra, como nos casos abaixo :

comadre: caixa forte; madrinha do(a) filho(a); objeto para coletar urina e fezes

bicho: indivíduo; calouro

transar: efetuar negócio; ato sexual

ferro: arma branca; dinheiro

a- Verbos polissêmicos

Como já apresentada, a gíria é um tipo de linguagem, de modo geral, altamente conotativa, pois cada termo remete a um significado específico, que em segundo plano difere do denotativo.

Esse recurso lingüístico de designar um significado novo às palavras da linguagem comum opera como fator indispensável para ocultar o sentido das palavras e manter a identidade do grupo que as emprega.

Para esse efeito conotativo são utilizados alguns verbos que possuem capacidade polissêmica em determinadas expressões, criam-se assim novas palavras, na medida em que o significante permanece, porém o significado se modifica pelo processo polissêmico.

Alguns verbos sozinhos ou como base de algumas expressões têm assim a possibilidade de assumir várias significações e propiciar a multiplicação de seus significados.

Em certos casos, os verbos formam expressões fixas conotativas das linguagens gírica e popular, cujos sentidos são apoiados no contexto lingüístico em que aparecem.

bater com a língua nos dentes: revelar segredo; ser indiscreto

bater pernas: perambular

bater as botas: morrer

dar no pé: fugir

dar bandeira: indiscrição

entrar de gaiato: ser condenado sem ter culpa

entrar pelo cano: não atingir o objetivo proposto

fazer uma fezinha: apostar

5. Construções fixas

Introdução

Embora este trabalho tenha como norte a metalinguagem e a seguir a repetição e a gíria, também podem ocorrer quando de nossa análise, casos de construções ou fórmulas fixas como provérbios e frases feitas, para tanto, abordamos algumas características dessas formas.

5.1. Provérbios

Os provérbios apresentam, estruturalmente, algumas características formais como, construções geralmente paralelísticas bimembres, elipse, rima, assonância, ritmo e conotação metafórica.

Para Lima apud Carvalho (1993, p.190), os provérbios constituem uma forma de conhecimento fragmentado, indicam aquilo que sobrou de uma narrativa mítica e comunitária. O mesmo autor ainda constata que através dos provérbios pode-se estabelecer uma cosmovisão de determinada época, como também atestam a primazia da oralidade.

O dicionário Aurélio (1988, p.535) registra *provérbio* como :

provérbio. S.M. 1. máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens; adágio, ditado, anexim, exemplo, refrão.Ex: “Casa de ferreiro, espeto de pau” (...)

A construção paralelística dos provérbios estabelece um processo de correlação entre os pares que os compõem de forma que os preceitos sugeridos pelos provérbios, do ponto de vista cognitivo, só são compreendidos em blocos, pois seus significados não correspondem à soma de sentido de cada uma das partes.

No processo de correlação que ocorre nas construções paralelas dos provérbios, a enunciação da primeira oração cria no leitor ou ouvinte a expectativa para o fechamento do sentido. É desse processo de suspense que resulta a eficácia dos provérbios.

No campo semântico, o provérbio transmite uma mensagem ou conselho e remete a verdades gerais, atemporais, que às vezes, é uma formatação impessoal ou com marca pessoal evidente como nos provérbios: *Casa de ferreiro, espeto de pau; Livre-me Deus dos meus amigos, que dos meus inimigos me livrarei eu.*

Quanto à marca do pronome *eu*, verifica-se que o locutor (emissor) responsável pela produção do provérbio não é o enunciador, pois este é um ser perdido no tempo; seria apenas o reenunciador.

Como expressão atemporal, é possível a reenunciação do provérbio em qualquer tempo e lugar, mesmo quando há marcas temporais e espaciais, por meio de dêiticos como *amanhã, aqui*, pois são referências vazias que não se ligam ao momento e ao lugar da enunciação, o que permite inserir o provérbio em diversas situações.

Um enunciado transforma-se em provérbio quando perde sua referência específica, seu sentido literal, sua indicação espacial e temporal que, metaforicamente passa a designar qualquer pessoa, tempo ou lugar. Tal generalização do provérbio permite ao falante associar uma atitude ou fato a certos enunciados proverbiais, empregando-os em seu discurso.

A partir dessas características, a literatura e o jornalismo escrito e falado têm incorporado o pensamento geral e sentencioso. Citamos alguns escritores que fizeram uso dessas construções : Shakespeare, La Fontaine, e no Brasil, Machado de Assis, Artur Azevedo e logicamente Monteiro Lobato.

Do escritor taubateano, autor de nosso corpus, citamos algumas construções elencadas por Carvalho (1993, p.191) :

“Passarinho cria pena é para viver”

“Laranjeira azeda não dá laranja lima”

“O futuro é de Deus”

“Est modus un rebus”

“O inferno está cheio de curiosos “

“Criança ;e como ave: cria pena, avôa”

5.2. Frases feitas

São construções metafóricas cristalizadas de uso freqüente na língua, a citar exemplos utilizados pelo próprio Monteiro Lobato em seus contos: *dar ouvidos, batendo o queixo, deu tábua, bode expiatório.*

Formadas por palavras que mantêm mais ou menos uma relação de dependência entre si , podendo assim ser compreendidas somente quando considerado todo o conjunto no qual estão inseridas; formam locuções ou grupos fraseológicos que atendem às necessidades de expressão dos falantes, pois são formas simples, mas que transmitem determinada idéia de maneira completa.

Notamos que o emprego de frases feitas, fórmulas fixas consagradas pelo uso em determinadas situações e contexto revela conhecimento e domínio da língua. Pinto de Carvalho (1993, p.187) em seu estudo sobre a estilística de Monteiro Lobato agrupa essas formas utilizadas pelo autor em seus contos, a saber :

a- relacionadas com partes do corpo :

cair nas unhas

franzir o nariz

com a pulga atrás da orelha

b- relacionadas com a vida familiar ou social

vai ser besta na casa da sogra

cair de cama

no melhor da festa

esconder o leite

c- relacionadas com a natureza

um raio me parta

macacos me lambam

parece que comeu cobra

pagar o pato

d- de sentido religioso

bode expiatório

comendo o pão que o diabo amassou

Deus quis

de boa fé

e- com declarada intenção intensificadora :

palavrão de grosso calibre

correr mundo

não fede nem cheira

é um porrete

f- contendo rima :

se percebo, cebo

sem lei nem grei

sem eira nem beira

g- alteradas:

nem que o céu chova torquezas (..nem que chova canivetes)

disse cobra cascavéis (...cobras e lagartos)

h- arcaicas e eruditas:

à guisa de

levar as lampas (levar vantagem)

amigos da pulha

i- outras :

na toada mansa

vamos e venhamos

perdi meu requebrado

fomos na onda

O estudioso ainda esclarece que o critério classificatório não é único nem excludente, os primeiros quatro grupos baseiam-se em um critério semântico, enquanto os últimos baseiam-se em efeitos estilísticos.

SEGUNDA PARTE – ANÁLISE DO CORPUS

Introdução

Esta parte objetiva apresentar uma reflexão sobre a visão que Monteiro Lobato tinha da língua e de seus usos.

Iniciaremos com algumas considerações sobre o *corpus* ; a seguir faremos uma análise sobre a metalinguagem do autor e, comprovando sua postura de que “*língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão – como a falada.*” (sublinhado nosso), complementaremos com explanações sobre a repetição , gíria e construções fixas, fenômenos típicos da língua falada.

Utilizaremos para tanto os fundamentos teóricos explicitados na primeira parte deste trabalho.

Capítulo 1

O Corpus - A Barca de Gleyre : 40 anos de correspondência entre dois amigos versando sobre o mesmo tema

Introdução

Neste capítulo apresentamos o *corpus*, que reúne algumas das muitas cartas que Monteiro Lobato enviou a seu amigo Godofredo Rangel e que fazem parte da obra *A Barca de Gleyre*.

A Barca foi publicada primeiramente em 1944 pela Cia. Editora Nacional, com 504 páginas e reeditada em 1946 pela Editora Brasiliense em dois tomos, perfazendo um total de 750 páginas, como parte das *Obras Completas de Monteiro Lobato*.

O *corpus* desta pesquisa foi extraído da 8ª edição, publicada em dois tomos pela Editora Brasiliense em 1957.

Os tópicos do trabalho são assim divididos : inicialmente discorre-se sobre o início desta prática epistolográfica, qual o procedimento que os amigos adotaram para que ela se perpetuasse e como ocorreu sua publicação

Em seguida, focalizamos alguns trechos metalingüísticos, no que diz respeito a própria troca de cartas.

Para finalizar é discutida a importância da *Barca* para Lobato como escritor e para a literatura em geral .

1.1. Início, procedimento e publicação de *A Barca de Gleyre*

A obra *A Barca de Gleyre* reúne quarenta anos de correspondência do autor enviada a seu amigo Godofredo Rangel, também autor.

O que torna esse material singular é que as missivas foram ordenadas cronologicamente e versam apenas sobre língua, linguagem e a literatura de seu tempo; iniciam-se em 1903 e a última carta é datada de 1948.

Na biografia oficial de Lobato, Cavalheiro (1955, p.111) , é relatado que nas férias de junho de 1903, dá-se o início à troca de cartas entre os amigos, ou seja, um ano antes de Lobato formar-se bacharel em Direito.

Seu endereçado, Godofredo Rangel, a quem Lobato algumas vezes denominou “anjo do cenáculo”, fez parte dos sessenta e dois alunos que com Lobato chegaram ao quinto ano de Ciências Jurídicas e Sociais.

“Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis(...)Responda sem demora se está disposto a ser caceteado á distancia – telecaceteado ! Pode dirigir a carta a Taubaté, para onde sigo nestes três dias.” (*A Barca I*,3, 1903)

Dava-se início à correspondência, porém, Lobato estipulou algumas regras . Pediu a Godofredo, primeiramente, que abandonasse as delicadezas, os tratamentos e que não elevasse sua figura , pois para o autor, ambos tinham igual valor.

“E agora, um puxão de orelhas: Por que quer usas etiqueta comigo ? Tuas cartas vivem cheias de “faça o favor”, se não for incomodo”, e

mais formulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. Seja bruto, chucro, enxuto.

Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas. Mas estás um homem cheio de vícios mentais e cacoetes. O peor é a mania (que acho ironica) de te rebaixares e me pores nas nuvens (como o rei dos Judeus), quando na realidade não passamos, os dois, de duas “sêdes de saber”, de duas “fomes de expressão” em tudo equivalentes. Que graça botar a minha sêde acima da tua ! Sêde é sêde.” (sublinhado nosso) (*A Barca I,8*, 1904)

“P.S. – Mais uma vez insisto em que acabes com as delicadezas e rodeios. Tuas “formulas” já me enjoam. Amabilidades são coisas de caixeiro de loja. Olhe que eu e você, na sincera opinião de Ricardo, somos as grandes esperanças do Cenaculo – e Ricardo, como vate que é, vaticina. Temos que não nos enganar com adjetivos.” (sublinhado nosso) (*A Barca I, 9*, 1904)

O escritor taubateano tinha uma atitude purista, mesmo na sua fase de maior simplicidade e de busca de estilo brasileiro (cf. Leite, 1999) . Contudo, solicita ao amigo uma mudança de comportamento lingüístico, o abandono à norma quando da elaboração das cartas.

“P.S. Apontas-me, como crime, a minha mistura do “você” com “tu” na mesma carta e às vezes no mesmo periodo . Bem sei que a Gramatica sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais comodo, mais lepido, mas saído – e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o “tu” entra na frase que é uma beleza; outras é no “você” que está a beleza – e como sacrificar essas duas belezas só porque um coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva , um Epifanio e outros perobas “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Lingua de cartas é lingua em mangas de camisa e pé-no-chão- como a falada.

E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como não faz o macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario.” (sublinhado nosso) (*A Barca* I,11, 1904)

Notamos que Lobato reconhece a existência das duas modalidades da língua : falada e escrita; todavia entende , no trecho acima, que a língua falada é aquela que apresenta desvio da gramática e como para ele “carta é conversa, conversa escrita”, não há necessidade de tanto apuro gramatical, assim “sebo na coitadinha”.

Mesmo repudiando esse apuro gramatical, a língua, a norma e os usos foram questões que estiveram em debate em suas missivas.

Lobato tornou-se escritor , depois editor, conquistou a fama, enquanto Godofredo Rangel teve apenas um romance, *Vida Ociosa*, editado pelo amigo.

Para Lobato, Godofredo fora magistral na literatura,em muitas cartas o escritor taubateano considerou *Vida Ociosa* como um dos maiores romances de todos os tempos.

“Vais ver a Vida Ociosa classificada como a melhor coisa até hoje aparecida na revista do Brasil. Eu chego a ter inveja(...) Por que mudou a primeira forma do Zé Correto ? Estava ótima, muito melhor que o José atual. José, José... Zé é o certo.” (sublinhado nosso) (*A Barca* I, 30, 1917)

Grande parte dos textos de Lobato passou pelas mãos de seu interlocutor, não apenas para correção, como também para que o mesmo desse seu parecer crítico.

As opiniões de Godofredo são tão importantes para Monteiro Lobato que mesmo estando nos Estados Unidos, quando de sua

nomeação para Adido Comercial, continua se correspondendo, mas, entende que os interesses entre ele e o amigo já não são mais os mesmos, a carta abaixo data de 1928.

“Será que morremos um para o outro ? Em parte é assim, tanto a vida nos soprou para rumos diferentes. No começo escrevíamos como riachos que correm. Era fácil. As mesmas idéias na cabeça, os mesmos sonhos – e que bonitos, lindos, os sonhos da “primeira infância” literária! Ontem, mexendo numa gaveta, (não é mais gaveta, é file...) encontrei uma velha carta e li-a cheio de saudades do nosso tempo, das nossas coisas, da nossa comunhão de idéias. Tudo tão longe agora, já em estado de will-o-the wisp em minha imaginação... Eram fáceis, a correspondência e o mutuo entendimento naqueles períodos. Hoje é mais difícil. Tenho de falar daqui e é muito difícil das coisas que “só vendo”. New York é uma cidade que “só vendo”.” (sublinhado nosso) (*A Barca II*, 65, 1928)

Passam-se quase vinte anos, Lobato ao longo deste tempo dedicou-se mais às crianças, que pareceu ser seu público predileto. É em 1943 que o escritor volta sua atenção para o vulto representativo de sua correspondência com Godofredo .

“Desconfio , Rangel, que essa nossa aturada correspondência vale alguma coisa. É o retrato fragmentário de duas vidas, de duas atitudes diante do mundo – e o panorama de toda uma época. Literatura, historia e muitas coisas(...)Quando estiver tudo datilografado, você vai se assombrar, e verificar que éramos muito mais interessantes nos bastidores epistolares do que no palco – e juntos penetraremos na posteridade á mode do Edgard Jordão, lembra-se ? “. (sublinhado nosso) (*A Barca II*,75, 76 1943)

Após solicitar a uma de seus filhas que ordenasse as cartas, datilografa-as. Entrega o material para o crivo do então amigo, Edgard

Cavalheiro, que as aprova com calor e crê que o conjunto de cartas transformara-se em um livro original e escreve o prefácio do mesmo.

“Minha idéia no começo era dar as tuas e as minhas juntas, articuladas, mas vi que isso iria estragar tudo. Para quem está de fora, tem muito mais interesse uma conversa telefônica da qual só ouve um lado; o fato de não ouvir o outro lado força mais a imaginação. Fica um imenso campo de colaboração aberto á imaginativa do auditor. Solto agora as minhas cartas a você, e depois você solta as tuas a mim.

Outra coisa está me parecendo: que na literatura fiquei o que sou por causa dessa correspondência. Se não dispusesse do teu concurso tão aturado, tão paciente e amigo, o provável é que a chamazinha se apagasse. Você me sustentou firme na brecha – e talvez eu te haja feito o mesmo. Fomos o porretinho um do outro, na longa travessia.”(sublinhado nosso) (*A Barca II*, p.361)

Infelizmente Godofredo nunca editou suas cartas, contudo ao verificarmos as de Lobato, notamos que a edição das mesmas também foi uma forma do grande escritor homenagear o amigo que o acompanhou durante grande parte de sua vida e que foi para ele um incentivo, para que se tornasse o que conhecemos hoje.

Monteiro Lobato faleceu em 1948, data da última carta enviada a Godofredo Rangel, prevendo sua morte diz que mesmo do além , continuaria sua correspondência .

“Não é impunemente que chegamos aos 66 de idade ...

Adeus, Rangel ! Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no Além ? Tenho planos que logo que lá chegar, de contratar o Chico Xavier para psicografo particular, só meu – e a 1ª comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as tuas duvidas.” (*A Barca II*, 86, 1948)

1.2. Considerações lobatianas sobre as próprias missivas

Desde o início , a troca de correspondência com o amigo Godofredo Rangel, significou para Lobato, muito mais que troca de informações lingüísticas ou literárias.

O escritor conversava realmente com o amigo, pois notamos uma homogeneidade tal como há em um ato conversacional, embora não tenhamos tomada de turno feita por Godofredo, as cartas denotam uma continuidade tópica, nas palavras do próprio escritor “uma curiosidade editorial”.

Lobato denominou o ato de escrever a Godofredo como a quarta instituição humana : “conversar por escrito”. Sendo que as três primeiras instituições eram: o vizinhato, o cão e o namorado noturno. Extraímos vários trechos que comprovam esta premissa:

“Conversemos enquanto chove.” (*A Barca I* , 18, 1905)

“... conversando nestas cartas que já duram mais de um ano” (*A Barca I*,19, 1905)

Lobato entendia que as cartas eram um exercício para que os escritores aperfeiçoassem seu estilo, a partir de comentários que teciam sobre a língua. Em carta datada de 1908 diz que as cartas eram rabinhos de rato que Hansel mostrava à feiticeira e que ele e Godofredo eram a velha feiticeira um do outro.

“... Você estira o rabinho de rato epistolar para que eu veja como está gordo e forte no estilo; eu faço o mesmo. Mas que assuntos, que temas, podem existir dentro das caixas ?” (*A Barca I* 27, 1908)

O escritor taubateano tinha horror ao público, a quem ele denominava “monstro”, de forma que ao escrever para Godofredo

estava livre desse “monstro”, sentia-se mais Lobato em suas missivas. Não imaginava que um dia ele mesmo divulgaria suas cartas.

“Ah, eu no mundo sou outro. Converso sobre o café, a alta do açúcar, raça de gado, política municipal. Mas com você eu ressuscito um Lobato alma de gato que não morre nem a porrete e literateja ás ocultas – Lobato quand mème. E há quantos anos já dura esta conversa misteriosa, de que o Mundo jamais desconfiará ? Quanta coisa nos dissemos, quanto projetamos, quanto nos espojamos... Enquanto isso, fomos vencendo estirões na estrada da vida. vencendo fases. Namoramos. Noivamos, Casamos. Proliferamos. Descobrimos o primeiro fio de cabelo branco...” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 51, 1911)

Godofredo representava para Lobato o maior dos leitores, debatia com ele suas idéias e no que diz respeito à gramática aceitava de pronto as correções que o amigo fazia em seus originais.

Creemos que o prazer entre os amigos era mútuo, fato que fez com que as cartas se perpetuassem tanto.

“Recomecemos, caro Rangel. Vamos por diante com a nossa eterna correspondência. Eu prefiro um leitor como você aos tres milhares que vais ter n’O paiz . Dá-me mais prazer escrever-te do que escrever livros. Talvez que um dia, quando não te tiver mais como o meu publico, talvez eu tome para meu uso o Publico.” (*A Barca I*, 55, 1914)

Embora o escritor deixasse claro que carta não é literatura, é algo à margem da literatura, reconhecia a existência de um estilo nas cartas, o que lhe dava prazer não apenas ao escrevê-las, mas também ao lê-las.

“Já notaste como é mais vivo o estilo das cartas, do que o de tudo quanto visa aparecer em livro ou jornal ? Acho maravilhoso, o prime

saut das cartas. Eu queria ver em todos os teus livros o enlace primesautier da ultima carta que me mandaste. A caraça do publico, a “feição” do jornal, os moldes do editor, sempre antepostos aos nossos olhos “escrevemos para imprimir”, acanham-nos a expressão, destroem-nos a alerteza de élan. eu, por mim, só lia cartas e memórias como as do Casanova.” (*A Barca II*, 16, 1915)

Em torno de 1919, Lobato, escritor consagrado, passa a receber cartas de seus leitores e confessa ao amigo que a travessia almejada por ele em *A Barca* tinha sido alcançada. O autor conquistou seu público, mas perdeu o prazer, por não ter mais tempo de escrever calmamente.

“Naquele tempo era você o meu publico – só você. Hoje sou decaído: meu publico é toda gente. Recebo cartas de toda parte e vou me reduzindo à epistolografia telegráfica. Zás, trás – pronto ! E nada do prazer antigo. O grande sonho realizou-se, e mais completo do que jamais me atrevi desejar. Cheguei. Cheguei ao tal país preluzido em nossos devaneios. E estou desapontado. Não vale o caminho, a travessia... Que encontrei aqui neste termino ? Alguns espíritos encantadores e uma legião de “penetras”..... Minha situação é esta: sinto-me maduro e apetrechado para a expressão; tenho na cabeça belos germes de contos, romances, o diabo. E tenho, o que é mais raro, o publico. Mas não disponho de uma horinha minha !”(sublinhado nosso) (*A Barca II*, 45, 1919)

Apesar de manter correspondência com outros autores e nomes importantes do país, Godofredo era o endereçado especial de Monteiro Lobato e para este amigo não valia carta escrita à máquina, na correria.

“Já não gosto de te escrever, Rangel . A escassez de tempo, conseqüente ás mil tribulações novas com que o mundo inglês me sobrecarregou, força-me a te escrever ás carreiras, sem aquele

sossego antigo, tão gostoso. Para os outros, galopo nesta Remington; mas para você eu queria escrever com as unhas, á moda de dantes .”
(*A Barca II*, 68,1930)

Mas, como lhe dá prazer, Lobato se mantém firme nas missivas e em uma delas relata exatamente o que foi este exercício de quarenta e tantos anos, esta vida epistolográfica mantida por ele e Godofredo Rangel.

“A idéia que por enquanto tenho das cartas é que constituem uma tremenda “historia natural e social duma família do Segundo Império”(... nem a pintura, nem a promotoria, nem os porcos lá da fazenda, nem a furia industrial, nem a falência, nem New York, nem siderurgia, nem a campanha pelo petróleo, nem a morte dos filhos, nem o ódio á literatura, nem a prisão por ofensas ao presidente – e receio que nem a morte me liberte da lombriga(...) E chega. Quando me meto a te escrever, volto ao menino de outrora e custa-me a parar com a babillage. Adeus.” (*A Barca II*, 80, 1943)

Não sabemos por quantas passou Godofredo, mas de qualquer forma as cartas também tiveram grande importância em sua vida, pacata em relação a do grande amigo, caso contrário não partilhariam por tanto tempo dessa amizade à distancia, mantida pelas “conversas em mangas-de-camisa”.

1.3. A importância da obra *A Barca de Gleyre*

Em todas as biografias que lemos sobre Monteiro Lobato, é citada em caráter especial a obra *A Barca de Gleyre*, isso porque ela é a história da vida do autor narrada por ele mesmo, contudo, sem o cunho autobiográfico, com a leveza e abertura encontradas nas cartas, sem a tensão do público.

Em Azevedo (1998), temos a história do grande escritor e um retrato fiel de uma época da vida paulistana, do meio urbano em que Lobato viveu, notamos que a maioria das informações e das citações contidas na obra foram extraídas da *Barca*. Inclusive seu primeiro capítulo, “A Borboleta de asas de fogo”, faz alusão a uma citação de Lobato encontrada em suas missivas.

“Somos vítimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo – se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos...” (*A Barca I*,15,1904)

Outros tantos Lobatólogos como Edgard Cavalheiro, o primeiro da lista, cita na obra biográfica do escritor taubateano :

“Em 1903, nas férias de junho, dá início à troca de cartas com Godofredo Rangel, numa correspondência que vai durar quarenta e tantos anos sem interrupção .” (*Cavalheiro* 1955, p.111)

O trecho denota o quão importante também foram as cartas para a própria vida do escritor taubateano.

Não encontramos citações da *Barca* em obras que retratam apenas a vida de Lobato, a saber, em Lajolo (2000, p.19). *A Barca* também foi utilizada em vários estudos lingüísticos, como em Pinto (1994), em que a ilustre pesquisadora analisa a coerência entre a

posição teórica do autor e sua prática. A autora afirma que Monteiro Lobato se empenhou na busca de um instrumental próprio de escritor, fazendo isso através do domínio da gramática e dicionário, para tanto utiliza um dos trechos das missivas :

“Eu também já pensei assim – que a idéia era tudo e a forma um pedacinho. Mas apesar de pensar assim, não conseguia ler os de belas idéias embrulhadas em panos sujos. Por fim me convenci de meu erro e estou a penitenciar-me. Impossível boa expressão duma idéia senão com ótima forma, a idéia vem embaciada, como copo mal lavado. E o pobre leitor vai tropeçando – vai dando topadas na má sintaxe, extraviando-se nas obscuridades e impropriedades.”(Pinto, 1994, p. 53)

Em Leite (1999, p.120), quando da análise da postura lingüística lobatiana, é conferida ao autor a contribuição para a implantação da norma brasileira, sendo antes apresentada a postura paradoxal do autor perante à língua . A autora também utiliza como *corpus*, trechos das cartas da *Barca* :

“ *Parei com as minhas leituras de língua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua de mel com a língua lusíada, que descobri como o Nogueira descobriu a Pátria e o Macuco o verbo ãpropinquar...*” (Leite, 1999, p.130)

“Estou com uma idéia: não mando mais nada sem um repasse aí pela tua fieira ou crivo, porque me envergonho muito quando me escapam deslizes, sobretudo maus pronomes. Como é difícil esta peste da língua portuguesa! Haverá alguma coisa pior? “ (Leite, 1999, p. 133)

Não é de se estranhar portanto, a escolha do citado *corpus* para a elaboração deste trabalho. Como todos os grandes pesquisadores mencionados, entendemos que *A Barca* é uma das obras, mesmo não

sendo considerada literatura pelo próprio Lobato, mais completa e envolvente.

O autor conversa com seu amigo Godofredo e com base nos temas debatidos, tomamos ciência da história do início do século XX, da história de Lobato e refletimos sobre sua posição frente a temas como língua, linguagem, literatura e outros tantos. Cavalheiro sintetiza *A Barca de Gleyre* no prefácio de Urupês :

“A publicação dessas cartas resultou nas ‘memórias’de um homem, escritas sem plano preconcebido, ao dia-a-dia. Há nelas franqueza e sinceridade. Nenhuma pose ou pretensão. Lobato sai íntegro, grande de ‘Barca de Gleyre’, onde desfilam impressões de leituras, discussões em torno de obras e autores, estilos, tendências.” (*Monteiro Lobato* 1962, p.49)

Finaliza o biógrafo, que Lobato permitiu-se abrir totalmente, pelo simples fato de não cortejar leitor algum. Dessa forma, as cartas de *A Barca* retratam a mais pura expressão do fenômeno Monteiro Lobato.

Capítulo 2

A METALINGUAGEM LOBATIANA

2.1. *A Barca de Gleyre* - uma metalinguagem

A operação de conhecimento acerca de algo, que é organizado a partir de uma descrição, explicação ou criação é reconhecida por Chalhub (1986, p.7) como metalinguagem.

A obra *A Barca de Gleyre* é com base nesse conceito uma obra metalingüística , que encerra todos os focos abordados por Chalhub (op. cit., p. 7) ao tratar dessa função de linguagem.

A partir da síntese do processo comunicacional de Chalhub (op. cit. , p. 12) vemos que Monteiro Lobato (fonte) organiza suas palavras (codifica sinais) , que se referem à língua, linguagem, literatura, (objeto) e os envia a Godofredo Rangel (destinatário), por meio de cartas (canal).

Há vários fatores que determinam como as mensagens são codificadas. Uma mensagem pode ter intenções diferentes e é a partir disso que se especificam as funções de linguagem.

Chalhub (op.cit. p.13) ressalta que a mensagem pode apresentar apenas uma função pura, ou várias articuladas por grau de importância. É isso que exemplificaremos em nosso *corpus* .

(1)-*Perguntas quantas horas “literatizo”. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com apetite...Ler e comer, só quando há apetite. (A Barca I, 6, 1904)*

(2)(...)*deixa-te em paz, homem, não tortures assim o teu pobre cérebro(...).Verás que boa é a vida sem literatura. E também verás como fica boa a literatura quando o corpo está contente. (A Barca I, 5, 1904)*

(3)*A Velha Praga não cessa peregrinação. Já foi transcrita em sessenta jornais, conforme me informa o Sinesio Passos, redator dum jornal de Guaratinguetá. (A Barca II, 5, 1915)*

(4)- (...) *Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora ? Como o velho de Gleyre ? Cansados, rotos ? As ilusões daquele homem eram as velas da barca – e não ficou nenhuma . Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulancia. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá ? (A Barca I, 14, 1904)*

(5)- *Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira ? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanometro, mais penetrante que o microscopio: a lira eolia de nosso senso estetico. Saber sentir, saber ver, saber, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu lobatizar a minha. (A Barca I, 16, 1904)*

(6)- *E o Vilalva? De que morreu? Foi pena – sabia português como pretendemos sabe-lo. Mas era mau de entranhas. Sarcástico e implacavel. Com certeza fez alguma “perversidade”contra a Morte, e esta, danada, o levou. (A Barca I, 39, 1909)*

No exemplo (1) presenciamos uma mensagem de cunho confessional, com verbos em primeira pessoa; temos o predomínio da

função emotiva, porém no momento em que Lobato salienta a idéia de ter apetite por leitura, a função poética também se faz presente.

A mensagem do exemplo (2) está apoiada no destinatário, há uma intenção de mudar seu comportamento, persuadi-lo, característica principal da função conativa. Monteiro Lobato quer que Godofredo Rangel não tenha uma obsessão por produzir literatura, mas que deixe que esse processo ocorra inconscientemente.

A organização de (3) está centrada em verbos em terceira pessoa. Lobato quer informar ao amigo sobre seu texto, o que se sobressai é o assunto, o referente, temos assim a função referencial.

No exemplo (4) primeiramente há uma intenção de prolongar e reafirmar a comunicação. Lobato indaga diretamente a Godofredo sobre seus destinos, mostra-se desejoso da resposta do amigo, que deveria vir numa próxima carta

Caracteriza também esse trecho a função poética na medida que o autor organiza as idéias privilegiando a subjetividade, elabora uma metáfora relacionando sua vida e a de Godofredo á imagem do velho retratado por Charles Gleyre no quadro que leva o título de *Ilusões Perdidas*.

Em (5) Lobato questiona Godofredo Rangel sobre a morte de um amigo, faz-nos crer que Godofredo lhe responderia. Utiliza-se do canal para reafirmar sua comunicação, função fática. A metáfora presente no restante do trecho insere a função poética.

O exemplo (6) recebe as mesmas classificações presentes em (4), as funções fática e poética compõem esse trecho.

Pudemos apresentar uma amostragem das funções de linguagem presentes em *A Barca* e relacioná-la aos conceitos vistos em Chalhub (1986).

Todos os exemplos apontados, excetuando o (6), apresentam também a função metalingüística, pois a obra em análise é dotada

como um todo dessa função. A metalinguagem, porém, pode apresentar características especiais.

Chalhub (1986, p.52) explica que “a intertextualidade é uma forma de metalinguagem”, para exemplificarmos isso temos os trechos a seguir :

“Não te posso dizer nada sobre Crime e Castigo porque não há falar de coisas grandes com meios pequenos – com estas pulgas glóticas que são as “palavras em língua portuguesa”, esse produtinho lá de Portugal, onde também fazem tamancos e palitos. A nossa análise esta aparelhada com medidas francesas, decimais – um sistemazinho decimal de ideias. Não pode, pois, não tem jeito, não consegue dar ideia das coisas russas. Quando leio as outras literaturas , eu sinto isto e aquilo – sentimentos analisáveis e classificáveis. Quando leio os russos, eu pressinto. Guerra e Paz!... Crime e Castigo!- Casa dos Mortos! – Gorki – Gogol – Turguenef – todos ...”⁶ (*A Barca I*, 24, 1907)

“Um homem mal vestido é um escritor sem estilo, especie de Silvio Romero. Tanta ideia tem ele, tanto valor, mas aquele indecoroso desalinhavo na maneira de expressar-se faz que todos o evitem .” (*A Barca I*, 25, 1907)

“E parece que Camões escreveu esses tres versos* para nós dois, Rangel. Nosso mal é que já apuramos o nosso instrumento de expressão, já sabemos jogar um periodo para o ar e ve-lo, qual um gato, cair sobre os quatro pés. Pegamos toda a tecnica de escrever e educamos o nosso senso de observação – mas vivemos embolorado dentro de caixas. Esta Areias é uma caixa e essa tua comarca é outra. Nossas cartas são como o rabinho de rato que Hansel mostrava para a velha feiticeira. Somos a velha feiticeira um do outro. Você estira o rabinho de rato epistolar para que eu veja como está gordo e forte no

⁶ Para efeito de análise da intertextualidade e crítica sublinhamos obras e autores nos trechos do *corpus* presentes nas páginas 96 e 97.

estilo; eu faço o mesmo. Mas que assuntos, que temas, podem existir dentro de caixas ?” (*A Barca I*, 27, 1908)

* Não se aprende, senhor, na fantasia
 Sonhando, imaginando ou estudando;
 Senão vendo, tratando e pelejando

“ (...) A forma de Silvio Romero e outros nortistas, Rodolfo Teofilo, Manuel Bonfim, etc, lembra-me uma estrada de rodagem sem pavimentação, toda cheia de buracos e pedras, e difícil de caminhar a cavalo – porque ler é ir o pensamento a cavalo na impressão visual e outras. Machado de Assis me dá a ideia duma estrada de macadam onde o nosso cavalo galopa tão maciamente quem nem atentamos na estrada(...)” (*A Barca I*, 28,1908)

“(...) Não tenhas pressa em publicar-se. Olhe os bons exemplos. Não digo o Flaubert, que aquilo também era demais – pura doença; mas os outros limpos. Doze anos levou Rostand a anunciar esse Chanteclair que anda agora bulindo com o mundo e já lhe rendeu um milhão de francos. Valeria a mesma coisa se fosse atamancado em dois meses ? Se você gastou dois meses no borrão dos Bem Casados, leve dois anos no polimento. E para dar comida á febre da criação, pode ir compondo o nº 2 e o nº 3. Mas imprimir, só quando estiver flaubertiano !” (*A Barca I*, 31,1909)

“Em suma, o caso é de esperteza, como nas fabulas do jaboti. Fazer que o leitor puxe o carro sem o perceber. Sugerir. Arte é isso só Eu já li e gostei do João do Rio; hoje parece-me tolo, plaquet chocalhante. E descobriu um homem inglês de nome Oscar Wilde que ninguém sabia quem era, e eu acho que é mentira dele. Dorian Gray! Potoca. carcere de Reading ! Potoca. Salomé ! Potoca. Esse misterioso “Oscar Wilde” (nome inteiro , Oscar Fingall O’Flahertie Wills Wilde) é uma pura mistificação do João do Rio .” (*A Barca II*, 8,1915)

Notemos que em todos os trechos Lobato faz referência a uma linguagem anterior ou requisita nomeadamente a presença de outros escritores e de outras linguagens na criação do texto de suas missivas. No trecho 27 o escritor além de tudo cita literalmente um trecho de Camões.

Muitos outros trechos do *corpus* apresentam essa intertextualidade, como no Tomo II trechos nºs.: 15, 20, 21, 25, 29.

Todos os trechos explicitados, além de apresentarem intertextualidade, denotam uma postura crítica direta de Lobato dirigida a vários autores: Camilo Castelo Branco, Camões, Silvio Romero, Rodolfo Teófilo, Manuel Bonfim, João do Rio entre outros.

Lobato opera em função da obra, atividade que o estimula a novas descobertas, e isso é, segundo Chalhub (1986, p.72) também metalinguagem.

Extraímos outros trechos em que o autor taubateano opera apenas em nível crítico, tecendo comentários sobre sua própria postura sobre a língua; para tal grifamos os segmentos mais importantes :

“(...) Como vês, ensarnei-me a funda na sarna galica. A reação vem dos tempos da Velha Praga. Ali anda sou antigo. Em Urupês aparecem uma clarões ricocheteados de Camilo – o grande Camilo que me revelou a língua portuguesa e me fez ver as balisas que a extremam da língua bunda dos jornais e deputados – a Língua de Cafra para Cafrarias, diz Camilo. De Urupês em diante tacleio, na luta das transições, procurando saltar para o outro lado. Esse pulo não vai assim ao jeito dos pulos ginásticos; é pulo metafórico, pulo imperceptível de ponteiro de relógio(...) No intento de apressar a coisa, voltei-me para a gramática e tentei refocar num Carlos Eduardo Pereira (...)” (sublinhado nosso) (*A Barca II*, 15,1915)

“(...)E timbro em avisar ao leitor de que não sei a língua. Se por acaso algum dia fizer outro livro, hei-de usar aqueles letreiros das fitas :”Contos de Monteiro Lobato, com pronomes por Álvaro Guerra; com

sintaxe visada por José Feliciano e a prosódia garantida no tabelião por Eduardo Carlos Pereira. As vírgulas são do insigne virgulografo Nunalvares, etc.” Tudo gente de mais alta especialização – e a crítica que se engalfinhe com eles. Isso, para não haver hipótese de me sair coisa vergonhosa como a primeira edição de Idéias de Jeca Tatú . Não houve o que não houvesse na impressão desse livro(...) Li varias paginas e corei até a raiz da alma. não tinham feito revisão nenhuma. Erros indecorosos pululavam ali como pulga em cachorro sarnento. Corrigi o que pude. Era uma composição manual – uns tipos velhos, desbeçados, indecentes. Tudo indecente (...)” (sublinhado nosso) (*A Barca II*, 50, 1920).

Ao agir como seu próprio crítico, Lobato e sua obra são modificados e influenciados, pois o exercício reflexivo propicia o crescer do autor.

As respostas de Godofredo, que infelizmente não temos, contribuíram também para o aprimoramento de Lobato, conforme palavras do próprio autor :

“Outra coisa está me parecendo: que na literatura fiquei o que sou por causa dessa correspondência. Se não dispusesse do teu concurso tão aturado, tão paciente e amigo, o provável é que a chamazinha se apagasse. Você me sustentou firme na brecha – e talvez eu te haja feito o mesmo. Fomos o porretinho um do outro, na longa travessia...”(sublinhado nosso) (*A Barca II*, 81, 1943)

2.2. Língua, modalidades e usos

Consideraremos as cartas de Monteiro Lobato para Godofredo Rangel em ordem cronológica, sendo que o levantamento feito inclui todos excertos que contêm aspectos significantes sobre língua, uso, norma e comportamento lingüístico .

“E agora, um puxão de orelhas: Por que que usas etiqueta comigo ? Tuas cartas vivem cheias de “faça o favor”, se não for incômodo”, e mais formulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. Seja bruto, chucro, enxuto. Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas. Mas estás um homem cheio de vícios mentais e cacoetes. O peor é a mania (que acho ironica) de te rebaixares e me pores nas nuvens (como o rei dos Judeus), quando na realidade não passamos, os dois, de duas “sêdes de saber”, de duas “fomes de expressão” em tudo equivalentes. Que graça botar a minha sêde acima da tua ! Sêde é sêde.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 8,1904)

Monteiro Lobato reconhece que a língua é um fator de interação e para isso ocorrer é necessário que os usuários – emissor e receptor – utilizem o mesmos registros⁷, que vise a harmonizar suas expectativas lingüísticas .

No trecho anterior Lobato antecipa o que aconteceria durante quarenta anos, pois a troca de correspondências suscitou no autor reflexões lingüísticas, que só ocorreram, pois ele via em Godofredo um cúmplice para elas.

Cabe ressaltar mais uma vez que o escritor entende que as cartas que trocou com o amigo, não estão no patamar de língua escrita, mas se tratam de colóquios, conversas sobre literatura e a produção literária dos dois.

“Conversemos enquanto chove .” (*A Barca I*, 18,1905)

“.... conversando nestas cartas que já duram mais de um ano.” (*A Barca I*, 19,1905)

⁷ Registro aqui entendido a partir da concepção de Mattoso Câmara e Halliday (in Kato, 1986, p.14) como sendo “a variação da língua em um mesmo indivíduo, conforme a situação em que o mesmo se acha.”

O termo “conversa” leva-nos a inferir que Lobato identifica as modalidades, ou variedades, segundo Halliday (1974), escrita e falada, mas relaciona essa última às incorreções gramaticais.

“Apontas-me, como crime, a minha mistura do “você” com “tu” na mesma carta e ás vezes no mesmo periodo . Bem sei que a Gramatica sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais comodo, mais lepido, mas saído – e, portanto, sebo para a coitadinha. Ás vezes o “tu” entra na frase que é uma beleza; outras é no “você” que está a beleza – e como sacrificar essas duas belezas só porque um coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva , um Epifanio e outros perobas “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Lingua de cartas é lingua em mangas de camisa e pé-no-chão- como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como não faz o macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramatica como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario. (sublinhado nosso) (*A Barca I*,11,1904)

Esse trecho remete-nos ao que Preti (1982) nomeia de variedade estilística, ou seja, o usuário escolhe de acordo com a situação um estilo que julga conveniente, de forma que Lobato associa a epistolografia à conversa, que se concretiza por meio da modalidade falada.

Essas considerações corroboram para a classificação das obras de Lobato, segundo Pinto (1994:51) em três grupos de escritos : “os da finalidade claramente literária, os de finalidade pragmática, voltados para a defesa de idéias ou propostas; e os de finalidade subjetiva – ou de expressão pessoal – a sua riquíssima correspondência.”

No que diz respeito à *A Barca*, trata-se de uma obra de expressão pessoal, daí seu estilo peculiar nas cartas, uma vez que

Lobato relata ao amigo suas posições sobre a concepção de língua e assuntos a ela relacionados.

Notamos que a posição lobatiana sobre a língua portuguesa é um caso de amor às avessas, narrado pelo autor nestes tomos epistolares. De maneira que, no início de sua composição epistemológica desprestigia nossa língua em detrimento da francesa e russa.

“Não te posso dizer nada sobre Crime e Castigo porque não há falar de coisas grandes com meios pequenos – com estas pulgas glóticas que são as “palavras em língua portuguesa”, esse produtinho lá de Portugal, onde também fazem tamancos e palitos. A nossa análise esta aparelhada com medidas francesas, decimais – um sistemazinho decimal de ideias. Não pode, pois, não tem jeito, não consegue dar ideia das coisas russas. Quando leio as outras literaturas , eu sinto isto e aquilo – sentimentos analisáveis e classificáveis. Quando leio os russos, eu pressinto. Guerra e Paz!... Crime e Castigo!- Casa dos Mortos! – Gorki – Gogol – Turguenef – todos ...”(sublinhado nosso) (*A Barca I*, 24,1907)

Lobato nesse momento confessa ao amigo que a língua portuguesa não possui léxico ou mecanismos lingüísticos que possam expressar devidamente as idéias e a coloca no mesmo patamar dos “tamancos e palitos” produzidos por Portugal.

Tal postura indica preconceito lingüístico, uma vez que toda língua é igualmente bem adaptada aos usos de sua comunidade, o que podem ocorrer são os juízos de valor, pois o indivíduo pode preferir um uso ao outro, conforme defende Halliday (1974, p.30)

Lobato acredita que mesmo por meio da língua é possível adquirir um estilo literário ao detectar em outros escritores a ausência de estilo . Com base nessa concepção o escritor taubateano eleva a

linguagem literária de Machado de Assis e critica a postura de outros escritores, a saber nos trechos abaixo :

“Um homem mal vestido é um escritor sem estilo, especie de Silvio Romero. Tanta ideia tem ele, tanto valor, mas aquele indecoroso desalinhavo na maneira de expressar-se faz que todos o evitem.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 25, 1907)

“A forma de Silvio Romero e outros nortistas, Rodolfo Teofilo, Manuel Bonfim etc., lembra-me uma estrada de rodagem sem pavimentação, toda cheia de buracos e pedras, e difícil de caminhar a cavalo – porque ler é ir o pensamento a cavalo na impressão visual e outras. Machado de Assis me dá a ideia duma estrada de macadam onde o nosso cavalo galopa tão maciamente que nem atentamos na estrada. Nos outros não tiramos os olhos da estrada, tais os perigos e a buraqueira – e como há de ver a paisagem marginal quem vai de olhos pregados no chão ? O mau português mata a maior ideia, e a boa forma até duma imbecilidade faz uma joia.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 28, 1908)

Lobato associa a boa literatura à precisão lingüística e neste momento reitera a importância da forma ao conteúdo. Assim, a melhor maneira para conquistar a *“borboleta das asas de fogo”*, metáfora utilizada por Lobato ao objetivar a busca ao estilo perfeito, seria a leitura, o estudo de autores clássicos e a adaptação do estilo dos mesmos ao estilo individual.

O escritor taubateano não concorda com o copiar, mas sim com o transformar, adaptar *“nunca ser cauda de cometa”*, conforme suas palavras.

“ E parece que Camões escreveu esses tres versos* para nós dois, Rangel. Nosso mal é que já apuramos o nosso instrumento de expressão, já sabemos jogar um periodo para o ar e ve-lo, qual um gato, cair sobre os quatro pés. Pegamos toda a tecnica de escrever e

educamos o nosso senso de observação – mas vivemos embolorados dentro de caixas. Esta Areias é uma caixa e essa tua comarca é outra. Nossas cartas são como o rabinho de rato que Hansel mostrava para a velha feiticeira. Somos a velha feiticeira um do outro. Você estira o rabinho de rato epistolar para que eu veja como está gordo e forte no estilo; eu faço o mesmo. Mas que assuntos, que temas, podem existir dentro de caixas ?” (sublinhado nosso) (*A Barca I*,27,1908)

*Não se aprende, senhor, na fantasia
 Sonhando, imaginando ou estudando;
 Senão vendo, tratando e pelejando

Ao mesmo tempo em que Lobato tenta conseguir “alcançar a borboleta das asas de fogo” e traça diretrizes sobre a construção de uma linguagem literária perfeita, pragmatiza-a em suas missivas. O autor utiliza de traços oralizantes como no caso da construção “um gato cair sobre quatro pés”, repetição de estruturas, porém mantém o apuro gramatical, como notamos no segmento anterior.

Com a finalidade de atingir um ideal literário lança-se á leitura dos dicionários.

“Quanto ao que propões sobre o português – interessante! – era o que eu ia propor-te nesta. Você foi o primeiro a alcançar o polo, como Amundsen. Mandei vir o dicionario de Aulete, que ainda é o melhor, e estou a le-lo. Aventura esplendida, Rangel! Os vocabulos são velhos amigos nossos que pelo fato de diariamente nos acotovelarem no brouhaha da Lingua, não nos merecem a atenção curiosa e indagadora que damos ás palavras estrangeiras. Pelo fato de frequentar um parente, você chega a ponto de não poder descrever-lhe a cara - no entanto é capaz até de desenhar de memoria a cara dum estranho que viu ontem. Deixam de nos impressionar as coisas habituais. Daí o valor da leitura de dicionario. No dicionario encontramos um CAVALO. “Quem é você? “E ele muito serio: “... substantivo masculino. Quadrupede,

domestico, solipede; ramo ou tronco em que se enxerta; banco do tanoeiro, etc, etc.”A gente regala-se com o mundo de coisas que o cavalo é, e muitas vezes tambem nos regalamos com as cavalidades do dicionarista. Se o cavalo é um quadrupede domestico”, como se arranja o dicionarista para denominar um equus selvagem ? E vamos assim mentalmente retificando aqui e ali o dicionario, enquanto ele nos faz o mesmo aos inumeros pontos vocabulares em que claudicavamos sem o saber. Quantos novos sentidos de palavras, das quais sabiamos um só ? Quanta construção bonita de frase, com forma intransitiva de verbos habitualmente transitivos ? E as antiquilhas merecedoras de restauração ? Que deleite seguir em mente a evolução de um vocábulo! Ver, por exemplo, agora sair de hac hora, como a borboleta sai da crisalida; e perto sair de pyraites (queimado), como sai preto o papel branco depois que o fogo o queima. E caravansará sair do persa Karvan sarai. Essa leitura nos vai dando firmeza, com o conhecimento da exata propriedade dos vocabulos. (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 29,1909)

Em seu primeiro posicionamento sobre a língua portuguesa ao amigo Godofredo Rangel, julga ser a mesma pequena em relação a outras línguas, daí seu mergulho nos dicionários, o que irá lhe proporcionar uma nova visão lingüística.

“Ando a passear pelo oceano das palavras, isto é, ando a ler o Dicionario de Aulete, e vou tomando notas. Já descobri tres ou quatro palavras que eu pronunciava erradamente, como “probóscida”e “Litanía”. descobrindo as minhas batatas ! E interrompi a fabricação de contos até que haja terminado esta leitura tão divertida. Pena serem tão pifios os nossos dicionarios.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, p. 260)

Notamos no fragmento anterior que Lobato sabe da infinidade de léxicos existentes em nossa língua: “ando a passear pelo oceano das palavras”, constata que ele tem falhas fonéticas e a partir de então a

língua portuguesa adquire prestígio para o autor. Lobato tem no dicionário um instrumento que aprimorará sua “lira literária”.

“Parei com os contos e segui com Aulete. Dá-me mais prazer isto, além da vantagens que traz – prazer pitoresco, variado como o de um general que assiste ao desfile de 70 mil homens não uniformizados, cada um vestido de um jeito e lá com sua cara diferente. Outra vantagem está sendo a retificação de muitas palavras que eu pensava que eram uma coisa e são outra; e também já cavei 24 vocabulos que eu pronunciava erradamente. São 24 “batatas” de que fico liberto. Estou no M. O que mais aprecio num estilo é a propriedade exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocabulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística. Só pelo conhecimento exato do valor de cada um é que alcançaremos aquela qualidade de estilo . E quanto conculquoio, quanto rodeio, esse conhecimento vocabular nos evita ! Em vez de : “F. correu os olhos em torno da mesa” como fica melhor dizer: “F. circunvagou os olhos”. Mas no uso dum vocabulario abundante torna-se mister o mesmo habil discernimento de boa aplicação que distinga os Camilos dos Camelos – dos camelos plumitivos a Macuco, o fundador do Profundismo... É necessario aprender a bem gastar, como faz o rico inteligente, que gasta simultaneamente em proveito proprio e alheio, não á moda do perdulario inepto.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 38, 1909)

Nesse sentido Lobato entende a língua como Benveniste (1989), ela é a interpretante da sociedade. Assim, quanto mais profundo fosse seu mergulho em Aulete, maior seria seu poder de interpretação. Nota-se que a esse árduo trabalho, incorporava-se à leitura de vários autores, primeiramente Camilo Castelo Branco, a seguir Rui Barbosa:

“Precisamos ler Camilo. Vou mandar vir um sortimento. Saber a lingua é ali! Camilo é a maior fonte, o maior chafariz moderno donde a lingua

portuguesa brota mijadamente, saída inconscientemente, com a maior naturalidade fisiologica. Eu tenho a impressão de que os outros aprenderam a lingua e só Camilo a teve ingenita até no sabugo da unha de todas as células de seu corpo.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 29, 1909)

“Pare com o Camões e Cervantes e pegue no Ruy: ele resume-os a todos e é do nosso tempo. Acho uma honra tremenda sermos coevos de tal homem, e duvido que tenhamos outra semelhante na vida. Aprendamos a degusta-lo como o rei da lingua. É uma especie de Imperio Britanico do vernaculo. Eu saio dele mais chato que um percevejo.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 33, 1909)

Lobato elenca para o amigo seus modelos literários e obviamente não se esquece de Machado de Assis, que para o escritor taubateano estaria no mesmo patamar de Camilo Castelo Branco :

“Machado de Assis é o mais perfeito modelo de conciliação estilística; seu classicismo transparece de leve e nunca ofende os nossos narizes modernos. Como vivemos neste seculo e neste continente , não podemos, sem uma habil e manhosa tatica, usar expressões lusitanas e de tempos já muito remotos.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 35, 1909).

Finalmente Lobato percebe a grandeza da língua portuguesa e ainda descobre outros modelos como Frei Luis de Sousa. Desabafa ao amigo sobre a beleza da língua e como essa pode proporcionar belos textos se manuseada adequadamente.

“Boa nova: chegou a salvamento a historia desgarrada e apresso-me em dar a boa noticia. Li e acho que o teu verdadeiro genero é aquele. Está pura e simplesmente otima. A melhor coisa que produziste. Mas acho deficiente o teu português. Nós não sabemos essa maldita lingua. Rangel, e manejamos achavascadamente plebeamente, um barro, um

caolim de primeira, com o qual se podem modelar as mais leves e finas coisas. Só agora ando alcançando a extensão do meu erro nesse ponto. Até aqui me repastei, quasi que exclusivamente no francês, e “ouvia falar” da “lingua de Fr. Luis de Sousa”. Meu português era o caseiro e do jornal. E eu ficava de olho grande: “Que linda não há de ser, meu Deus , a lingua de Fr. Luis de Sousa! “Mas não tinha coragem de investigar. Agora, sim, a coragem me veio e entrei. Estou, Rangel, dentro da lingua de Fr. Luis , embora ainda longe de lá do centro, onde ele deve figurar como um Deus, com Herculano á mão direita e Camilo á esquerda. E sei que há uns frades tremendos da mesma familia de Fr, Luiz – Fr. Pantaleão do Aveiro, um Lucena, um Fr. Heitor Pinto, e um “delicioso” Bernardes. Aquilo é uma especie de Olimpo da Lingua, todos deuses e semideuses e deusa nenhuma. Não havia mulheres em materia de lingua antiga, Rangel, como ainda as há tão poucas hoje – a Julia Lopes e quem mais ? (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 41, 1909)

A partir daí dedica-se exclusivamente a ler autores portugueses, Machado de Assis e abandona as outras línguas com a finalidade de construir descrições que fujam ao comum.

“Parei com as minhas leituras de lingua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua de mel com a lingua lusitana, que descobri como o Nogueira descobriu a Patria, e o Macuco o verbo “apropinquare”. E sabe o que mais me encanta no português ? Os idiotismos. A maior beleza das linguas está nos idiotismos, e a lusa é toda um Potosi. A parte que as linguas têm de comum é como a estrutura ossea das varias raças humanas, coisa que não varia apreciavelmente; o que as distingue, o que faz o inglês, por exemplo, ser tão diverso do italiano, são as feições, os trajés, os modos e as modas de cada um, isto é, os idiotismos fisionomicos. Note, observe. Fulana, a moça mais graciosa de rosto de todas que enfeitam aí essa tua cidade do Machado, que é que nela a distingue e lhe dá aquela graça especial ? O idiotismo com que a natureza a dotou; o narizinho arrebitado, a curva da boca, o modelado do queixo; particularidades essas, todas, que fogem a

correção ideal e classica das linhas de um rosto normal.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 41, 1909)

No trecho citado verificamos que Lobato reconhece que a norma é mutável e que o uso colabora para as transformações, como explica Preti (1982), mas, novamente estabelece uma divergência, agora entre a língua portuguesa de Portugal e a do Brasil. Monteiro Lobato entende que a língua portuguesa de Portugal é mais rica, pois o uso do povo é mais diversificado, enquanto que no Brasil o povo não colabora para o enriquecimento de sua língua.

“Por que é o português de Portugal tão superior ao português do Brasil? Porque é muitíssimo mais idiotizado pela colaboração do povo, ao passo que aqui o povo praticamente não colabora na língua geral – vai formando diletos estaduais como na Italia.” (*A Barca I*, 42, 1909)

Para Lobato a língua portuguesa de Portugal detém o *status* de língua padrão, enquanto a do Brasil seria uma variedade desprestigiada. Consideração essa que vem a romper com os preceitos de Halliday (1974), quando o mesmo afirma não existir língua primitiva, pois nenhuma língua é mais desenvolvida que outra.

O que ocorre é uma predileção individual, o de que gostamos é um reflexo do que aprendemos em sociedade e do nosso gosto individual, e que levar um falante a se envergonhar de seus hábitos lingüísticos é um ato de preconceito.

Constatamos que o posicionamento lobatiano é compreensível para a época, considerando-se a produção literária de ambos os países e que tal pensamento é válido na medida em que leva o próprio autor a refletir sobre a língua portuguesa de Portugal e do Brasil, tema hoje abordado por muitos estudiosos.

“Num romance de Julio Verne há um Tiago Paganel, geografo de má memoria, ao qual sucedeu o caso, que hoje não me espanta, de aprender o espanhol pelo português. Quando deu pelo engano, abriu a boca. Não me espanta porque fiz o mesmo: aprendi por cá uma lingua bunda pensando que era a nobra e fidalga lingua portuguesa.

Sempre vivi nesse elegante atascal da lingua francesa, no qual me cevava de literaturas exoticas, eslava, britanica, escandinava e até hindustanica – sem me lembrar que isso só deve ser permitido aos que já perlustraram a fundo as provincias da literatura patria. E tão encrostado me pôs o longo patinar por anos a fio nesse engano led e cego, que não creio em cura para o mal... tenho sífilis no idioma, da incuravel ! Mas é provavel que encetando agora o estudo da Grande Lingua, aos oitenta anos menos leigo serei de suas louçanias, que hoje. E como ajustado ao intento me pareceu Camilo, a ele me arremeti .”
(sublinhado nosso) (*A Barca I*, 46, 1910)

Com vinte e oito anos já está convencido que deveria dominar primeiramente a língua portuguesa para somente depois lançar-se a outras língua. Lobato preocupa-se com seus deslizes gramaticais.

“Começo a perceber o meu relaxamento com o português. Quando calouro, furtaram-me um Aulete que fôra de meu pai e eu levava para S.Paulo, e desde essa ocasião (dez anos!) fiquei sem dicionario ! De gramatica sou a personificação da ignorancia. Depois que me vi livre do exame, botei fora a infernal gramaticorra do Freire da Silva, que tanto me martirizou e me valeu uma bomba, e nunca tive comigo nem a gramatiquinha do Coruja. E estou convencido da inutilidade delas, como também pensa o rei dos gramaticos o Candido de Figueiredo.”
(sublinhado nosso) (*A Barca I*, 44, 1909)

Lobato consegue separar nesta época língua culta de língua literária, posição esta respaldada por Wolfgang Roth (1916, p.17), que considera que a definição de língua literária se deve em parte ao

estruturalismo das primeiras décadas do século XX, em que se buscou estabelecer uma oposição distinta entre língua literária e língua de uso.

A língua padrão e literária eram tidas como uma unidade, sem considerar as variedades lingüísticas, porém, a partir do século XVIII, os românticos começaram a antever a existência da variante brasileira e a defender o direito a uma expressão literária própria.

No século XIX com a Revolução Industrial ⁸, iniciou-se uma separação entre linguagem literária e linguagem de uso com particular interesse pelas variedades, especialmente as dialetais.

Os textos que visavam à comunicação, tornaram-se mais sóbrios e registram a infiltração da língua falada na literatura, embora algumas áreas continuassem a se orientar pela retórica de grandes autores literários. Essas ocorrências são praticamente simultâneas à época de Lobato, que tece a seguinte reflexão sobre a postura de Manuel Antonio de Almeida:

“As Memórias de um Sargento têm contra si, no confronto, a vulgaridade plebeia das coisas ditas; e nem podia deixar de ser assim, pois que esperar dum sargento de milícias ? Já o doutor Braz Cubas é fina floração de fim de raça, um faineant como aqueles das côrtes luizescas de França . Flor de fim de Ordem social. Ao primeiro sopro das Revoluções, os Braz Cubas morrem como passarinhos.”
(sublinhado nosso) (*A Barca I*, 48,1910)

Verifica-se que mesmo ao preterir o conteúdo à forma, Lobato é um escritor esclarecido e pontual em seus posicionamentos quando relaciona a competência lingüística das personagens ao status social das mesmas.

⁸ Com a Revolução Industrial surgiram dois grupos sociais a burguesia ou elite capitalista e o proletariado. O primeiro grupo objetivava manter o status social e expressar sua riqueza espelhando-se no modelo ideal cultural francês. A posição social da personagem tem relação direta com o comportamento lingüístico da mesma.

O comportamento lingüístico da personagem traduz sim sua origem, classe social, o que Preti (1982) reconhece como variedades geográficas e sócio-culturais. Quando Leonardo, protagonista de Memórias de um Sargento de Milícias realiza suas atividades lingüísticas por meio do uso de “vulgaridades plebéias”, conforme Lobato, está apenas instituindo sua comunidade lingüística, ou seja, pertence a um grupo de pessoas de classe baixa, residente na zona urbana do Rio de Janeiro em pleno século XIX.

Lobato entre os anos de 1911 e 1914 reflete pouco sobre a língua e volta sua atenção para a própria capacidade de criação literária.

“Sou incapaz de literatura; convenci-me disso em Areias, onde tinha todo o lazer possível e não produzi nada. Minha literatura não é de imaginação - é pensamento descritivo; não cria – copia do natural. Em suma, sou pintor; nasci pintor e pintor morrerei – e mau pintor ! Nunca pinte nada que me agradasse. Quando escrevo, pinto – pinto menos mal do que com o pincel. Copista portanto, e só. Talvez seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cerebro pensa – mas é só. Eu não tenho folego. Escrever aborrece-me – mas quando estou desenhando ou pintando, esqueço de mim e do mundo.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 52, 1911)

O que se caracteriza é que mesmo mediante a seus esforços, Lobato não se vê satisfeito com sua linguagem literária, pois entende que a mesma seria apenas uma reprodução daquilo já produzido por outros autores, denomina-se no trecho a seguir como um escritor amador :

“Fiquei na dúvida, porque cá no íntimo ,(refere-se ao artigo publicado no Estado) Rangel, acho o meu talento muito problematico, o que tenho é jeito, habilidade, e assim como sem ser pintor, pinto minhas

aquarelas, sem ser caricaturista faço minhas caricaturas, sem ser relojoeiro conserto relógios (dos grandes), e conserto fechaduras, e faço toda uma mobília tosca, como fiz em Areias, e construo uma capelinha com torre (como a construí em Taubaté), assim também, por força desse mesmo jeito para tudo, escrevo artigos e contos sem ter o real, o sólido, o bom talento do escritor que veio ao mundo só para escrever. Sou, em suma, o tipo “curioso” – e acho uma beleza de expressão esta palavra popular, equivalente a “amador”. Eis Rangel, o que no fundo penso de mim.” (sublinhado nosso) (*A Barca I*, 57, 1914)

A partir de 1915 o autor ainda reflete pouco sobre a língua, mas continua a buscar sua instrumentalização lingüística em Camilo Castelo Branco . Relata também ao amigo o fato de o Brasil não possuir bons livros e de seu desejo de produzi-los :

“Minhas incursões pelos romances de Camilo têm duas intenções: uma, passarinho naquela desordenada mata virgem, apanhando as boas locuções que não tenho em meus viveiros; outra, mariscar os idiotismos, que são as perolas da língua. E também me é um descanso andar pela floresta do grande malabarista – descanso desta nossa crise monetária de vocábulos e graça, que nos envolve neste país em que a leitura do jornal mata a do livro. Não há livros, Rangel, afora os franceses. Nós precisamos entupir este país com uma chuva de livros. “Chuva que faça o mar, germe que faça a palma”, já o queria Castro Alves..” (sublinhado nosso) (*A Barca II*, 2, 1915)

Entende que a língua portuguesa do Brasil é uma variedade lingüística da língua portuguesa de Portugal, e o fator que as difere são as construções lexicais. Ainda afirma que o usos de Camilo estão acima dos de qualquer outro escritor. Dessa forma, ao lê-lo, procura extrair esses “modos de dizer” para aprimorar-se.

“Resumindo: meu plano é ter uma boa horta de frases belamente pensadas e ditas em língua diversa da língua bunda que nos rodeia e nós vamos assimilando por todos os poros da alma e do corpo. Um jardim de flores simpáticas á nossa estesia inconsciente. No meu passeio pelas Vinte Horas de Liteira apanhei isto: Um corujão berrou no esgalho seco de um sobro. Detive-me; fiz pouso nesta frase enchedora de olhos e ouvidos. E não anotei, por que anotada ficou para sempre em meu cérebro. Não a analiso, não a comento ; ponho-a apenas em uma lapela do cérebro, como pus naquele prego um ninho de beija-flor encontrado no barranco. Se Camilo houvesse dito: Uma coruja piou no galho seco de uma arvore, eu teria deixado no barranco esse ninho de beija-flor. O “berrou” é que me seduziu. Toda vida, para toda gente, as corujas piam – só em Camilo aparece uma que berra. Lindo !

Filosofando: coletar modos de dizer, jeitos de expressão afins com esse misterioso quid que me leva a olhar com enlevo para os brincos-de-princesa que vejo pela janela, e com arrepios de asco para uma barata que apareça. E isso apesar da ciência que há dentro de mim dizer que ambos, brinco-de-princesa e barata, são duas prodigiosas obras primas da Natureza. (sublinhado nosso) (*A Barca II*, 4, 1915)

Em suas cartas continua a utilizar uma postura eclética, com construções complexas, léxicos diferenciados e concomitante a isso construções gíricas, repetições , como ilustramos nos trechos a seguir:

(a) “ Estou triste, Rangel, porque verifiquei que só escrevo coisas que prestem quando sob a influência da indignação. É a minha musa, a Cólera ! Todos os meus contos e artigos brotam desse sentimento criador. Ora, com os anos, a faculdade da indignação vai arrefecendo, substituída pela tolerância filosofia.” (sublinhado nosso) (*A Barca II*, 51,1920)

(b) “Não passo de um ex-escritor de rabo entre as pernas. E ás vezes me dá medo. E se o arranha-ceu desaba ? Nós, que lá na rua Boa Vista

não devíamos um vintem, agora devemos milhares de contos.
(sublinhado nosso) (*A Barca II*, 55,1924).

Nota-se em (a) uma construção em ordem indireta: “É a minha musa, a cólera!” , dotada de uma exclamação, remete-nos a linguagem literária, pois percebe-se que há uma elaboração intelectual, conteúdo rico e complexo em oposição às seqüências pequenas e truncadas da fala, conforme Urbano (2000, p.129).

Em (b) a construção gírica “ex-escritor de rabo entre as pernas”, que conforme Viotti (1956, p.358) é semelhante a “sair ou retirar-se com o rabo entre as pernas ou saída como a de cão enxotado”, denota um comportamento lingüístico oralizante.

O grande entrave de Monteiro Lobato foi lidar com o trinômio língua – estilo - literatura, sobre o qual Halliday (1974) nos norteia:

“Toda forma lingüística ou pertence a gramática ou ao léxico, e no primeiro caso são os aspectos gramaticais e léxicos da língua individual do escritor, juntamente com alguns aspectos da pontuação que constituem seu estilo.”

Borges (1999, p.39) destaca a postura paradoxal de Lobato ao comentar que entre 1917 e 1920 o autor tem uma preocupação excessiva com a língua , porém ao final desse período o mesmo passa a rejeitar a gramática e ventilar a possibilidade de existência de uma língua brasileira.

O que notamos é que Lobato vê em suas cartas uma válvula de escape em que se sente livre da censura gramatical e da responsabilidade de ter um estilo.

Sua metalinguagem, porém não se restringiu às cartas, mas se fez presente em prefácios, entrevistas e outros textos.

“Em matéria de língua caminhamos no sentido de criar uma língua nova, filha da portuguesa.” (*Pinto*, 1981, p. 54)

Nesses outros trechos metalingüísticos o autor mantém as mesmas posições mencionadas em *A Barca de Gleyre*, entendendo em dado momento que a língua portuguesa do Brasil é uma variedade de Portugal.

“Cá entre nós já vemos rulhar a netinha número um, subvariedade da variedade portuguesa.” (*Pinto*, 1981, p.55)

Marca-se a postura paradoxal de Lobato por meio de uma citação, em que ele indica subjetivamente que a norma pode ser mudada de acordo com o uso e que a língua portuguesa do Brasil poderia ter sido mais evidenciada por ele, como no segmento a seguir :

“O estudo único em matéria filológica que nos cumpria fazer, não o fazíamos. Era esse da língua nova, a língua que ao país inteiro interessa: o estudo, o retrato fiel da Brasilina, arisca que atende às necessidades de expressão dos 25 milhões de jecas que somos. Porque, estranha contradição! Falamos à moda de Brasilina, mas escrevemos à moda de dona Manuela, por falta de coragem ou medo ao bolo da férula portuguesa.” (*Pinto*, 1981, p. 56)

Essa opinião de Monteiro Lobato apresenta agora um reconhecimento do prestígio da língua materna, mesmo que ele caracterize seus usuários como “jecas”.

As teorias de Halliday e Preti vão fundamentar as considerações que Lobato fez sobre a língua somente nos idos dos anos 20, quando ele já se estabelecera como escritor de sucesso, mesmo dentro dos moldes clássicos.

Conforme Pinto (1994, p.59) o que colaborou com sua mudança de postura perante a língua foi a influência de um livro precursor sobre as subvariedades brasileiras da língua portuguesa, *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral.

O abasileiramento da linguagem lobatiana, principalmente na literatura infantil, corresponde ao encontro do estilo “*a modelagem tão peculiar e tão potente, no Brasil, quanto a de um Camilo Castelo Branco em Portugal*” Pinto (1994, p.60). Acrescentam-se a esse fato também as razões econômicas, segundo Leite (1999, p.144), pois fazia-se necessária a venda de livros.

Esse abasileiramento ocorreu, no entanto, somente no nível do léxico, pois sua postura purista jamais deixaria de lado a correção gramatical que o norteou durante toda sua vida literária.

Com intuito de estabelecer uma linha evolutiva do pensamento de Monteiro Lobato em relação á língua, procuramos elaborar dois quadros, a partir dos tomos I e II de *A Barca de Gleyre*, contendo os seguintes tópicos :

- Ano – data em que as cartas foram escritas;
- paginação – a quantidade de cartas escritas por ano;
- momento biográfico- dados relevantes sobre a vida do autor;
- considerações lobatianas – síntese das idéias metalingüísticas do autor : língua, literatura e as próprias cartas.

TOMO I – CARTAS DE 1903 A 1914

ANO	PAGINAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	MOMENTO BIOGRÁFICO	CONSIDERAÇÕES LOBATIANAS
1903	21-42	22	Formação do grupo O Cenáculo. Está em São Paulo	Defende a gramática, mas prega a liberdade nas cartas
1904	45-86	42	Forma-se e regressa a Taubaté	Solicita a Godofredo menos polidez nas cartas. Continua seu apego à prescrição gramatical
1905	89-115	27	Queixa-se da monotonia	Eleva Machado de Assis em termos de estilo e língua.
1906	119-149	31	Inicia o namoro com Purezinha	Faz referência à língua falada por ter a variante da entonação.
1907	153-201	49	Nomeado promotor de Areias	Acredita que suas cartas apresentam incoerência, instabilidade, no que diz respeito à língua

ANO	PAGINAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	MOMENTO BIOGRÁFICO	CONSIDERAÇÕES LOBATIANAS
1908	205-227	23	Casa-se com Purezinha	A forma é importante para o estilo
1910	285-296	12	Nasce seu segundo filho, Edgar	Pensa escrever uma gramática histórica. Elogia Euclides da Cunha
1911	299-322	24	Herda a Fazenda Buquira	Percebe a importância da troca de cartas para seu desenvolvimento literário.
1912	325-333	9	Nasce Guilherme, seu terceiro filho	Condena a reforma ortográfica
1913	337-343	7	Planeja explorar comercialmente o Viaduto do Chá	Não faz considerações metalingüísticas
1914	347-367	21	Publicação do artigo "A velha praga"	Considera-se um escritor amador

II TOMO – CARTAS DE 1915 A 1948

ANO	PAGINAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	MOMENTO BIOGRÁFICO	CONSIDERAÇÕES LOBATIANAS
1915	5-60	56	Sucesso de “A velha praga”	Anota frases de grandes obras, incluindo Euclides da Cunha. Caracteriza determinadas construções da língua portuguesa portuguesa como “língua bunda”, “idéias de toda gente”. Ex: mármore gelado em língua-bunda : suor frio. Acredita que as cartas têm um estilo “vivo”, pois não são escritas para serem publicadas como livros e jornais
1916	63-123	61	Nasce Ruth, sua última filha. Colabora com a <i>Revista do Brasil</i>	Continua a defender a decência no trato da língua

ANO	PAGINAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	MOMENTO BIOGRÁFICO	CONSIDERAÇÕES LOBATIANAS
1917	127-169	43	Vende a Fazenda. Muda-se para São Paulo. Critica a exposição de Anita Malfatti	Não há considerações metalingüísticas
1918	173-186	14	Compra a <i>Revista do Brasil</i> . Publica o livro <i>Urupês</i>	Critica a gramática, mas defende os estilos de Camilo e Machado
1919	189-208	20	Rui Barbosa utiliza a figura do Jeca Tatu	Salienta novamente a importância das cartas para o aperfeiçoamento literário
1920	211-223	13	Lança <i>A menina do nariz arrebitado</i>	Diz não conhecer a língua. Ao traduzir livros infantis quer uma língua mais leve. Rejeita a gramática e aceita a existência de uma língua brasileira, variante da língua portuguesa
1921	227-240	14	Lança <i>Narizinho arrebitado</i>	Não há considerações metalingüísticas

ANO	PAGINAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	MOMENTO BIOGRÁFICO	CONSIDERAÇÕES LOBATIANAS
1922	244-247	4	Inscribe-se para a Academia de Letras, mas desiste	Não há considerações metalingüísticas
1923	251-260	10	<i>Urupês</i> tem tiragem de 109.500 exemplares	Valoriza a gramática, pois pede para Godofredo corrigir seus textos literários
1924	263-271	9	Preocupa-se em editar grandes obras	Percebe a importância da modernização da língua.
1925	276-284	9	Funda a Editora cia. Nacional	Valoriza a língua portuguesa do Brasil na tradução de D.Quixote
1926	287-294	8	Concorre a Academia Brasileira de Letras e é derrotado. Publica O <i>presidente negro</i>	Desdenha a Academia Brasileira, por não ter entrado, diz que realmente não ficaria bem “naquele traje”.

ANO	PAGINAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	MOMENTO BIOGRÁFICO	CONSIDERAÇÕES LOBATIANAS
1927	297-305	8	É nomeado adido comercial brasileiro em Nova York.	Lamenta que a frequência das cartas diminuiu, não há considerações metalingüísticas
1928	306-315	7	Organiza uma empresa de aço	Não há considerações metalingüísticas
1929	316-317	2	Perde dinheiro na Bolsa de Nova York	Não há considerações metalingüísticas
1930	318-323	6	Vende as ações da Cia. Nacional	Volta a escrever, mas não faz considerações metalingüísticas
1931	324-325	2	Funda a Cia. de Petróleo do Brasil	Não há considerações metalingüísticas
1932			dedica-se ao petróleo	Não há correspondências
1933			dedica-se ao petróleo	Não há correspondências
1934	326-330	5	<i>História do mundo para crianças</i> recebe críticas da Igreja	Não há considerações metalingüísticas

ANO	PAGINAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	MOMENTO BIOGRÁFICO	CONSIDERAÇÕES LOBATIANAS
1935				Não há correspondências
1936			Ingressa na Academia Paulista de Letras	Não há correspondências
1937				Não há correspondências
1938	331-332	2	Cria uma empresa destinada a redigir e distribuir notícias	Não há considerações metalingüísticas
1939			Morre seu filho Guilherme	Não há correspondências
1940	333	1	Critica a política brasileira de minérios de Getúlio Vargas	Não há considerações metalingüísticas
1941	334-337	4	É preso pelo Estado por três meses	Aceita seu sucesso como escritor.
1942			Morre seu filho Edgar	Não há correspondências
1943	338-361	24	<i>Urupês</i> comemora 25 anos	Pensa em editar as cartas por sugestão de Godofredo
1944			Recusa indicação para a ABL	Não há correspondências

ANO	PAGINAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	MOMENTO BIOGRÁFICO	CONSIDERAÇÕES LOBATIANAS
1945	365-373	8	Extraí um cisto do pulmão	Relaciona a boa literatura à simplicidade
1946	373-381	9	Muda-se para a Argentina	Não há considerações metalingüísticas
1947	381-382	2	Regressa ao Brasil	Não há considerações metalingüísticas
1948	383-385	3	Morre em 4 de julho .	Em junho despede-se de Rangel.

Os dados históricos e biográficos constantes dos quadros e da análise foram extraídos do próprio *corpus* e complementados com base em Lajolo (2000, p.86-91).

Após o levantamento , constatamos a existência de 611 cartas escritas ao longo de 45 anos. Sabemos, pelas próprias cartas, que algumas não foram publicadas .

Lobato escreveu mais cartas durante os seguintes anos : 1916 – 61 cartas, ano em que passa a colaborar com a *Revista do Brasil* ;1915 – 56 cartas , nessa data é sucesso seu texto “*A velha praga*” e 1907- 49 cartas, período inicial da troca de correspondências e Lobato assume a promotoria da cidade de Areias.

Entre 1932 e 1939 há apenas 7 cartas, isso porque Lobato começa a se dedicar ao petróleo. Outros fatores são a Revolução

Constitucionalista em São Paulo em 1932 e o início da II Guerra Mundial em 1939.

Notamos que a maioria das vezes em que Lobato se envolve com atividades comerciais ele abandona as reflexões sobre língua, literatura, ou seja, não há considerações metalingüísticas. Como nos anos de :1913 – o autor planeja explorar o Viaduto do Chá; 1917 – vende a fazenda; 1938 – cria uma empresa de distribuição de notícias, 1928 – organiza uma empresa de aço e 1931- funda a Cia. de Petróleo o Brasil.

Entre 1903 e 1914, ou seja, no primeiro tomo da obra, a metalinguagem se faz presente. Lobato tem preocupação extrema em se esmerar literariamente, assim busca refletir em toda as cartas sobre sua própria postura lingüística e a conduta de outros autores. Solicita, ainda a Godofredo auxílio para suas incorreções gramaticais.

Durante todo esse período cita vários escritores, dentre os quais Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Machado de Assis e Euclides da Cunha como sendo modelos literários. Por outro lado tece crítica acirrada a Silvio Romero, que para Lobato tem boas idéias, mas nenhum estilo.

A partir de 1915 Lobato tem plena consciência de seu potencial, passa para uma nova fase, lançando seu primeiro livro infantil “A menina do nariz arrebitado”. Acumula a função de editor e percebe a importância da modernização da língua para que o público possa sentir-se mais próximo da obra.

De 1928 a 1936 Lobato mantém a correspondência com Godofredo, diminuindo a frequência das cartas e ao escreve-las não faz reflexões metalingüísticas.

Envolve-se em várias outras atividades e talvez por ser recusado pela Academia Brasileira de Letras, sente-se desmotivado.

Em 1943, praticamente no final de sua vida, o autor ainda escreve 24 cartas, talvez por estar feliz com a comemoração de 25 anos de *Urupês*.

E a três anos de sua morte, em 1945, continua a se preocupar com questões relativas à língua, pois nesse ano em uma das cartas, *A Barca II* (p.365-373), relaciona a boa literatura à simplicidade.

Na véspera de S.João, junho de 1948 Lobato escreve a Godofredo despedindo-se e promete enviar do além cartas ao amigo. Em julho do mesmo ano vem a falecer.

Lobato ao longo de sua vida primeiramente desprestigiou a língua portuguesa de Portugal, para tempos depois enaltecê-la, reconheceu as diferenças existentes entre a língua daqui e d'além mar e demonstrou quão difícil foi conciliar esses fatos com a realidade dos leitores brasileiros.

Capítulo 3

A presença das repetições nas missivas lobatianas

Introdução

Ao lidarmos com cartas, gênero de nosso *corpus*, é essencial o aspecto interacional do discurso e torna-se assim imprescindível a presença de repetições, uma vez ser essa uma das principais estratégias de formulação textual da língua falada.

A análise de um discurso escrito não invalida nosso percurso, pois o remetente das cartas, Monteiro Lobato, durante a sua elaboração, deixa clara sua intenção “que as cartas sejam escritas em língua mangas-de-camisa como a falada”.

Neste item elencamos trechos das cartas que se enquadram dentro da concepção de Marcuschi (in Koch : 2002). para o qual a repetição não é vista como um simples ato metalingüístico, pois expressa algo novo, mesmo por meio de segmentos discursivos idênticos.

Elas agem como formas estereotípicas, em situações de rituais da sociedade como nos pares de cumprimentos, agradecimento, despedidas. Contribuem também para a compreensão mais rápida de palavras e expressões novas, pois quanto mais convencionalizados forem um sentido, palavra ou expressão, mais instantâneos serão seus processamentos.

Verificamos que o escritor taubateano atende a três das quatro categorias que norteiam o estudo acima citado. Lobato utiliza as repetições como mecanismo de coesão, recurso retórico e para obter

efeitos semânticos. Não faz uso desse recurso para aquisição de linguagem, pois é notório o conhecimento que o autor tinha do léxico da língua.

A seguir, será feita uma abordagem das missivas no que se refere às repetições de itens lexicais, repetições de estruturas sintagmáticas e repetições de orações.

Salientamos que outros tipos de repetições podem ainda ser encontrados em nosso corpus, haja vista que o objetivo de Monteiro Lobato, além de tornar o texto coeso e coerente ,era mantê-lo interativo para que, assim , ele como emissor, tivesse a atenção e o retorno constante de seu interlocutor, no caso Godofredo Rangel.

A fim de mantermos o trabalho conciso analisaremos apenas os casos acima citados.

3.1. Repetições e categorias de pesquisa

3.1.1. Mecanismo de coesão

Consideramos neste item as várias formas de repetições utilizadas com a finalidade de coesão textual dentro do que Marcuschi (in: Koch 2002) entende por coesão referencial e seqüenciação , para tanto extraímos do *corpus* os trechos :

(1) “ (...) Faça como eu seja bruto, chucro, enxuto.”⁹ (*A Barca I*, 52, 1904)

(2) “(...) mas me é muito mais cômodo, mais lepido , mais saído (...)” (*A Barca I*, 10, 1905)

⁹ Para efeito de estudo grifaremos todas as formas de repetições.

(3) “(...) sem limpidez, sem asseio de forma.” (A Barca I, 28,1908)

(4) “(...) Contra o reboco o que atua é a chuva, a intempérie, a erosão natural(...)” (A Barca I, 31,1910)

(5) “(...) O escritor que escreve mal é um imundo, um fedorento, um chulepento(...)” (A Barca I, 31, 1910)

(6) “(...) Só num cárcere podemos atacar, roer, digerir um Camilo Heitor Pinto e outro freire encruado.” (A Barca I, 32,1909)

(7) “(...) Quem conduz a humanidade e esse estilo é o Mestre Escola, é o Gramático Letrudo(...)” (A Barca II, 1, 1915)

(8) “(...) Filosofando “coletar modos de dizer, jeitos de expressão (...)” (A Barca II, 8,1915)

(9) “(...) Bela, fina, elegante... Esses adjetivos já não dizem nada.”(A Barca I, 11,1905)

(10) “(...) temos que travar conhecimento direto com todos os vocábulos, um por um, em uma demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística. (A Barca I, 38, 1909)

(11) “(...) Esse tom é o meu tom natural, normal, qualquer outro será forçado.” (A Barca II,11,1915)

(12) “(...) Sendo lugar comum, patriotismo comum, idéia-mãe, coisa do não –fede-nem-cheira, é com eles. (A Barca II, 23, 1906)

(13) “Carta é conversa com um amigo, é um duo.” (A Barca I, 2,1903)

(14)“(...) Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude(...)” (*A Barca I*, 1,1903)

(15)“(...) Todos nos lançamos contra o noqueira, todos nos acotovelamos(...)” (*A Barca I*, 3,1903)

(16)“(...) Verás que boa é as vida sem literatura. E também verás como fica boa a literatura quando o corpo está contente . (*A Barca I*, 4,1903)

(17)“(...) Saber sentir, saber ver, saber dizer(...)” (*A Barca I*, 16, 1905)

(18) “Ando a passear pelo oceano das palavras, isto é, ando a ler o Dicionario e Aulete, e vou tomando notas. (*A Barca I*, 37, 1909)

(19) “ (...) Tudo nele são potocas – tudo nele é Rua do Ouvidor. Não fica.” (*A Barca II*, 8, 1915)

(20) “O tempo passa, mas a saudade não passa.” (*A Barca II*, 32, 1917)

A coesão referencial ocorre quando se reiteram itens de ordem gramatical e lexical (sinônimos, hiperônimos, reiteração de palavras de um mesmo grupo).

Já a coesão seqüencial se refere apenas a processos lingüísticos que podem estabelecer relações semânticas.

Os exemplos de (1) a (12) apresentam a coesão referencial, pois ocorre a remissão dos referentes por meio da reiteração de sinônimos , nas formas bimembres, trimembres e até quadrimembres como em (12). Enquadraremos essas construções no paralelismo sinonímico mais adiante.

A partir de (13) até (19) encontramos coesão seqüencial marcada pela ocorrência de paralelismos sintáticos como em um dos trechos : “*é conversa... é um duo*”. Esse tipo de coesão procura manter ligação entre os sintagmas e orações.

Em (20) especificamente, além de apresentar um paralelismo, a repetição no fim de cada um dos membros da frase constitui uma epístrofe, figura de construção que confere ritmo ao enunciado e chama a atenção para o elemento repetido, que aparece reiterado negativamente.

O emissor poderia fazer uso da forma elíptica, mas nesse caso a repetição tem função poética, isso posto Lobato se refere as saudades que ele sentia do amigo e companheiro do Minarete, Ricardo , pois o mesmo havia falecido.

Abaixo temos ainda segmentos que ilustram outro tipo de coesão, a seqüencial frástica que trabalha apenas com conectores e encadeadores :

Ao analisarmos o *corpus* percebemos que Lobato fez uso desse tipo de coesão ao utilizar-se da conjunção “e” de maneira excessiva, presente em média em 40 trechos, sendo recorrentes duas a três vezes num mesmo trecho. Essas construções não são contíguas e não aparecem na mesma oração e/ou segmento, apresentam-se nos seguintes trechos :

- Tomo I : 4, 10, 15, 16, 17, 27, 28(duas vezes), 29 (três vezes), 31, 37, 38, 39, 41, 44, 46, 51, 54 e 56;
- Tomo II : 2, 4, 6, 8, 9, 12, 15 (três vezes), 17, 18, 20, 23, 28, 38, 40, 45 (três vezes), 48, 49, 50 (duas vezes), 61, 66, 67, 80 (duas vezes).

Trata-se de um “e” típico da linguagem coloquial, funcionando também como continuador textual.

Ilustramos alguns dos trechos acima citados e notamos que o uso do conector “e” pelo autor objetiva acrescentar idéias, adicionar informações ao seu discurso.

“...Verás que é boa a vida sem literatura. E também verás como fica boa a literatura quando o corpo está contente.” (A Barca I, 4, 1903)

“(...) Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você(...)” (A Barca I, 10, 1903).

“E por que isso Rangel ? Por que em nós três há uma coisa que nos obriga a partir (...)” (A Barca I, 15, 1903)

“E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele (...)” (A Barca I, 16, 1904)

“E, então, pegar a borboleta !” (A Barca I, 17, 1904)

“E parece que Camões escreveu esses três versos para nós dois (...)” (A Barca I, 27, 1908)

Nosso *corpus* consta de 143 trechos, Lobato utiliza desta construção em 40 trechos, o que representa 30% de incidência dessa construção.

3.1.2. Recurso retórico

Sabemos a trajetória lingüística de Lobato, de maneira a afirmar que como autor conhecia profundamente a língua e fazia uso intencional das repetições, utilizando-as como recurso retórico.

No fragmento a seguir, verifica-se que o autor reitera o termo *literatura* a fim de promover a compreensão da idéia em questão, com objetivo didático, sendo que esse, conforme Marcuschi (2002) promove a presença retórica.

“O gênero carta não é literatura, é algo á margem da literatura... porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante de um monstro chamado público.” (A Barca I, 2,1903)

Nota-se que Monteiro Lobato quer esclarecer para seu interlocutor o conceito de *carta*, a fim de que o mesmo venha a elaborar suas missivas fora dos padrões estabelecidos pela literatura.

Observamos que um dos principais objetivos de Lobato nesse segmento é fazer com que Godofredo Rangel entenda que as cartas se diferem da literatura por não estarem sujeitas à interpelação do público, que para o escritor taubateano seria o grande “monstro”, para tal ele faz uso da repetição do termo citado.

Não apenas a didática, mas também a argumentatividade relaciona-se à retórica. Verifiquemos essa característica no trecho a seguir :

“Ainda ontem, se quisesse responder ao teu bilhete. Nem tinta, nem papel, nem mesa – e tenho tudo hoje no lugar. Rangel, graças á maravilhosa invenção da roda. Se não fosse a roda, como operar o milagre de transpor tantos moveis e caixas lá do alto da Serra da Mantiqueira para aqui, nesta Rua Genebra ? E em cidade nenhuma há um monumento de gratidão á Roda !”(A Barca II, 38, 1917)

Lobato apresenta seu tema “a importância da roda” e o desenvolve a partir da reiteração do item em questão, assim temos a repetição utilizada para promover a compreensão dentro de um contexto argumentativo.

3.1.3. Efeitos semânticos

Os efeitos semânticos ocorrem por meio da repetição de itens lexicais e morfemas, esses elementos produzem intensidade, reiteração

e continuação no discurso, na medida em que há correspondência entre forma e sentido. Elencamos na seqüência, um segmento em que a intensificação presente obedece ao princípio exposto :

*“Trata-la-á o casamento, com a ordem e o método de Purezinha ?
Talvez, talvez.” (A Barca I,22, 1908)*

Na reiteração do vocábulo *talvez*, tem-se a idéia de um maior volume de informação (observe relação entre forma e sentido). No caso o emissor ressalta a presença de uma dúvida maior do que aquela que poderia ser marcada por apenas um advérbio.

No próximo segmento temos a reiteração de gerúndio, presente nos vocábulos *“tropeçando”* , *“dando”* e *“extraviando”* , nota-se que a quantidade aumentada de forma assemelha-se à extensão de tempo aumentado durante a ação e produz assim, um efeito de continuação.

“E o pobre leitor vai tropeçando – vai dando topadas na má sintaxe, extraviando-se nas obscuridades e impropriedades.” (A Barca I , 28,1908)

Respaldados em Marcuschi (2002) entendemos que ao reiterar o vocábulo *ando*, o emissor quis manter o tópico, o que se pode relacionar à fluência discursiva.

3.2. Tipos de repetições

As repetições são formas significativas utilizadas por Monteiro Lobato para conseguir o comportamento lingüístico ideal em relação a um tom coloquial em suas cartas, manter a coesão, continuidade textual e principalmente sua interação com o amigo e interlocutor Godofredo Rangel.

Na repetição de elementos lingüísticos encontramos nomes, verbos, pronomes, adjetivos, conectivos que são reiterados em orações perfeitamente simétricas, enumerações etc. Esses e outros casos de ocorrência de repetição serão abordados na continuação desta análise.

3.2.1.Repetições lexicais

As repetições se manifestam de maneiras diversas sob o ponto de vista do segmento lingüístico reiterado. A repetição de itens lexicais, ou seja, aquela que reproduz fielmente a matriz, distribui-se no espaço textual de maneira adjacente, próxima, considerada nesta pesquisa como contígua, ou ainda podem estar distantes, em tópicos diferentes, que são os casos mais pontuais em nosso *corpus*.

3.2.1.1.Contíguas

O *corpus* não apresenta muitos casos de distribuição de repetição contígua, porém extraímos alguns segmentos para análise distribuídos dentro da mesma frase e em frases diferentes .

a- Na mesma frase

Consideraremos neste tópico as repetições lexicais contíguas normalmente sem nenhuma interposição de outras palavras. Para fonte de exemplificação serão tomadas as repetições representadas por diversas categorias gramaticais. Trata-se, pois, das repetições integrais dos mesmos itens lexicais, em que a primeira ocorrência da palavra designa-se *matriz* e serve de base à repetição, portanto, podemos dizer que há uma relação paradigmática entre a citada matriz e sua repetição.

Tais reiterações normalmente são formas que produzem efeitos diversos como já observado no item 3.1.

(1) “*Reli as minhas cartas que mandaste. Que desordem, que incoerência, que instabilidade – no papel, na tinta, na letra, nas idéias... Isto me desanima. Quando me virá a cristalização definitiva ? Tra-la-á o casamento, com a ordem e o método de Purezinha? Talvez, talvez.*” (A Barca I, p.190)

(2) “*Penso em visitar-te aí antes de deixar Caçapava. Penso, penso...*” (A Barca II, 34, 1917)

(3) “*(...) como tenho cartas... Tuas, quantas e quantas!*” (A Barca II, 64, 1927)

A repetição contígua *talvez, talvez*, expressa no segmento (1) sugere a intensificação do sentido da expressão do advérbio *talvez*, de maneira que a reiteração dos elementos lingüísticos enfatiza a expressão como se houvesse graus distintos, em que *talvez, talvez*, seria um grau superior à forma simples, sem repetição, caso que pode ser encontrado em (2) por meio do verbo “*penso*” e em (3) com o pronome “*quantas*”.

A reiteração da forma verbal pode indicar um efeito de progressão das ações nos fragmentos, como notaremos a seguir em (4). Quanto maior a quantidade de linguagem igual, maior o volume de informação para que novos efeitos semânticos sejam produzidos.

(4) “*Sem limpidez, sem asseio de forma, a idéia vem embaciada, como copo mal lavado. E o pobre leitor vai tropeçando, vai dando topadas na má sintaxe, extraviando-se nas obscuridades e impropriedades.*” (A Barca I, 28, 1908)

Nas ocorrências (5 e 6), a seguir, as repetições adjacentes denotam expressividade do emissor, divagação em que o uso das reticências acentuam essa característica.

(5) *"Mas estou doido para voltar para a roça e reatar a nossa conversa carteadada... Adeus, adeus, adeus ! Carta comprida, só na roça."* (*A Barca II*, 25,1917)

(6) *"... Por que mudou a primeira formado Zé Correto ? Estava ótima, muito melhor que o José atual. José, José ... Zé é o certo.* (*A Barca II*, 30,1917)

b- Em frases diferentes

Nos segmentos abaixo destacaremos um caso de repetição contígua, porém em frases diferentes . Este casos está neste item arrolado, pois há muita proximidade entre a matriz e a repetição, ou seja, há apenas um vocábulo que separa a matriz do item reiterado.

(1) *"Mas este termo 'procurar', Rangel é que é a grande coisa que há dentro de nós e não há no Macuco. O Macuco não procura coisa nenhuma, porque está certo de que é um gênio e não precisa de coisa nenhuma."* (*A Barca I*, 17,1904)

Em (1) a matriz *Macuco* é reiterada no enunciado seguinte e opera primeiramente como um fator coesivo, trata-se de uma retomada anafórica realizada pela repetição e não pela dêixis pronominal ou substituição lexical.

Em segundo plano, há o efeito enfático, pois o termo *Macuco*, é utilizado apenas por Lobato e tem sentido conotativo, sinônimo de mau escritor dentro dos parâmetros estabelecidos pelo próprio autor, ao reitera-lo o autor enfatiza seu sentimento de desprezo .

3.2.1.2. Não contíguas

Compreenda-se por repetições não-contíguas a reiteração de itens não adjacentes em virtude da intercalação de segmentos entre eles. Destacamos alguns segmentos, os quais estão inseridos dentro de duas categorias: ligados por conectores e intercalados por segmentos de variada natureza.

a- Ligados por conectores

Trataremos de algumas ocorrências em que os termos repetidos tiveram sua contigüidade quebrada por preposição, conjunção, advérbio etc.

(1) *“Minha situação é esta: sinto-me maduro e apetrechado para a expressão; tenho na cabeça belos germes de contos, romances, o diabo. E tenho, o que é mais raro, o público.” (A Barca II, p.98)*

(2) *“Perguntas quantas horas ‘literatizo’. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com apetite... Ler e comer, só quando há apetite. (A Barca I, 5,1905)*

A repetição do item lexical *tenho* em (1) é uma retomada do referente (matriz) e opera na manutenção do tópico, de forma a ampliar o significado. A repetição, a princípio, poderia demonstrar a falta de elaboração ou de agilidade na busca de sinônimo, mas em alguns casos faz-se necessária pela expressividade contida, como verificamos no exemplo em que ao reiterar o citado verbo o autor quis ressaltar a importância de possuir o elemento em questão *o público*.

A repetição encontrada em (2) também interligada por conjunção concorre para o sentido de intensificação. A reiteração da matriz só

indica o primeiro fator que leva o autor à leitura, ou seja, o mesmo só lerá uma vez que tenha apetite.

b- Intercaladas por segmentos de variada natureza

As repetições neste item relacionadas se referem às não contíguas dos mesmos itens lexicais que se encontram no âmbito de um mesmo enunciado ou em enunciados subseqüentes, havendo identidade entre a forma repetida e seu referente, porém distanciam-se entre si pela intercalação de seqüências maiores do que simples palavras relacionais. De fato, os itens são retomados, em outras orações ou períodos diferentes.

(1) “(...) Esse pulo não vai assim ao jeito dos pulos ginásticos; é pulo metafórico, pulo imperceptível(...)” (*A Barca II*, 15, 1915)

(2) “(...)Desse livro só me interessarei por meia dúzia de exemplares, que oferecerei á meia dúzia de pessoas (...)” (*A Barca II*, 19, 1916)

Em (1) e (2) temos repetições não contíguas que se estruturam a partir da coesão seqüencial, a notar o paralelismo existente em ambos.

Em (3), abaixo, notamos a reiteração do pronome possessivo, além de constituir epístrofe, é utilizada para produzir ênfase ao processo de construção da linguagem literária lobatiana.

(3)“Guio-me pelo tacto, pelo aspecto visual e auditivo da frase. Se algum período me soa mal, releio-o em voz alta para perceber onde desafina. E achada a corda bamba, não a analiso, dispenso-me de saber que preceito gramatical foi ali ofendido: aperto a cravelha e afino a frase. O método, não será dos melhores, mas é o meu . É mau , mas meu. (*A Barca II*, 16, 1915)

(4) “Talvez que um dia, quando não te tiver mais como meu público, talvez eu retome para meu uso o Público.” (*A Barca I*, 55,1914)

(5) “...Nesses casos atendo-me ao gênio da língua e ao gênio do próprio vocábulo.” (*A Barca II*,21, 1915)

(6) “O que devemos é comportar-nos com decência no trato da língua, que só aprendemos no trato dos mestres.” (*A Barca II*,17,1916)

(7) “... tudo o que é beleza e novidade de expressão – tudo o que é lindo mas a Gramática não quer.” (*A Barca II*, p.169)

A repetição do item *talvez*, no segmento (4) constitui elemento enfático da dúvida expressa pelo emissor. É importante notar a reiteração do léxico *público* que aparece sob a forma de um novo referente.

Nos segmentos (5 a 7) temos a reiteração de itens lexicais que operam como elementos enfáticos a fim de chamar atenção para os tópicos desenvolvidos em cada segmento, cuja temática única é a linguagem, o comportamento lingüístico de Lobato.

As repetições são formas que autor utiliza para que seu interlocutor Godofredo Rangel apreenda e memorize suas concepções .

Outros casos de repetição também estão presentes no *corpus*, em que há reiteração de forma, mas não de referente, como ilustramos:

“Nós outros cá ficamos a viver – a fazer essa coisa tão sem graça que é viver... Para que viver, diga-me ? (*A Barca II*, 47, 1916)

*“Conversar com você foi o meu substituto do conversar comigo mesmo em noites de lua – porque nunca tive tempo de conversar comigo mesmo.” (*A Barca II*, , 67, 1928)*

3.2.2. Repetições de estruturas

Como tratado no tópico 3.2.2 , pág. 48, da primeira parte deste trabalho ,as repetições de estruturas sintagmáticas ou de constituintes se assemelham, às vezes, às repetições lexicais, pois há itens lexicais que formam constituintes sintagmáticos.

Além de fazer uso das repetições de itens lexicais Lobato também utiliza de repetições de estruturas.

Observa-se no estilo de Monteiro Lobato, no que diz respeito às cartas, uma tendência à elaboração de frases com mecanismos complexos. No entanto, o autor utiliza das repetições para tornar seu discurso menos denso e aproximá-lo da “conversa”, conforme notamos no trecho a seguir :

“(...) A idéia que por enquanto tenho das cartas é que constituem uma tremenda “historia natural e social duma família Segundo Império”, digo de duas formações literárias que cresceram e apareceram. As minhas mostram que não houve erva de Santa Maria que matasse a lombriga literária - nem a pintura, nem a promotoria, nem os porcos lá da fazenda, nem a furia industrial, nem a falência, nem New York, nem siderurgia, nem a campanha pelo petróleo, nem a morte dos filhos, nem o ódio á literatura, nem a prisão por ofensas ao presidente – e receio que nem a morte me liberte da lombriga.”(A Barca II, 80, 1943)

A reiteração da conjunção “nem” no segundo período do trecho ameniza a complexidade sintática encontrada no mesmo.

As repetições de estruturas não apresentam restrições quanto à natureza de sua formação, podem ocorrer sintagmas nominais, verbais, preposicionais.

Serão aqui vislumbradas as repetições de estruturas que podem ocorrer com variação parcial ou não de palavras.

Por se tratar de construções sintáticas paradigmáticas, optou-se neste item pela disposição dos termos esquematicamente um abaixo do outro, que possibilita melhor visualização.

(1) “Carta é conversa com um amigo,
é um duo”. (*A Barca I*, 2, 1903)

(2) “(...) Por que literatura é uma atitude –
é a nossa atitude (...)”. (*A Barca I*, 1, 1903)

(3) “(...) Todos nos lançamos contra o Nogueira,
todos nos acotovelamos(...)”. (*A Barca I*, 3, 1903)

(4) “(...) Tudo nele são potocas
tudo nele é Rua do Ouvidor.(...)”. (*A Barca II*, 32, 1917)

Encontram-se acima casos de paralelismo sintático em estruturas bimembres.

Em (1) verifica-se a repetição do verbo de ligação “é” e a seguir a variação lexical dentro da mesma categoria (predicativo do sujeito) “*conversa/duo*”. A repetição em cada um dos membros da frase encadeia duas unidades frásticas, que também concorrem como elemento de coesão.

Em (2) procede-se da mesma forma, porém a repetição funciona como elemento reparador em relação á matriz, devido a utilização do pronome possessivo “*nossa*”.

No exemplo (3) temos a repetição da estrutura sintática com variação lexical no núcleo do predicado verbal.

Em (4) a reiteração da estrutura “*tudo nele*” ocorre com variação do predicativo do sujeito “*potocas/Rua do Ouvidor*”.

O escritor não se preocupa em repetir estruturas, mas utiliza a repetição como recursos coesivo e retórico, que são acentuados pela existência do paralelismo.

Segundo Garcia (1980, p.24) no processo de coordenação quando há correspondência entre valores sintáticos e a estrutura gramatical de termos ou orações conectados, ocorre o paralelismo ou simetria de construção.

A repetição de construções simétricas nas cartas de Monteiro Lobato se apresenta em formas bimembres ou trimembres.

Os paralelismos sinonímicos ou não de substantivos, adjetivos verbos e complementos também estão presentes na obra e visam a aproximar a língua escrita da falada, dar dialogicidade às cartas, na medida em que a colocação simétrica acentua o ritmo e a expressividade da frase.

(5) “(...) Faça como eu seja bruto,
chucro,
enxuto.”(*A Barca I*, 52, 1904)

(6) “(...) mas me é muito mais cômodo,
mais lépido,
mais saído (...)” (*A Barca I*, 10, 1905)

Em (5) e (6) a repetição de três adjetivos deixa clara a intenção de enumeração com finalidade descritiva parafraseadora, o que enfatiza o objetivo de Lobato, mas em (2) a estrutura apresenta maior complexidade pela reiteração do advérbio “*mais*”.

(7) “(...) Contra o reboco o que atua é a chuva,
a intempérie,
a erosão natural(...)”
 (A Barca I,31,1910)

(9) “(...) O escritor que escreve mal é um imundo,
um fedorento,
um chulepento(...)”
 (A Barca I,31, 1910)

(10) “(...) Só num cárcere podemos atacar,
roer,
digerir(...)”
 (A Barca I, 32, 1909)

Nos trechos (7), (8) e (9) as formas trimembres ampliam o significado, dando sentido retórico à construção.

Em (7) temos a reiteração de artigos e substantivos, em (8) artigos e adjetivos e em (9) verbos.

A repetição nas cartas, conforme mostrou a análise, assume feições diversas, diante disso comprova-se a intenção do escritor em estilizar a escrita, de maneira que essa se aproxime da modalidade falada.

Notamos que muitas reiterações ocorrem com verbos e advérbios o que caracteriza a preocupação do autor em manter a interatividade textual, a ênfase e a coesão.

A repetição por meio de vocábulos contribui para dar um tom fluente às cartas, uma tentativa que o escritor faz de aproximar sua língua à língua *pé-no-chão*.

O que observamos é que as repetições aparecem de forma intencional, embora Monteiro Lobato tenha deixado claro que não planejava suas missivas e que não as corrigiu quando de sua datilografia.

Os vocábulos reiterados nos segmentos levam consigo a intenção de ênfase e expressividade, não comportam sinônimos e se omitidos comprometeriam a coesão textual .

Monteiro Lobato fez uso das repetições , que é uma das características principais da língua falada, em suas cartas. Criou uma língua intermediária, em que suas auto-repetições facilitam e garantem a expressividade .

Utilizou reiterações contíguas (na mesma frase ou em frase diferente) e não contíguas (ligadas por conectores e intercaladas por segmentos de variada natureza) , cujos objetivos são além da coesão, e do valor retórico, manter a interação com seu interlocutor Godofredo Rangel.

Capítulo 4

A gíria nas missivas lobatianas

Introdução

Neste item serão analisadas algumas gírias encontradas no *corpus* com a finalidade de verificar a contribuição deste fenômeno característico da linguagem oral empregado no texto escrito epistolográfico de Monteiro Lobato.

Basearemos a análise na fundamentação teórica apresentada, que elucidou os processos de formação da gíria. Serão assim identificadas palavras gíricas no *corpus*, buscando relacioná-las a seus respectivos significados denotados em dicionários especializados sobre o assunto e ao contexto das missivas.

A gíria está incorporada ao registro oral da linguagem, o que garante a espontaneidade, descontração e afetividade existente na língua falada. Nesse sentido, constata-se que a linguagem desenvolvida por Lobato tenta se aproximar da linguagem falada quando da utilização de termos gíricos.

O escritor taubateano vê-se em universo único, do qual fazem parte ele e seu interlocutor Godofredo Rangel, utiliza assim palavras e expressões gíricas de maneira a tornar o seu discurso tão real e interativo como o ato conversacional.

A difusão da linguagem popular com a finalidade de caracterizar personagens, ambientes e situações em obras literárias, advinda com o Romantismo no século XIX, posteriormente com o Modernismo e com os

estudos lingüísticos, permitiu o reconhecimento da gíria como forma lingüística, que passou a ser aceita e empregada até mesmo em obras literárias.

Tal fato é respaldado por meio de análise feita nos contos do próprio Monteiro Lobato (Carvalho, 1993), que identifica o uso dos termos gíricos pelo autor para salientar a expressividade e caracterizar suas personagens.

Na seqüência, serão apresentados alguns processos de formação das gírias encontradas no *corpus* que contribuem para o enriquecimento do léxico.

A linguagem gírica por meio dos processos de formação empregados demonstra a competência intuitiva e lingüística do autor.

Para a exemplificação dos processos de formação, as gírias serão contextualizadas em segmentos que permitam demonstrar não apenas o sentido, mas também sua expressividade como fenômeno oral, no contexto.

Muitas outras construções gíricas podem ser encontradas no volume integral de *A Barca de Gleyre*, porém só destacaremos aquelas que se relacionam ao aspecto da metalinguagem, que fazem parte integrante de nosso *corpus*.

4.1. Quanto ao significante

4.1.1. Deformação de significantes

A deformação dos significantes encontradas nas gírias do *corpus* são provocadas por alterações fonéticas e morfológicas em vocábulos da língua comum, o que vem proporcionar as marcas da oralidade.

a- Por sufixos

A sufixação na formação de gíria no *corpus* demonstra que o uso do sufixo como elemento deformador normalmente corrobora para intensificar ou acrescentar valores depreciativos aos termos. Relacionamos alguns casos :

(1) “... O escritor que escreve mal é um imundo, um fedorento, um chulepento¹⁰.” (*A Barca I*, 31,1903)

(2) “Quem conduz a humanidade a esse estilo é o Mestre-escola, é o Gramático Letrudo.” (*A Barca II*, 1,1915)

(3) “Ficou-me da ‘bomba’ que levei, da papagueação uma revolta surda contra a gramática e os gramáticos.” (*A Barca II*, 15,1915)

(4) “O jornal nos sufoca... com a sua meia língua engalicada.” (*A Barca II*, 20,1916)

(5) “Sinto-me maduro e apetrechado para a expressão, tenho na cabeça belos germes de contos, romances, o diabo.” (*A Barca II*,45,1920)

(6) “Abri no Estadinho um concurso de coisas sobre o Saci-Pererê e convido-te a meter o bedelho – você e outros sacizantes que haja por aí.” (*A Barca II*, 24,1917)

¹⁰ Para efeito de análise sublinhamos as formas gíricas.

As sufixações parasitárias que ocorrem nos segmentos de 1 a 6 derivam dos termos abaixo, operam como um intensificador :

(1)chulepento – (cf.Silva) exala mau cheiro

indica no contexto : excesso de mau cheiro

(2)letrudo – derivado de letra

indica no contexto – conhecedor excessivo das letras, língua

(3)papagueação – (cf. Júnior 1964) conversa sem objetivo

indica no contexto – excesso de conversa

(4)engalicada – (cf.Viotti 1956) doente de sífilis, atacado do mal gálico.

indica no texto excesso da doença

(5)apetrechado – (cf. Viotti 1956) (vulg.)substantivo apetrecho - utensílios

indica no contexto – excesso de apetrechos, no caso conhecimentos

Além dos termos supracitados, temos ainda em (6) sacizantes – que deriva do substantivo saci, que contrariamente às outras formações não tem sentido intensificador e indica : “todos aqueles simpatizantes por sacis”.

b- Outras formações

Encontramos ainda no plano do significante uma formação onomatopéica e outra por empréstimo de língua estrangeira, conforme detalhamos abaixo :

(1) “Recebo cartas de toda a parte e vou me reduzindo a epistolografia telegráfica. Zás, trás – pronto ! E nada do prazer antigo.” (*A Barca II*, 45, 1919)

(2) “... Pollice Verso, uma violenta mercurial contra os médicos... vou manda-lo para o numero de junho em vez dos Faroleiros que está lá – muito bem escritinho, mas que não passa de um “potpourri.” (*A Barca II*, 29, 1917)

Em (1) temos a forma onomatopéica *Zas-trás* , (cf. Viotti 1956) indica num repente. No trecho conota a combinação do som representativo de algo se movendo rapidamente, neste caso é possível associar a palavra ao som, o que nem sempre acontece nestas formações.

Ao utilizar o termo *potpourri* em (2) , (Cf.Silva) indica mistura de vários gêneros musicais, Lobato recorre à língua francesa para indicar que o conto *Faroleiros* , em sua visão, era apenas uma mistura de outros textos.

4.2. Quanto ao significado

Encontramos alguns exemplos de gírias que se enquadram neste item, relacionados a maior parte ao contexto das missivas, ou seja, a metalinguagem lobatiana.

As construções semânticas são observadas nas palavras que assumem um sentido mais afastado do significado denotativo, e adquirem uma tonalidade afetiva, figurada. A expressividade nas construções dos significados nem sempre se concentra em apenas um vocábulo, pois pode depender do conjunto todo, a saber, da relação dessa palavra com outras.

Esse tipo de construção dos significados e a relação entre as palavras para obtenção da expressividade ocorrem através de metáforas e metonímias presentes em nosso *corpus*.

4.2.1. Metáforas

As metáforas criadas pela gíria podem ser consideradas originais, na medida em que corroboram para tornar o discurso lobatiano mais expressivo e solidificar os conceitos às imagens sugeridas pelo autor.

As gírias em forma de metáforas são utilizadas no *corpus* como instrumento crítico por parte de Lobato, que ora analisa seus próprios procedimentos lingüísticos e ora coloca na berlinda outros escritores, de maneira que a analogia com animais é a construção metafórica mais utilizada pelo autor. Elencamos alguns casos :

(1) “Às vezes o tu entra na frase que é uma beleza; outras é o você... e como sacrificar essas duas belezas só porque um coruja, um Bento José de Oliveira, um freire da Silva,(...) não querem ?” (*A Barca I*, 11,1904)

(2)“Pare com o Camões e Cervantes e pegue no Ruy(...) É uma espécie de Império Britânico do vernáculo. Eu saio dele mais chato que um percevejo.” (*A Barca I*, 33,1909)

(3) “Minhas incursões pelos romances de Camilo têm duas intenções: uma passarinhar naquela desordenada mata virgem...; outra mariscar os idiotismos.” (*A Barca II*, 2,1915)

A depreciação das atitudes humanas frente às situações é mostrada por Lobato por meio das construções metafóricas. O sentido evocado pelas metáforas só é bem interpretado quando considerados os segmentos em que aparecem, conforme o fizemos.

No segmento (1) *coruja* designa de maneira figurada “aquele que é ou se julga inteligente, sábio”, ainda cf Viotti (1956), a palavra tem significado de “mulher feia e velha”.

Porém ao utilizar-se de um artigo indefinido *um*, Lobato consegue extrapolar ainda mais o sentido do termo, como se os gramáticos não tivessem a mínima importância.

A analogia proposta entre o animal e o escritor decorre do fato que a coruja representa, desde épocas remotas, a imagem da sabedoria no que diz respeito às línguas.

Em (2) temos a metáfora relacionada a insetos, no caso *sair dele mais chato quer um percevejo*, faz alusão a característica pegajosa do inseto, como o percevejo é chato por não desprender,

Lobato ao ler o citado autor não consegue se desprender de seu estilo, suas construções interessantes a que o autor também denomina de *idiotismos*.

Na utilização seguinte, Lobato faz uma relação metafórica a quantidade de erros encontrada no texto, que seria tão grande quanto ao número de pulgas encontradas em um cachorro doente.

Em (3) temos os verbos metaforizados *passarinhar* e *mariscar*, o primeiro no sentido de vislumbrar a obra e o último é utilizado em lugar do verbo *coletar*, que conota assim *um coletar de forma mais delicada, pormenorizada*.

4.2.2. Metonímia

A relação presente nos segmentos que destacamos abaixo é expressiva, o que permite identificar facilmente os fatos em sua essência :

(1) “O pior é a mania (e acho ironica) de te rebaixares e me pores nas nuvens (como o rei dos judeus)...” (*A Barca I*, 8, 1904)

(2)“Camilo é a maior fonte, o maior chafariz moderno donde a lingua portuguesa brotava mijadamente.” (*A Barca I*, 29, 1909)

(3) “Tambem a mim me ocorre as vezes a ideia de fazer algo de ciencia e desistir de literatura. Uma gramática histórica filosófica, que me vingue da bomba que tomei no meu exame inicial.” (*A Barca I*, 47, 1910)

No processo metonímico desenvolvido em (1), observamos a concretização de uma imagem abstrata em que o termo *pores nas nuvens* concretiza a idéia de enaltecimento da figura de Monteiro Lobato. Fato semelhante ocorre em (3) na medida que o termo *bomba que tomei*” concretiza o fato de Lobato ter sido reprovado em português.

Já em (2) o uso metonímico está relacionado à intensidade do termo utilizado *brotava mijadamente*, ou seja, para Lobato, Camilo é o autor em que podemos encontrar a língua portuguesa suprema.

5. Construções fixas

5.1- Tipos de construções

A observação das missivas demonstra que a linguagem pode se desenvolver de acordo com alguns padrões pré-moldados do pensamento e da expressão verbal, em alguns casos com pequenas modificações, fazendo-a fluir com maior eficiência. O leitor poderá decodificar as construções e identificá-las com sua própria linguagem.

Não detectamos a presença de provérbios em nosso *corpus*, porém vários são os segmentos que apresentam frases feitas, que demonstra a preferência do autor pelo linguajar simples, mais espontâneo e verdadeiro, o que dá maior realce às cartas. Classificamos as construções de acordo com a análise de Carvalho (1993,p.187) :

a- relacionadas com partes do corpo :

“A forma perfeita é magna pars numa literatura. Não basta a idéia, como a reação contra o romantismo nos fez crer – a nós naturalistas. Há erro em querer que predomine uma a outra. É mister que venham de braço dado e em perfeito pé de perfectibilidade.” (*A Barca I*, 28, 1908)

b- com declarada intenção intensificadora :

(1) “... com tal prepotencia que me vi forçado a afastar o poço de sabedoria e matar o tempo com uma Quarta instituição humana: conversar por escrito.” (*A Barca I*, 10, 1904)

(2) “Mas com você eu ressuscito um Lobato alma de gato que não morre nem a porrete...” (*A Barca I*, 51, 1911)

(3) “Descia o porrete com a mesma elegância com que manejava a pena.” (*A Barca II*, 6, 1915)

(4) “Ah, eu não tolero essas coisas que não têm nada dentro – e os nossos jornais pelam-se por isso. Sendo lugar comum, patriotismo comum, idéia-mãe, coisa do não-fede-nem-cheira.” (*A Barca II*, 23, 1916)

c- outras :

(1) “Ando sequioso por elogiar-te(...) quero afogar-te em mel.” (*A Barca I*, 12, 1904)

(2) “Abri no Estadinho um concurso de coisas sobre o Saci-Pererê e convido-te a meter o bedelho (...)” (*A Barca II*, 24, 1917)

(3) “Que tenho feito? Domingo, como amanhecesse chovendo, abanquei a pau Pollice Verso.” (*A Barca II*, 29, 1917)

(4) “Faço a experiência com esses três livros, e conforme correrem as coisas, ou continuo ou you tocar outra sanfona. (*A Barca II*, 36, 1917)

(5) “Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda... a mim me parecem boas e bem ajustadas ao fim – mas a coruja sempre acha lindos os filhotes.” (*A Barca II*, 44, 1919)

(6) “Erros indecorosos pululavam ali como pulga em cachorro sarnento.” (*A Barca II*, 50, 1920)

(7) “Você me sustentou firme na brecha – e talvez eu te haja feito o mesmo.” (*A Barca II*, 81, 1943)

Como um dos objetivos desta pesquisa é caracterizar os aspectos orais, os exemplos acima servem como amostra do aproveitamento de fatos lingüísticos da linguagem popular e oral.

6. Considerações Finais

Como pudemos observar, as cartas lobatianas agrupadas em *A Barca de Gleyre* apresentam vários fenômenos da oralidade. É também evidente nessa obra o mundo do homem Monteiro Lobato, suas opiniões sobre as obras literárias, autores, posturas literárias, uso da língua, como também seus sonhos de ser um grande empreendedor, se não realizado por meio do ramo pecuário ou petrolífero, ao menos brilhantemente conquistado por sua atuação no mercado editorial.

O *corpus* que serviu de apoio às pesquisas forneceu marcas morfo-léxico-sintáticas que permitiram reconhecer as manifestações da linguagem falada por meio da repetição, formas gíricas e construções fixas.

Nossa preocupação maior foi construir um panorama metalingüístico do autor, tanto que mesmo quando da análise dos fenômenos da oralidade procuramos transcrever segmentos completos, dos quais também se poderiam depreender idéias lingüísticas de Lobato. Embora haja outras pesquisas sobre a metalinguagem e o comportamento lingüístico lobatiano, em *A Barca de Gleyre* podemos ter uma visão cronológica, diacrônica do comportamento lingüístico do autor; daí nossa preocupação de enumerar todos os trechos e datá-los.

Constatamos que, embora Lobato solicitasse a seu interlocutor que o mesmo escrevesse de maneira menos formal, praticasse a

chamada “língua em mangas de camisa”, o próprio autor não consegue primar por esse uso.

Lobato aproxima-se da língua falada no que diz respeito ao léxico, como observamos em nossa análise, o que vem a corroborar com as pesquisas feitas por Pinto(1994) e Leite (1999).

Pimentel Pinto discorda do biógrafo oficial de Lobato, Edgard Cavalheiro, quando este afirma que a escrita do autor refletia sua fala no que diz respeito à literatura em si.

Conforme a pesquisadora, se assim fosse, poder-se-ia afirmar que Monteiro Lobato falava muito corretamente e se preocupava com a forma e estilo.

Este estudo autentica a afirmação da pesquisadora e não desprestigia a visão do biógrafo, pois se para Lobato “carta é conversa” , constatamos que a oralidade do autor está apenas no nível lexical e de estruturas.

Na epistolografia lobatiana há presença de traços oralizantes, porém o que prevalece é a forma, fruto da própria vivência do autor, ou seja da própria língua falada do autor.

As repetições de léxicos e de estruturas presentes nas missivas são empregadas como recurso enfático , acentuando as idéias e o aspecto interacional do texto. São utilizadas de forma intencional pelo emissor para sugerir espontaneidade narrativa, mas em momento algum Monteiro Lobato rompe a ordem tradicional da escrita.

A variedade lexical, sem dúvida, completa e reflete o percurso do emissor comprometido com a aprendizagem da linguagem e com a busca da perfeição formal.

A linguagem gírica presente no *corpus* vem quebrar , nos momentos certos, o tom formal do discurso e incutir nesse o tom objetivado pelo próprio Lobato.

A incorporação de frases feitas, conforme demonstrou o levantamento completa esse objetivo, uma vez que tais manifestações

orais estabelecem uma convivência imediata com o interlocutor, Godofredo Rangel, já que as cartas foram dirigidas exclusivamente a ele.

Nesse sentido, pensamos que a maior contribuição desta pesquisa consiste na amostra e análise dos discursos metalingüísticos lobatianos que constroem a partir de 1903 o próprio autor.

Conforme verificamos as cartas serviram de exercício lingüístico para Lobato, que encontrava em seu amigo um receptor fiel a suas idéias.

O escritor taubateano cresceu por si só, mas também por ter Godofredo como seu primeiro público, que às vezes o corrigia na forma, mas não no conteúdo.

Sem dúvida o processo estilístico utilizado por Lobato em suas missivas é um misto de linguagem literária, apego à norma, com nuances de oralidade o que vem formar uma linguagem própria, a linguagem epistolográfica lobatiana.

Creemos que este ensaio poderá ainda ser ampliado e aprofundado, tal a riqueza do *corpus* e que possa também estimular outras pesquisas, com diferentes abordagens, nas inúmeras e interessantes metalinguagens de outros autores, no que diz respeito à troca de correspondências.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo, Anhembi, 1955.
- AKINNASO, F.N. Sobre as diferenças entre a linguagem escrita e falada. *On the differences between spoken and written language. Language and Speech*. Teddington Kingston Press Services, 1982, p.97-120.
- BALLY, C. *El language y la vida*. Buenos Aires, Losada, 1967.
- _____. *Traité de stylistique française*. v.1. Geneve - Paris, Georg C. Klincksieck, 1951.
- BEINHAUER, W. *El español coloquial*. 2 ed. corrig. aum. y actual. Madrid, Gredos, 1968.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Fontes, 1971.
- CABELLO, A.R.G. *A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio*. Dissertação de mestrado, Instituto de Letras, História e Psicologia da Universidade Estadual Paulista de Assis, 1984.
- CHALHUB, S. *A metalinguagem*. São Paulo, Ática, 1986.
- COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980.
- DIAS, A.R.F. *O discurso da violência*. Tese de Doutorado, FFLCH, 1994.
- GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. 6 ed., Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1980.
- GIL, A. C. *Projetos de pesquisa*. São Paulo, Editora Atlas, 1988.
- HALLIDAY, M.A.K. et al. Os usuários e os usos da língua. In: *As Ciências Lingüísticas e Ensino de Línguas*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- HALLIDAY, M.A.K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John (org.) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo, Cultrix / Edusp, 1976.p.130 - 160.
- KATO, m. *No mundo da escrita*. São Paulo, Ática, 1986.

- KOCH, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. 2. ed., São Paulo, Contexto, 1998.
- _____. *A coesão textual*. 3 ed., São Paulo, Contexto, 1991.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 2 ed., São Paulo, Contexto, 1995.
- LEITE, M. Q. *Metalinguagem e Discurso - a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo, Humanitas, 1999.
- LIMA, Luís Costa. *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.
- MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação*. São Paulo, Ática, 1986.
- _____. *A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo*. Recife, UFPR, 1990, (mimeo).
- _____. *A repetição na língua falada: formas e funções*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Letras, 1992, (mimeo).
- _____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.) *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. Vol. VI : Desenvolvimentos, Campinas, Editora da Unicamp, 2002.
- MEDEIROS, J.B. *Manual de elaboração de referências bibliográficas : a nova NBR 6023:2000 da ABNT*. São Paulo, Atlas, 2001.
- PINTO, E.P. Gíria brasileira e gíria portuguesa. *Língua e literatura*. nº 4. São Paulo, FFLCH, 1975, p.93-138.
- _____. *O português do Brasil : textos críticos e teóricos*, 1 - 1820-1920, fontes para teoria e história, Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos, São Paulo, Edusp, 1978.
- _____. *O português do Brasil : textos críticos e teóricos*, 2 - 1920-1945, fontes para teoria e história. São Paulo, Edusp, 1981.
- PRETI, D. Mas afinal como Falam (ou deveriam falar) as Pessoas cultas ? In: *Suplemento Cultural, O Estado de S.Paulo*, p.4, Ano VII: 559, 22/09/1990.
- _____. *Sociolinguística : os níveis de fala*. 7 ed. São Paulo, Nacional, 1994.

- PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. 2. ed. São Paulo, FFLCH/USP, 1995.
- _____. A gíria na cidade grande. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, vol. 54, jan./dez., p. 139-143, 1996.
- _____. (org.) *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanitas, FFLCH, 1997.
- _____. A gíria na sociedade contemporânea. In: VALENTE A. (org). *Língua, Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro, Editora Universidade do Rio de Janeiro, p.119-29, 1998.
- _____. (org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo, Humanitas, FFLCH, 1998.
- _____. (org.) *Fala e escrita em questão*. v. 4, São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, 2000.
- PRETI, D. e URBANO, H. orgs. *A linguagem falada culta na Cidade de São Paulo .v.IV – Estudos*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, 1990.
- REY, Alain. *Usages, jugements et prescriptions linguistiques*. Langue Française, nº 16, 1972.
- ROTH, Wolfgang. Língua literária e língua padrão. *Confluência*, nº 11. Rio de Janeiro, Instituto de Língua Portuguesa, 1996, p. 17-24.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1970.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. 22 ed. São Paulo, Cortez, 2002.
- URBANO, H. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo, Cortez, 2000.
- _____. (2001). A gíria: um aspecto de sua criação numa amostragem dicionarizada da fala popular moderna. In : URBANO et al. (Orgs.).
- _____. *Uso de provérbios*. In: Dino Preti (org) Interação na fala e na escrita. São Paulo, Humanitas, 2002.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

- MONTEIRO LOBATO, J.B. *A Barca de Gleyre* (1º tomo). 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1948.
- _____. *A Barca de Gleyre* (2º tomo). 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1948.
- _____. *A menina do narizinho arrebitado*. Edição fac-similar, São Paulo, Brasiliense, 1948.
- _____ *Urupês*. Obras Completas. São Paulo, Brasiliense, 1962.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

- AZEVEDO, C.L. et al. *Monteiro Lobato: Furação na Botocúndia*. 2ª. ed, São Paulo, Senac, 1998.
- BORGES, M.Z. Exatidão e liberdade na linguagem de Monteiro Lobato. *Todas as letras*. São Paulo, n.1, p.35-42, 1999.
- CARVALHO, R.P. *A estilística da indignação – A sátira nos contos de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1993.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato – vida e obra*. São Paulo, Nacional, 2v, 1955.
- DANTAS, P. (org.) *Vozes do tempo de Lobato*. S.l. São Paulo, Traço, 1982.
- LAJOLO, M. (org.) *Monteiro Lobato*. São Paulo, Abril Educação, 1981, Literatura Comentada.
- _____. *Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____. *Monteiro Lobato : um brasileiro sob medida*. São Paulo, Moderna, 2000.

- MONTEIRO LOBATO, J.B. *A correspondência de Monteiro Lobato*. Brasília, Roberval Editora, 1998.
- NUNES, C. (org.) *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo, 1983.
- _____. *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro, MPM, Propaganda, Record, 1986.
- _____. *Monteiro Lobato e o Modernismo*. Brasília, Roberval Editora, 1997.
- _____. *A correspondência de Monteiro Lobato. Suplemento Literário MAIS de A Folha de São Paulo*, junho, 1998.
- _____. *Volta a um velho tema: A correspondência entre Monteiro Lobato e Artur Neiva*. Brasília, Roberval Editora, 2000.
- _____. *O jovem Gilberto Freyre na revista do maduro Monteiro Lobato*. Brasília, Roberval Editora, 2000.
- PINTO, E.P. (org.) *O escritor enfrenta a língua*. São Paulo, FFLCH, 1994.
- SILVA, S.C. *Monteiro Lobato e a língua nacional*. Dissertação de Doutorado, FFLCH-USP, 2001.
- SILVA, J. C. M. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo, Obelisco, s.d.
- SILVA, M.L.A. *Monografia sobre Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1950.

DICIONÁRIOS

- AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 2 ed. brasileira, Rio de Janeiro, Delta, 1968.
- CABRAL, T. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1972.
- HOUAISS, A.; SALLES VILLAR, M. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

- FERREIRA, A. B. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
- JÚNIOR, R. Magalhães. *Dicionário brasileiro de provérbios , locuções e ditos curiosos*. 3. ed., Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1974.
- NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Livraria Freira Bastos, 1966.
- SARAIVA, G. *A gíria brasileira dos marginais às classes de elite*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1988.
- SILVA, F. da. *Dicionário de gíria* .5. ed., São Paulo, Prelúdio, s/d.
- VIOTTI, M. *Novo dicionário da gíria brasileira*. 2. ed., São Paulo, Ind. Gráfica, Bentivegna, 1956.

ANEXOS

TRECHOS DA OBRA : *A BARCA DE GLEYRE*

TOMOS I E II

Para efeito de análise estabelecemos um critério de seleção dos trechos constantes da obra *A Barca de Gleyre*. Isso com o objetivo de selecionarmos extratos que contivessem boa informatividade sobre as considerações estabelecidas como também aspectos de oralidade. Esse critério não é rígido e só nos serviu como alicerce para trabalharmos o citado material . Procuramos selecionar as cartas com as seguintes informações :

- a) considerações do autor sobre língua, literatura, linguagem;
- b) cartas com manifestação de fenômenos de oralidade, principalmente no tocante à repetição , à gíria e a construções fixas;
- c) considerações do autor sobre literatura, produção literária, visão literária.

Para efeito metodológico e objetivando a facilidade da consulta dos anexos (vide nota de rodapé p.2), enumeraremos os trechos e no final dos mesmos faremos constar o número da página em que ele se encontra na obra *A Barca de Gleyre*, tomos I ou II , bem como a data em que a carta foi escrita.

CARTAS ENVIADAS ENTRE JUNHO DE 1903 E 1914

TOMO I - *A Barca I*

1- O genero carta não é literatura, é algo á margem da literatura.... Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante desse monstro chamado Publico, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito. O próprio genero “memorias”é uma atitude: o memorando pinta-se ali como quer ser visto pelos posteros – até Rosseau fez assim – até Casanova.
(Escusatoria p. 17, 1903)

2-Mas cartas não(...)Carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana. Ora, como da minha conversa escrita com Rangel se salvassem quasi todas as cartas, tive ensejo, um dia de le-las – e sinceramente achei que constituíam uma “curiosidade editorial” de bom tamanho.(Escusatoria p. 17, 1903)

3-Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas interminaveis – mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa. “ (p.32,1903)

4-Pois bem : o Nogueira aparece lá uma destas noites e tudo se transforma. Trava-se logo de uma violentissima intermina discussão em que saiu tudo, desde o Jeová biblico até o Macuco. Choque eletrico! Todos nos lançamos contra o Nogueira, todos nos acotovelamos para “lapidar” o Nogueira.(p.34, 1903)

5- Tua carta é um atestado da tua doença : literatura errada. Julgas que para ser um homem de letras vitorioso faz-se mister uma obsessão constante, uma consciente martelação na mesma ideia – e a mim a coisa me parece diferente. Tenho que o bom é que as aquisições sejam inconscientes, num processo de sedimentação geologica. Qualquer coisa que cresça por si, como a arvore, apenas arrastada por aquilo que Aristoteles chamava entelequia – e que em você é o rangelismo e em mim o lobatismo. Deixa-te em paz, homem, não tortures assim o teu pobre cérebro(...)Verás que boa é a vida sem literatura. E também verás como fica boa a literatura quando o corpo está contente. (p.48, 1904)

6-Perguntas quantas horas “literatizo”. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com apetite...Ler e comer, só quando há apetite. (p.48, 1904)

7-Também não escrevo por obrigação. Escrevo quando os dedos comicham – ou quando o Benjamim me força a escrever..(p.49,1904)

8- E agora, um puxão de orelhas: Por que quer usar etiqueta comigo ? Tuas cartas vivem cheias de “faça o favor”, se não for incomodo”, e mais formulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. Seja bruto, chucro, enxuto.

Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas. Mas estás um homem cheio de vicios mentais e cacoetes. O peor é a mania (que acho ironica) de te rebaixares e me pores nas nuvens (como o rei dos Judeus), quando na realidade não passamos, os dois, de duas “sêdes de saber”, de duas “fomes de expressão” em tudo equivalentes. Que graça botar a minha sêde acima da tua ! Sêde é sêde. (p.52, 1904)

9-P.S. – Mais uma vez insisto em que acabes com as delicadezas e rodeios. Tuas formulas já me enjoam. Amabilidades são coisas de caixeiro de loja. Olhe que eu e você, na sincera opinião de Ricardo, somos as grandes esperanças do Cenaculo – e Ricardo, como vate que é, vaticina. Temos que não nos enganar com adjetivos. (p.67, 1904)

10-De modo que essas tres irreduzíveis instituições humanas – o vizinhato, o cão e o namorado noturno – interpuseram-se como uma trindade de aço entre mim e a ciencia do Paulo Batista, e com tal prepotencia que me vi forçado a afastar o poço de sabedoria e matar o tempo com uma Quarta instituição humana: conversar por escrito. (p.72, 1904)

11-P.S. Apontas-me, como crime, a minha mistura do “você” com “tu” na mesma carta e ás vezes no mesmo periodo . Bem sei que a Gramatica sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais comodo, mais lepido, mas saído – e, portanto, sebo para a coitadinha. Ás vezes o “tu” entra na frase que é uma beleza; outras é no “você” que está a beleza * – e como sacrificar essas duas belezas só porque um coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva , um Epifanio e outros perobas “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Lingua de cartas é lingua em mangas de camisa e pé-no-chão- como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como não faz o macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramatica como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrario(...) Saber sentir, saber ver, saber dizer. (p. 79,80,81,1904)

12- Mas, como ia dizendo, tu és um homem admiravel. O teu talento é desses em que uma epoca se cõa todinha para a Posteridade. Aqui nesta taba de nome Brasil, etc. etc. A tua viagem de S.Paulo ao Guarujá dada n’O Combatente é uma dessas coisas quem etc. etc. Rangel: falemos sério. Pelo amor de Barbara escreva alguma coisa quanto antes(...) Ando

sequioso por elogiar-te, por pagar a dívida de bombons que tenho para com você. Quero retribuir. Quero afogar-te em mel. (p.73, 1904)

13- É cheio de passado que te escrevo. Imagina que fui ao Rink (coisa que não conheces: patinação) e lá encontrei numa roda de quatro a moça mais bela que a Natureza ainda produziu. Bela, fina, elegante... Estes adjetivos já não dizem nada por causa dos abusos do Macuco. Sabe o que é o belo, Rangel? É o que alcança uma harmonia de formas absolutamente de acordo com o nosso desejo. Se um mínimo senão na asa dum nariz rompe de leve essa harmonia, a criatura pode ser linda, bonita, encantadora – mas bela não é. (p. 80, 1904)

14- Mas falemos em coisas profanas. Li o teu ultimo artigo... Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, Ilusões Perdidas ? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancolico barcos saem; e um barco chega, trazendo á proa um velho com o braço pendido largamente sobre uma lira – uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (...) O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida a fora ? Como o velho de Gleyre ? Cansados, rotos ? As ilusões daquele homem eram as velas da barca – e não ficou nenhuma . Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulancia. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá ? (p. 80,81, 1904)

15- Somos vitimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo – se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos. Nós tres, eu, você e o Edgard, sofremos da mesma doença e, pois, trilharemos as mesmas sendas e voltaremos ao cais na Barca de Gleyre – com aquele mastro caído , a lira largada, a bussola sem agulha. E por que isso, Rangel ? Porque em nós

tres há uma coisa que nos obriga a partir, a caças a borboleta, embora certos de que o retorno será na Barca de Gleyre. Essa coisa dentro de nós é o que explica a imensa disparidade entre você e o Breves, entre o Edgard e o Goulart, entre eu e o Macuco. O que impede que Breves, Goulart e Macuco nos olhem com profundo desprezo. Devemos ser para eles o que eles são para nós.(p. 81, 1904)

16- Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira ? Um instrumento que termos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanometro, mais penetrante que o microscopio: a lira eolia de nosso senso estetico. Saber sentir, saber ver, saber, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu lobatizar a minha. (p. 81, 1904)

17- Eu vejo uma cena, procuro o meio de transmiti-la por meio de palavras, não consigo e perco a confiança em mim. O Edgard sente uma sensação nova, estranha, jamais sentida por ninguem no mundo; analisa-a, não a apreende – e ei-lo de dia estragado, azedo sem saber por que . Mas esse eterno “procurar”, Rangel é que é a grande coisa que há dentro de nós e não há no Macuco. O Macuco não procura coisa nenhuma, porque está certo de que é um genio e não precisa de coisa nenhuma....Trabalho ás ocultas lá no subconsciente. Em que ? Na afinação da lira e na fixação com palavras do que ela apanha. O sonho, sabes qual é – o sonho supremo de todos os artistas. Reduzir o senso estetico a um sexto sentido. E, então, pegar a borboleta ! (p. 82,83, 1904)

18- Conversemos enquanto chove . (p. 94, 1905)

19- Conversando nestas cartas que já duram mais de um ano.(p.105,1905)

20- "Que idade tens? Que idade tenho? Só vinte anos." A entonação do segundo é totalmente diversa da do primeiro – e por pobreza diacritica somos forçados a empregar o mesmo ponto de interrogação, o que não deixa de ser um defeito da lingua escrita – porque na falada temos a variante da entonação. Vamos lançar o sinal que falta ? (Ita parenthesis est.) (p. 145,1906)

21- Cartas, como verás ao correr da pena, sem esta nossa imbecil preocupação literaria. (p. 179,1907)

22- Reli as minhas cartas que mandaste. Que desordem, que incoerencia, que instabilidade - no papel, na tinta, na letra, nas ideias.... Isto me desanima. Quando me virá a cristalização definitiva ? Tra-la-á o casamento, com a ordem e o metodo de Purezinha ? Talvez, talvez. Tive, Rangel, com a leitura de tais cartas, a sensação de que somos como uma roseira – que, sempre a mesma do nascedouro á morte, varia sempre, varia incessantemente , e nunca dá duas rosas iguais. Embora identicas na essencia, as ideias que temos hoje não se mostram amanhã taisquaisinhas na forma. (p.190,1907)

23- As tuas observações sobre a reforma ortografica são simplesmente ineptas. Onde descobriste eliminação do “p”, “t”, nos grupos “pt” “tn” ? O que houve foi coisa diversa, fia a simples supressão dessas letras quando mudas, isto é, quando inuteis, como em “escripta”, “Ignacio”. “Inepto sempre conservará o “p” porque o “p” sôa (sem trocadilho). (p. 191, 1907)

24- Não te posso dizer nada sobre Crime e Castigo porque não há falar de coisas grandes com meios pequenos – com estas pulgas gloticas que são as “palavras em lingua portuguesa”, esse produtinho lá de Portugal, onde tambem fazem tamancos e palitos. A nossa analise esta aparelhada com medidas francesas, decimais – um sistemazinho decimal de ideias. Não

pode, pois, não tem jeito, não consegue dar ideia das coisas russas. Quando leio as outras literaturas , eu sinto isto e aquilo – sentimentos analisáveis e classificáveis. Quando leio os russos, eu pressinto. Guerra e Paz!... Crime e Castigo!- Casa dos Mortos! – Gorki – Gogol – Turguenev – todos ... (p. 195, 1907)

25- Um homem mal vestido é um escritor sem estilo, espécie de Silvio Romero. Tanta ideia tem ele, tanto valor, mas aquele indecoroso desalinhavo na maneira de expressar-se faz que todos o evitem . (p.200, 1907)

26- (...) E das coisas que eu mais sentia era não poder escrever-te. Por que? Porque para o Lobato você continua sendo o Rangel de sempre, espécie de sosia morador em Minas, único ouvido que hoje o ouve e único cérebro que o atura. Porque somos como dois desertores da caravana da vida – dois desertores que abandonaram a estrada larga de Todo Mundo, pela qual seguem os homens trabalhando como baitacas, e preferiam seguir por um carreirinho marginal, gozando a delícia de pensar livremente contar um ao outro o que de melhor os miolos pensaram. Que seremos nós daqui dez anos ? Os mesmos de hoje, apenas mais acrescentado com os sedimentos da vida. (p. 211, 1908)

27- E parece que Camões escreveu esses tres versos* para nós dois, Rangel. Nosso mal é que já apuramos o nosso instrumento de expressão, já sabemos jogar um periodo para o ar e ve-lo, qual um gato, cair sobre os quatro pés. Pegamos toda a tecnica de escrever e educamos o nosso senso de observação – mas vivemos embolorado dentro de caixas. Esta Areias é uma caixa e essa tua comarca é outra. Nossas cartas são como o rabinho de rato que Hansel mostrava para a velha feiticeira. Somos a velha feiticeira um do outro. Você estira o rabinho de rato epistolar para que eu

veja como está gordo e forte no estilo; eu faço o mesmo. Mas que assuntos, que temas, podem existir dentro de caixas ? (p.220, 1908)

** Não se aprende, senhor, na fantasia
Sonhando, imaginando ou estudando;
Senão vendo, tratando e pelejando*

28- Ando a remoer uma observação que fiz há tempos e insiste. A forma perfeita é magna pars numa literatura. Não basta a ideia, como a reação contra o romantismo nos fez crer – a nós naturalistas. Há erro em querer que predomine uma a outra. É mister que venham de braço dado e em perfeito pé de perfectibilidade. Há pelo Norte uns escritores de talento que só querem saber da ideia e deixam a forma p'r'ali. Eu também já pensei assim – que a ideia era tudo e a forma um pedacinho. mas apesar de pensar assim, não conseguia ler os de belas ideias embrulhadas em panos sujos. Por fim me convenci do meu erro e estou a penitenciar-me. Impossível boa expressão duma ideia se não com ótima forma. Sem limpidez, sem asseio de forma, a ideia vem embaciada, como copo mal lavado. E o pobre leitor vai tropeçando – vai dando topadas na má sintaxe, extraviando-se nas obscuridades e impropriedades. E se um leitor decente, revolta-se com os relaxamentos á Silvio Romero, os pequeninos atentados ao pudor da lingua – e com todas essas revoltas e extravios e topada perde o fio da ideia e acaba com a sensação do caótico. Acho a lingua uma coisa muito seria, Rangel. Como a nossa mãe mental.

A forma de Silvio Romero e outros nortistas, Rodolfo Teofilo, Manuel Bonfim, etc, lembra-me uma estrada de rodagem sem pavimentação, toda cheia de buracos e pedras, e difícil de caminhar a cavalo – porque ler é ir o pensamento a cavalo na impressão visual e outras. Machado de Assis me dá a ideia duma estrada de macadam onde o nosso cavalo galopa tão maciamente quem nem atentamos na estrada. Nos outros não tiramos os olhos da estrada, tais os perigos e a buraqueira – e como há de ver a

paisagem marginal quem vai de olhos pregados no chão ? O mau português mata a maior ideia, e a boa forma até duma imbecilidade faz uma joia. (p. 223,1908)

29- Quanto ao que propões sobre o português – interessante! – era o que eu ia propor-te nesta. Você foi o primeiro a alcançar o polo, como Amundsen. Mandei vir o dicionario de Aulete, que ainda é o melhor, e estou a le-lo. Aventura esplendida, Rangel! Os vocabulos são velhos amigos nossos que pelo fato de diariamente nos acotovelarem no brouhaha da Lingua, não nos merecem a atenção curiosa e indagadora que damos ás palavras estrangeiras. Pelo fato de frequentar um parente, você chega a ponto de não poder descrever-lhe a cara - no entanto é capaz até de desenhar de memoria a cara dum estranho que viu ontem . Deixam de nos impressionar as coisas habituais. Daí o valor da leitura de dicionario. Todo o povo tumultuoso da praça publica da Lingua lá o encontramos individualizado, como soldados em quartel, cada um com seu numero, o seu posto, perfilados e obedientes quando o defrontamos. Na rua vemos passar os cavalos. No dicionario encontramos um CAVALO. “Quem é você?” E ele muito serio: “... substantivo masculino. Quadrupede, domestico, solipede; ramo ou tronco em que se enxerta; banco do tanoeiro, etc, etc.” A gente regala-se com o mundo de coisas que o cavalo é, e muitas vezes tambem nos regalamos com as cavidades do dicionarista. Se o cavalo é um quadrupede domestico”, como se arranja o dicionarista para denominar um equus selvagem ? E vamos assim mentalmente retificando aqui e ali o dicionario, enquanto ele nos faz o mesmo o mesmo aos inumeros pontos vocabulares em que claudicavamos sem o saber. Quantos novos sentidos de palavras, das quais sabiamos um só ? Quanta construção bonita de frase, com forma intransitiva de verbos habitualmente transitivos ? E as antigualhas merecedoras de restauração ? Que deleite seguir em mente a evolução de um vocábulo ! Ver, por exemplo, agora sair de hac hora, como a borboleta sai da crisalida; e perto

sair de pyraites (queimado), como sai preto o papel branco depois que o fogo o queima. E caravansará sair do persa Karvan sarai. Essa leitura nos vai dando firmeza, com o conhecimento da exata propriedade dos vocabulos.

Euclides da Cunha foi um grande leitor de lexicos. Nos Sertões eu notei como ele fugia á vulgaridade sem cair no obstruso, por meio do emprego de palavras que o jornalismo não estafou (porque a cachamorra que achata todas as palavras da lingua é sempre o jornalismo). Em vez de prematura, *imaturu*. *Implexo* por complexo, etc. Uma variação dos prefixos habituais da imprensa – e a frase fica mais fina, toda petulante de distinção. A desgraça em tudo é a vulgaridade – o “toda-gente”.

Estou lendo e marcando as palavras uteis para o meu caso, os sentidos figurados aproveitaveis nesta “nossa” literatura etc. Ainda estou no “A” e já tenho belos achados. É um verdadeiro mariscar de peneira. debes fazer a mesma coisa, e depois trocaremos notas...

Precisamos ler Camilo. Vou mandar vir um sortimento. Saber a lingua é ali! Camilo é a maior fonte, o maior chafariz moderno donde a lingua portuguesa brota mijadamente, saida inconcientemente, com a maior naturalidade fisiologica.

Eu tenho a impressão de que os outros aprenderam a lingua e só Camilo a teve *ingenita* até no sabugo da unha de todas as células de seu corpo. (p.240,241, 1909)

30- Só em caso contrario editar-nos-emos por conta propria. Minha ideia é que quem se edita por conta propria faz uma coisa anti-natural – como entre as mulheres o parir pela barriga, na cesariana. Mas, seja lá como for, proponho estes pontos : 1)Não haver pressa; 2)Apurarmos a forma, de modo que os criticos exigentes não descubram nem uma lendea de pronome mal colocado; 3)Ler um a produção do outro, comenta, criticar, sugerir, vetar;4)As duas partes conformar-se-ão com as sentenças, mas ficam com o direito de rejeitar o veto;5)A fatura material do livro será

perfeita; prosa boa impressa em papel de embrulho vira carne seca fedorenta; champanha em caneca de lata vira zurrapa. (p.243, 1909)

31- Falta apenas um pouco de focalização e o polimento final. Há umas coisas fora de foco.

E ha a lingua. Acho que nisso de lingua a coisa é a mesma que nas argamassas fisicas. Se os ingredientes não forem de primeira ordem, bem limpos de impurezas e misturados nas exatas proporções, o cimento não pega, o reboco falha – e a obra esboroa-se antes do tempo. Contra o reboco o que atua é a chuva, a intemperie, a erosão natural; na obra d’arte é a critica.Quantos escritores classicos, vazios de ideias como potes sem agua, ainda vivem pela lingua em que puseram as suas sensaborias! O “são vernaculo”, como é bonito ! É como o asseio do corpo e das roupas. O escritor que escreve mal é um imundo, um fedorento, um chulepento. Não tenhas pressa em publicar-se. Olhe os bens exemplos. Não digo o Flaubert, que aquilo também era demais – pura doença; mas os outros limpos. Doze anos levou Rostand a anunciar esse Chanteclair que anda agora bulindo com o mundo e já lhe rendeu um milhão de francos. Valeria a mesma coisa se fosse atamancado em dois meses ? Se você gastou dois meses no borrão dos *Bem Casados*, leve dois anos no polimento. E para dar comida á febre da criação, pode ir compondo o nº 2 e o nº 3. Mas imprimir, só quando estiver flaubertiano !(p.248,249, 1909)

32- Tenho um inimigo á ilharga, que desfaz o que Camilo faz. . É o jornal. Não dispenso a leitura diaria de tres ou quatro desses infames massacradores da lingua. Mas exercem uma função boa . Impedem-nos de nos afastarmos muito da realidade. Mesmo assim eu desejaria dispensa-los por uns anos. Bom lugar para o estuda da lingua seria a prisão. Imagino as boas leituras de lá no fundo do cárcere. Só num carcere podemos atacar, roer e digerir um Camilo Heitor Pinto e outro freire encruado. (p.249, 1909)

33- Pare com o Camões e Cervantes e pegue no Ruy: ele resume-os a todos e é do nosso tempo. Acho uma honra tremenda sermos coevos de tal homem, e duvido que tenhamos outra semelhante na vida. Aprendamos a degusta-lo como o rei da lingua. É uma especie de Imperio Britanico do vernaculo. Eu saio dele mais chato que um percevejo. (p. 251, 1909)

34- No momento em que escrevemos, o nosso espirito *acostuma-se* com os defeitos não os vê. Mas se passados uns dias relemos, já os defeitos se visibilizam. (p.255, 1909)

35- Já percorri este ano as primeiras 700 paginas do Aulete e breve chegarei ao fim, porque está me agradando o passeio. Mas depois do enriquecimento vocabular é preciso que aprendamos a bem gastar o acumulado, senão viramos *nouveaux riches* e insensivelmente nos metemos a ostentar riqueza vocabular. Machado de Assis é o mais perfeito modelo de conciliação estilística; seu classicismo transparece de leve e nunca ofende os nossos narizes modernos. Como vivemos neste seculo e neste continente , não podemos, sem uma habil e manhosa tática, usar expressões lusitanas e de tempos já muito remotos.(p. 259, 1909).

36-Em literatura a condição básica é haver beleza, e que beleza ali existe ? (p.260, 1909)

37- Ando a passear pelo oceano das palavras, isto é, ando a ler o Dicionario de Aulete, e vou tomando notas. Já descobri tres ou quatro palavras que eu pronunciava erradamente, como “probóscida”e “Litanía”. descobrindo as minhas batatas ! E interrompi a fabricação de contos até que haja terminado esta leitura tão divertida. Pena serem tão pifios os nossos dicionarios. (p. 260, 1909)

38- Parei com os contos e segui com Aulete. Dá-me mais prazer isto, além da vantagens que traz – prazer pitoresco, variado como o de um general que assiste ao desfile de 70 mil homens não uniformizados, cada um vestido de um jeito e lá com sua cara diferente. Outra vantagem está sendo a retificação de muitas palavras que eu *pensava* que eram uma coisa e são outra; e também já cavei 24 vocabulos que eu pronunciava erradamente. São 24 “batatas” de que fico liberto Estou no M. O que mais aprecio num estilo é a propriedade exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocabulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística. Só pelo conhecimento exato do valor de cada um é que alcançaremos aquela qualidade de estilo . E quanto conculoquio, quanto rodeio, esse conhecimento vocabular nos evita ! Em vez de : “F. correu os olhos em torno da mesa” como fica melhor dizer: “F. circunvagou os olhos”. Mas no uso dum vocabulario abundante torna-se mister o mesmo habil discernimento de boa aplicação que distinga os Camilos dos Camelos – dos camelos plumitivos á Macuco, o fundador do *Profundismo*... É necessario aprender a bem gastar, como faz o rico inteligente, que gasta simultaneamente em proveito proprio e alheio, não á moda do perdulario inepto.

O Macuco aprendeu um dia a palavra “apropinuar”e escreveu toda uma historia só para ter ensejo de empregar dez vezes o grande achado – e apropriou-se mas foi das cocheiras do Braz. Não conheço melhor modelo que Machado de Assis. Camilo ainda me choca, é muito bruto, muito português de Portugal e nós somos daqui. Machado de Assis é o classico modernos mais perfeito e artista que possamos conceber. Que propriedade ! Que simplicidade! Simplicidade não de simplorio, mas do maior dos sabidões. Ele gasta as suas palavras como um nobre de raça fina, gasta a sua fortuna e jamais como o *parvenu*, o *upstart* , que começou vendeiro de esquina e acabou comprando o titulo de barão do papa. Os

macucos adquirem vocabulário unicamente para fazer alarde da “riqueza vocabular”; os Machados, para da riqueza reunida só gastarem os juros. (p.263,264, 1909)

39- E o Vilalva? De que morreu? Foi pena – sabia português como pretendemos sabe-lo. Mas era mau de entranhas. Sarcástico e implacável. Com certeza fez alguma “perversidade” contra a Morte, e esta, danada, o levou.

Li em Taubaté a *Paixão de Maria do Céu*, do Malheiro Dias, o mesmo que produziu o horrível *Mulata*. Estilo lindo, claro de meter inveja. É escrito em português de Portugal, do bom, do que corre como regato em leito de pedras lá da fazenda do meu avô. Vale a pena le-lo só pelo português. (p.268,269, 1909)

40- Mesmo assim dei conta do primeiro volume do Aulete e de mais duas letras do segundo. (p. 270, 1909)

41- Boa nova: chegou a salvamento a história desgarrada e apresso-me em dar a notícia. Li e acho que o teu verdadeiro gênero é aquele. Está pura e simplesmente ótima. A melhor coisa que produziste. Mas acho deficiente o teu português. Nós não sabemos essa maldita língua, Rangel, e manejamos achavascadamente plebeamente, um barro, um caolim de primeira, com o qual se podem modelar as mais leves e finas coisas. Só agora ando alcançando a extensão do meu erro nesse ponto. Até aqui me repastei, quase que exclusivamente no francês, e “ouvia falar” da “língua de Fr. Luis de Sousa”. Meu português era o caseiro e do jornal. E eu ficava de olho grande: “Que linda não há de ser, meu Deus, a língua de Fr. Luis de Sousa!” Mas não tinha coragem de investigar. Agora, sim, a coragem me veio e entrei. Isto, Rangel, dentro da língua de Fr. Luis, embora ainda longe de lá do centro, onde ele deve figurar como um Deus, com Herculano à mão direita e Camilo à esquerda. E sei que há uns frades tremendos da

mesma família de Fr, Luiz – Fr. Pantaleão do Aveiro, um Lucena, um Fr. Heitor Pinto, e um “delicioso” Bernardes. Aquilo é uma especie de Olimpo da Lingua, todos deuses e semideuses e deusa nenhuma. Não havia mulheres em materia de lingua antiga, Rangel, como ainda as há tão poucas hoje – a Julia Lopes e quem mais?

Parei com as minhas leituras de lingua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua de mel com a lingua lusitana, que descobri como o Nogueira descobriu a Patria, e o Macuco o verbo “apropinuar”. E sabe o que mais me encanta no português ? Os idiotismos. A maior beleza das linguas está nos idiotismos, e a lusa é toda um Potosi. A parte que as linguas têm de comum é como a estrutura ossea das varias raças humanas, coisa que não varia apreciavelmente; o que as distingue, o que faz o inglês, por exemplo, ser tão diverso do italiano, são as feições, os trajes, os modos e as modas de cada um, isto é, os *idiotismos* fisionomicos. Note, observe. Fulana, a moça mais graciosa de rosto de todas que enfeitam aí essa tua cidade do Machado, que é que nela a distingue e lhe dá aquela graça especial ? O idiotismo com que a natureza a dotou; o narizinho arrebitado, a curva da boca, o modelado do queixo; particularidades essas, todas, que fogem á correção ideal e classica das linhas de um rosto normal. Por que é o português de Portugal tão superior ao português do Brasil ? Porque é muitissimo mais idiotizado pela colaboração do povo, ao passo que aqui o povo praticamente não colabora na lingua geral – vai formando diletos estaduais como na Italia.(p.272,273, 1909)

42- Mandei vir *Noites de Insonia*, de Camilo 12 volumes, e ainda apanhei uns em Taubaté. E leio anotando os jeitos. Palavras novas não me interessam. A grande coisa não é possuir montes de palavras; se assim fosse, um dicionarista batia Machado de Assis. É saber combinar bem as palavras, como o pintor combina as tintas e o musico o faz ás notas.

Beethoven só dispunha de sete notas – e com elas abalou o mundo.
(p.273, 1909)

43- Em ortografia estamos um caos - e numa encruzilhada. O que penso a respeito está no artiguete que incluo – mas entre pensar e agir de acordo vai um passo, e eu me debato no pelago da indecisão, como diria o Macuco. (p. 274, 1909)

44- Começo a perceber o meu relaxamento com o português. Quando calouro, furtaram-me um Aulete que fôra de meu pai e eu levava para S.Paulo, e desde essa ocasião (dez anos!) fiquei sem dicionario ! De gramatica sou a personificação da ignorancia. Depois que me vi livre do exame, botei fora a infernal gramaticorra do Freire da Silva, que tanto me martirizou e me valeu uma bomba, e nunca tive comigo nem a gramatiquinha do Coruja. E estou convencido da inutilidade delas, como tambem pensa . (p.277, 278, 1909)

45- Outra vantagem, e não menos preciosa, é obrigar-nos a esta correspondencia, coisa que me é (e para você tambem) de muito valor como incentivo, como enchimento do tempo vazio, como ocupação mais nobre do que discutir politica na farmacia ou caçar as moscas do imperador Domiciano. (p.281, 1909)

46- Num romance de Julio Verne há um Tiago Paganel, geografo de má memoria, ao qual sucedeu o caso, que hoje não me espanta, de aprender o espanhol pelo português. Quando deu pelo engano, abriu a boca. Não me espanta porque fiz o mesmo: aprendi por cá uma lingua bunda pensando que era a nobra e fidalga lingua portuguesa.

sempre vivi nesse elegante atascal da lingua francesa, no qual me cevava de literaturas exoticas, eslava, britanica, escandinava e até hindustanica – sem me lembrar que isso só deve ser permitido aos que já perlustraram a

fundo as provincias da literatura patria. E tão encrostado me pôs o longo patinar por anos a fio nesse engano ledó e cego, que não creio em cura para o mal(...) tenho sífilis no idioma, da incurável ! Mas é provável que encetando agora o estudo da Grande Língua, aos oitenta anos menos leigo serei de suas louçanias, que hoje. E como ajustado ao intento me pareceu Camilo, a ele me arremeti . (p. 285, 286, 1910)

47- Também a mim me ocorre às vezes a ideia de fazer algo de ciência e desistir de literatura. Uma gramática histórica filosófica, que me vingue da bomba que tomei no meu exame inicial. Comecei a minha vida de estudos, bem sabes, com uma inhabilitação em português. Ou um vocabulário brasileiro. Coisas assim de paciência. (p.292, 1910)

48- *As Memórias de um Sargento* têm contra si, no confronto, a vulgaridade plebeia das coisas ditas; e nem podia deixar de ser assim, pois que esperar dum sargento de milícias ? Já o doutor Braz Cubas é fina floração de fim de raça, um *faineant* como aqueles das côrtes luizescas de França . Flor de fim de Ordem social. Ao primeiro sopro das Revoluções, os Braz Cubas morrem como passarinhos. (p. 293, 1910)

49- Coincide andarmos a ler o mesmo livro, *À margem da História*. Como é novo, como são inéditos entre nós a ideia, o pensamento, o estilo, a língua de Euclides ! E por causa duma simples mulher esse Homem Estupendo desapareceu numa voragem(...)(p. 295, 1910)

50- Li a última parte dos Soldados do Livro. Não resta a menor dúvida: estás romancista. Possui todas as qualidades necessárias: 1) capacidade de trabalho, coragem de começar na 1ª e ir até à página 350; 2) instinto da composição, da arquitetura, da montagem, do enredo; 3) habilidade de manter até o fim o caráter dos personagens; 4) estilo e correção de língua.

Resta agora a lapidação de toda essas qualidades, que é um trabalho do tempo. (p.301, 1911)

51-Observe como as bestas de carga se espojam no pó, quando, longa longa viagem, o tropeiro as alivia das cangalhas ! É o que fazemos epistolarmente sem que o Mundo desconfie. Pobre Mundo ! (...)

Ah, eu no mundo sou outro. Converso sobre o café, a alta do açúcar, raça de gado, politica municipal. Mas com você eu ressuscito um Lobato alma de gato que não morre nem a porrete e literateja ás ocultas – Lobato *quand même*. E há quantos anos já dura esta conversa misteriosa, de que o Mundo jamais desconfiará ? Quanta coisa nos dissemos, quanto projetamos, quanto nos espojamos... Enquanto isso, fomos vencendo estirões na estrada da vida. vencendo fases. Namoramos. Noivamos, Casamos. Proliferamos. Descobrimos o primeiro fio de cabelo branco(...)
(p. 308, 1911)

52- Sou incapaz de literatura; convenci-me disso em Areias, onde tinha todo o lazer possível e não produzi nada. Minha literatura não é de imaginação - é pensamento descritivo; não cria – copia do natural. Em suma, sou pintor; nasci pintor e pintor morrerei – e mau pintor ! Nunca pintei nada que me agradasse. Quando escrevo, pinto – pinto menos mal do que com o pincel. Copista portanto, e só. Talvez seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cerebro pensa – mas é só. Eu não tenho folego. Escrever aborrece-me – mas quando estou desenhando ou pintando, esqueço de mim e do mundo.
(p. 314, 1911)

53- A literatura faz pendant com a lavoura; ambas só lidam com matas virgens, terras virgens. Tudo está por fazer. (p. 317, 1911)

54- Quanto á ortografia, procedi de modo inverso ao teu. Atacas-te pel'A Lanterna e adotaste-a em publico. Eu defendi-a em publico mas não a adotei. Por que ? Preguiça, incapacidade. Acho que deve ser *dificilima para mim* . Ter de aprender de novo, na minha idade, é duro. E há ainda uma razão estetica. Acho razoabilissimo que se escreva, “estetica”, mas acho fidalgo, distinto, cheiroso, escreve-la á antiga, com aquele inutil “h” a flanar no meio da palavra. Tenho paixão pelo “h”. Dá-me ideia duma letra nobre, de muita raça, com avô barão rapinante nas Cruzadas (...)
Adotas a reforma desse Viana ? Se eu puder decorar as regras é possivel que faça o mesmo – apenas para acompanhar o movimento, não que a ache bonita. Boa, sim, é. Ou persistirei na antiga, contribuindo para vitoria da nova com o criar os filhos nela. (p. 329, 1912)

55- Recomecemos, caro Rangel. Vamos por diante com a nossa eterna correspondência. Eu prefiro um leitor como você aos tres milhares que vais ter n'O paiz . Dá-me mais prazer escrever-te do que escrever livros. Talvez que um dia, quando não te tiver mais como o meu publico, talvez eu tome para meu uso o Publico. (p.361, 1914)

56- A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma “entrada”, a novidade do cenario embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romantico já cristalizado – e até vê caipirinhas côm de lambo, como o Fagundes Varela(...) Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradissima do nosso homem rural. (p.364, 1914)

57- Fiquei na dúvida, porque cá no íntimo ,(refere-se ao artigo publicado nO Estado) Rangel, acho o meu talento muito problematico, o que tenho é jeito, habilidade, e assim como sem ser pintor, pinto minhas

aquarelas, sem ser caricaturista faço minhas caricaturas, sem ser relojoeiro conserto relógios (dos grandes), e conserto fechaduras, e faço toda uma mobília tosca, com fiz em Areias, e construo uma capelinha com torre (como a construí em Taubaté), assim também, por força desse mesmo jeito para tudo, escrevo artigos e contos sem ter o real, o sólido, o bom talento do escritor que veio ao mundo só para escrever...Sou, em suma, o tipo “curioso” – e acho uma beleza de expressão esta palavra popular, equivalente a “amador”. Eis Rangel, o que no fundo penso de mim. (p. 366, 1914)

Cartas de 1915 a 1948

Tomo II - *A Barca II*

1- Quem conduz a humanidade e esse estilo é o Mestre-Escola, é o Gramático Letrado, são os mil “Conselheiros” que no decorrer da vida nos vão podando todos os galhos rebeldes para nos transformar naqueles tristes platanos da Praça da Republica – arvores loucas de vontade de ser arvores de verdade. (p.6, 1915)

2- Minhas incursões pelos romances de Camilo têm duas intenções: uma, passarinhar naquela desordenada mata virgem, apanhando as boas locuções que não tenho em meus viveiros; outra, mariscar os idiotismos, que são as perolas da língua. E também me é um descanso andar pela floresta do grande malabarista – descanso desta nossa crise monetária de vocábulos e graça, que nos envolve neste país em que a leitura do jornal mata a do livro. Não há livros, Rangel, afora os franceses. Nós precisamos entupir este país com uma chuva de livros. “Chuva que faça o mar, germe que faça a palma”, já o queria Castro Alves.(p.7, 1915)

3-O meu processo é anotar as boas frases, as de ouro lindo, não para rouba-las ao dono, mas para pegar o jeito de também te-las assim, próprias. Dum de seus livros extraí 60 frases de encher o olho... Formo assim um florilegio camiliano do que nele mais me seduz as vísceras estéticas. (p.7, 1915)

4- Resumindo: meu plano é ter uma boa horta de frases belamente pensadas e ditas em língua diversa da língua bunda que nos rodeia e nós vamos assimilando por todos os poros da alma e do corpo. Um

jardim de flores simpáticas á nossa estesia inconsciente. No meu passeio pelas *Vinte Horas de Liteira* apanhei isto: *Um corujão berrou no esgalho seco de um sobro*. Detive-me; fiz pouso nesta frase enchedora de olhos e ouvidos. E não anotei, por que anotada ficou para sempre em meu cérebro. Não a analiso, não a comento ; ponho-a apenas em uma lapela do cérebro, como pus naquele prego um ninho de beijaflor encontrado no barranco. Se Camilo houvesse dito: *Uma coruja piou no galho seco de uma arvore*, eu teria deixado no barranco esse ninho de beijaflor. O “berrou” é que me seduziu. Toda vida, para toda gente, as corujas piam – só em Camilo aparece uma que berra. Lindo !

Filosofando: coletar modos de dizer, jeitos de expressão afins com esse misterioso *quid* que me leva a olhar com enlevo para os brincos-de-princesa que vejo pela janela, e com arrepios de asco para uma barata que apareça. E isso apesar da ciência que há dentro de mim dizer que ambos, brinco-de-princesa e barata, são duas prodigiosas obras primas da Natureza. (p.8, 1915)

5- *A Velha Praga* não cessa peregrinação. Já foi transcrita em sessenta jornais, conforme me informa o Sinesio Passos, redator dum jornal de Guaratinguetá. Acho muito, e se o consigno é para frisar a ignorância em que andamos de nós mesmos: a menor revelação da verdade faz o publico arregalar o olho...Uf !....Adeus. (p.10, 1915)

6- Convidei-te para o passeio através de Camilo como remédio contra o estilo redondo dos jornais que somos forçados a ingerir todos os dias. Camilo é o laxante. Faz que eliminemos a “redondeza”. É a agua limpa onde nos lavamos dos solecismos, das frouxidões do dizer do noticiário- e tambem nos lavamos da adjetivação dos homens copados como Coelho Neto. Camilo é lixívia contra todas as gafeiras(...) Cada vez que mergulho em Camilo, saio lá adiante mais eu mesmo – mais topetudo. E o topete filosófico eu extraio de Nietzsche.

tenho escrito alguma coisa, mas ando exigente e refaço muito. Vai sair no Estado um meu estudo sobre a caricatura, em duas partes.

O Pinheiro me escreve e proporciona-te um cartão de ingresso nas letras paulistanas. S.Paulo já é alguma coisa, e vale a pena entrar no Palco por essa porta. iremos juntos. Eu atirei-me. Que tema vou escolher ? Ah, um ótimo: “O estadulho na vida e na obra de Camilo”. A historia de todas as sovas que Camilo apanhou no lombo ou sacudiu no lombo alheio. Camilo foi um grande mestre em surras. Descia o porrete com a mesma elegância com que manejava a pena. (p.11, 1915)

7- O negócio de anotar Camilo só convem nas sobre-excelencias; do contrario é copia-lo inteiro(...) O meu sistema é lê-lo com atenção e marcar á margem as frases que me encantam e me aproveitam. Depois de terminada a leitura, encosto o livro; mais tarde abro-o e releio as coisas assinaladas – e copio num caderno as que ainda me impressionam. (p.13, 1915)

8- Em suma, o caso é de esperteza, como nas fabulas do jaboti. Fazer que o leitor puxe o carro sem o perceber. Sugerir. Arte é isso só.

Eu já li e gostei do João do Rio; hoje parece-me tolo, *plaquet* chocalhante. E descobriu um homem inglês de nome Oscar Wilde que ninguém sabia quem era, e eu acho que é mentira dele. Dorian Gray! Potoca. carcere de Reading! Potoca. Salomé! Potoca. Esse misterioso “Oscar Wilde” (nome inteiro , Oscar Fingall O’Flahertie Wills Wilde) é uma pura mistificação do João do Rio. Outra novidade dele foi o lançamento do adjetivo “inconcebível” e do “up to date” em vez de “na moda”. João descobriu tambem uma tal língua inglesa, que igualmente me parece potoca. Tudo nele são potocas – tudo nele é Rua do Ouvidor. Não fica. (p.15, 1915)

9- Estou á espera dum americano que vem ver a fazenda. Se acaso sair negocio, talvez eu realize uma idéia: ir espiar o vulcão europeu de uma aldeia do Minho que seja toda ela Camilo.

E voltaremos, depois de dois anos de assimilação da língua ambiente, dois tremendos escritores, para assombro destes papuas. (p.17, 1915)

10- Pinheiro é amigo e me ficou atrás do quadro, como Apeles, para pegar o que de mim dizem pelas costas. Contou-me que na sala do Nestor, no Estado, houve uma seria discussão sobre aquele artigo Urupês, na qual poucos concordaram comigo totalmente, mas todos foram unânimes em que sou “novo de forme” e uma “revelação”. Será Rangel, que com tão pequena amostra se possa chegar a esse veredicto? (p.19, 1915)

11- Também tenho escrito umas diabruras para O Povo, jornalzinho de Caçapava na qual sou livre como o era no Minarete. Sou lá o Mem Bugalho. Mando-te o ultimo numero para que vejas o tom da folha que eu queria ter aqui em S.Paulo. Esse tom é o meu tom natural, normal – qualquer outro será forçado. (p.22,23, 1915)

12- Se Neto tivesse a coragem de podar-se, que lindo não ficaria! Há nele 200 mil adjetivos a mais.

___ E o romance ? ...

___ O romance, Rangel ? Ah, nunca mais pensei nisto. (p.31, 1915)

13- Por Netuno ! Que redada de cincas de gramatica apanhou você em meus escritor, ó gramaticão de má sorte, ó Candido de Figueiredo de Santa Rita !

Confesso, Rangel, a minha ignorância do português-gramatica e mais camarões da filologia. Guio-me pelo faro, como o pescado que sente que ali naquelas pedras há garoupas. Mas o vento que me leva hoje a

escrever-te é o Bernardo Torres – esse extraordinário Bernardo o Eremita de caldas. Escreve como fala e é tão nosso igual que tanto faz a mim escrever a você como a ele. Foi fabricação da mesma massa e no mesmo molde e com o mesmo ponto de forno de todos nós lá do Cenáculo. (p.39, 1915)

14- Quero agora visitar o farol da Moela, para captar impressões e refazer um velho conto de faroleiros que fiz em Areias. (p.43, 1915)

15- Grande bem me fazes com a denuncia das ingramaticalidades. De gramática guardo a memória dos maus meses que em menino passei decorando, sem nada entender, os esoterismos do Augusto Freire da Silva. Ficou-me da “bomba” que levei, e da papagueação, uma revolta surda contra a gramática e gramáticos; e uma certeza: a gramática fará letrudos , não faz escritores. Depois quando cheguei á puberdade estética e sobrevieram as curiosidades mentais, pus-me a ler – mas só em francês e isso até depois do 25 anos. Até essa idade conto nos dedos os livros em nossa língua que li: um pouco de Eça, uns cinco volumes de Camilo, meio de Machado de Assis. E Euclides e jornais. Como vês, ensarnei-me a funda na sarna galica. A reação vem dos tempos da Velha Praga. Ali anda sou antigo. Em Urupês aparecem uma clarões ricocheteados de Camilo – o grande Camilo que me revelou a língua portuguesa e me fez ver as balisas que a extremam da língua bunda dos jornais e deputados – a Língua de Cafra para Cafrarias, diz Camilo. De Urupês em diante tacteio, na luta das transições, procurando saltar para o outro lado. Esse pulo não vai assim ao jeito dos pulos ginásticos; é pulo metafórico, pulo imperceptível de ponteiro de relógio(...) No intento de apressar a coisa, voltei-me para a gramática e tentei refocilar num Carlos Eduardo Pereira. Impossível(...) Larguei o livro para nunca mais, convencido de que das gramáticas saem Silvios de Almeida, mas não Fialhos. Mil vezes (para mim) as

ingramaticalidades destes do que as gramaticalidades daqueles. E entreguei-me a aprender, em vez de gramática, língua – lendo os que a têm e ouvindo os que falam expressivamente.

Porque a língua de Euclides já é a Língua. E, pois apartamos um momento, eis-nos de novo de braços dados na estrada real. Que importa que a massa nos não entenda ? Á massa compete admirar. O entender é só das minorias Atenta neste belo clarão de Fialho: “Tomou as mãos do agonizante, um mármore molhado. “A minoria entrepara, atônita com essa beleza. A maioria, não para, passa, mas admira, porque não entendeu – o ininteligível é o supremo pasmo das multidões. Vejamos agora isso no estilo bunda: “Tomou as mãos do agonizante: estavam geladas por um suor frio”. (p.50,51, 1915)

16- Já notaste como é mais vivo o estilo das cartas, do que o de tudo quanto visa aparecer em livro ou jornal ? Acho maravilhoso, o prime saut das cartas. Eu queria ver em todos os teus livros o enlace primesautier da ultima carta que me mandaste. A caraça do publico, a “feição” do jornal, os moldes do editor, sempre antepostos aos nossos olhos “escrevemos para imprimir”, acanham-nos a expressão, destroem-nos a alerteza de élan. Eu, por mim, só lia cartas e memórias como as do Casanova.

Guio-me pelo tacto e o faro, pelo aspecto visual e auditivo da frase. se algum período me soma mal, releio-o em voz alta para perceber onde desafina. E achada a corda bamba, não a analiso, dispenso-me de saber que preceito gramatical foi ali ofendido: aperto a cravelha e afino a frase. O método, não será dos melhores, mas é o meu. É mau mas meu. Topete, heim ? E queres ver que ilações tiro desse topete ? Não arquiteto a frase: despejo-a sobre o papel no jeito, no tom, no reberbativo, no enlace com que me acode a pena. (p.55, 1915)

17- Estilo é o jeito das gente. E todo jeito artificialmente procurado desajeita uma pessoa. O que devemos é comportar-nos com decencia no trato da língua, e só a aprendermos no trato dos mestres. (p.66, 1916)

18- E por falar em estilo: quando deixamos a idéia correr ao fio da pena, sem nenhuma pré-concepção quanto a “maneira” ou regra e, pois, não procuramos “fazer estilo”. Receita: Quem quiser estilo, jamais o procure. (p.67, 1916)

19- Quanto ao livro projetado, faço questão de que seja nós dois. Anda você a me fugir com o corpo a esse idéia. Por que ? Como não viso carreira literária, quero, apenas por capricho, ter um livro que seja isto mesmo das nossas cartas sob o aspecto publico. Desse livro só me interessarei por meia dúzia de exemplares, que oferecerei á meia dúzia de pessoas que estimo neste mar de milhões de criaturas que é a humanidade. Como somos restritos. (p.70, 1916)

20- Carolina Michaelis ? Estou na leitura da sua Saudade Portuguesa, onde o raio das mulheraça prova que uma alemã vale três alemães(...) E chama a contas aos maus lusíadas: “Como explicar que espíritos cultos como Bruno, Afonso Vieira, Tomás Boba, não se persuadam de que a lingua é a base, e é a mais genial, a mais original e nacional obra d’arte que cada nação cria e desenvolve ?”

O jornal nos sufoca todas as tentativas de literatura, com os seus repórteres analfabetos, com a sua meia língua engalicada, com os seus críticos de camaradagem ou de “passa cá cinco réis”, com paredros a receberem de gênio para cima (O Paiz) ou de gatuno para baixo (Correio da Manhã) (p.79, 1916)

21- Se me dás com um “deparar com “em Garrett, aponte-te nele centenas de deparar certo. se uma simples incorreção de clássico fizesse lei, não haveria gramática possível. Nesses casos atendo-me ao gênio da língua e ao gênio do próprio vocábulo. O “porém” inicial encontro-me com ele em Camilo e outros, ligando o que foi dito ao que se vai dizer adiante, mas incide na minha observação acima; ofende o gênio dessa conjunção, a qual conjuga dentro do mesmo período, mas não conjuga períodos distintos. (p.81,82, 1916)

22- Não tenho talento para composição. Tudo me sai crônica. No fundo num passo de um cronista. (p.86, 1916)

23- E aquela babozeira da aproximação de Portugal e Brasil ? Ah, eu não tolero essas coisas que não têm nada dentro – e os nossos jornais pelam-se por isso. Sendo lugar comum, patriotismo comum, idéia-mãe, coisa do não-fede-nem-cheira, é com eles. (p. 93, 1916)

24- Abri no Estadinho um concurso de coisas sobre o Saci-Pererê e convido-te a meter o bedelho – você e outros sacizantes que haja por aí. (p.129, 1917)

25- Ontem ouvi de pé firme ao Alfredo Pujol um elogio que me deixou de cara á banda – e que não ponho aqui por escrúpulos de modestia. Acham-me um bando de coisas. para mim, o que há no fundo de tudo é medo. os homens procuram aproximar-se e andar ás boas com os escritores que misturam acido fórmico á tinta.... Mas estou doido para voltar para a roça e reatar a nossa conversa carteadada... Adeus, adeus, adeus ! Carta comprida, só na roça . (p. 131, 1917)

26- Desde o dia 8 que estou sem saber quantos novos países declararam guerra à Alemanha, etc. Que paz ! Que alívio ! Que decencia

Como cansa viver na atmosfera da beligerancia imbele do sapo que chia de longe, e odeia de longe, e apaixonou-se de longe, ou pateia de palanque, na rua, nos cafés, nas redações, nos artigos, nos discursos, sem nunca um minuto de serenidade . (p. 134, 1917)

27- A indignação de Adalgiso é contra o Engraçado Arrependido, que mandei sem revisão rangelina, portanto sujo, cheio de cascas e carurus. O meu lava-cachorro é você, Rangel. (p. 136, 1917)

28- Ando a preparar um livro de contos – assinado Helio Bruma – coisas antigas refeitas. A refusão limita-se a podas, desganches, descascamentos – sempre “des”, isto é, concentração . E sinto que ganham com o desbaste. Em regra somos na mocidade extremamente excessivos, folhudos como certas arvores tão enfolhadas que não há ver nelas a beleza maior : o tronco e o engalhamento.(p.138, 1917)

29- Que tenho feito ? Domingo, como amanhecesse chovendo, abanquei e pau Pollice Verso, uma violenta mercurial contra os médicos... Vou manda-lo para o numero de junho em vez do Faroleiros que lá está – muito bem escritinho, mas que não passa de um “potpourri”. O presente de Loveling e o urso de Tolstoi são demonstrativos de que par abem escrever é mister escrever pouco e concentrado. (p. 140, 1917)

30- Vais ver a Vida Ociosa classificada como a melhor coisa até hoje aparecida na revista do Brasil. Eu chego a ter inveja.. Por que mudou a primeira forma do Zé Correto ? Estava ótima, muito melhor que o José atual. José, José... Zé é o certo. (p. 143, 1917)

31- Andou por cá um fazendeiro aí da tua zona, um Leite de Paraguassú. Conhece-te mal-e-mal(...) O homem esteve me contando

da calamidade que é a Rede Mineira. Diz que é peor que a Central. Por que não se amotinam vocês todos e não empastelam a caranguejola ? Bilac perguntou ao Heitor de Moraes por que motivo eu he fugia e achou-me “exquisito”. Acostumou-se o grande poeta ao coro perpetuo de “ohs!” da rodinha do Estado(...)Porque têm um nome do tamanho dum bonde amarelo e moram no andor da apoteose, acham inamissível que um ignaro anônimo, tenha a preguiça do rapapé e por higiene fuja do beija-mão. (p. 144, 1917)

32- Ando vendo-não-vendo a fazenda.Este mês resolvo. Poderemos então realizar um dos nossos velhos projetos : a estação à beira-mar juntos. Será lindo – mas quanto mais lindo se ainda vivesse o Ricardo e fossemos para Itanhaem ou Ubatuba os três ! Que saudades tenho do Ricardo ! O tempo passa, mas a saudade não passa. (p. 149, 1917)

33- Se algum tranca me disser que não és o sucessor de Machado de Assis, leva bofetada nas ventas. (p. 149, 1917)

34- Penso em visitar-te aí antes de deixar Caçapava. Penso, penso... Quantas vezes já pensei nisso ? (p. 150, 1917)

35- No Buquira ninguém se embasbaca com o Franco Sura.(p.151,1917)

36- Começo publicando os contos de Valdomiro Silveira, outros de Agenor Idem e o Saci-Pererê. Faço a experiência com esses três livros e, conforme correrem as coisas, ou continuo ou vou tocar outra sanfona. (p. 152, 1917)

37- Como torço pela vitória da Alemanha e Ruy (Barbosa) é o paladino da derrota alemã, resumo a minha opinião sobre ele com a imbecilidade dum calouro: “É uma besta !” . Mas sei ou sinto que isso é pura

imbecilidade minha diante de imbecis ainda maiores que eu. E se não o leio é na certeza de que se o ler, a “besta” me converte com sua lógica de aço e cá me põe o germanismo de cuecas, de pernas para o ar. Porque o meu germanismo tem fundamentos grotescos : a causa numero um é ser aliadofilo o meu barbeiro; a numero 2 é serem aliados o Estado de S. Paulo, todos os meus amigos e toda gente. Germanizando, eu me isolo do barbeiro, do jornal e duma súcia de amigos. Pura questão de higiene mental. (p.157. 1917)

38- Ainda ontem, se quisesse, não podia responder ao teu bilhete. Nem tinta, nem papel, nem mesa – e tenho tudo hoje no lugar, Rangel, graças à maravilhosa invenção da Roda. Se não fosse a roda, como operar o milagre de transpor tantos moveis e caixas lá do alto da Serra da Mantiqueira para aqui, nesta rua Genebra ? E em cidade nenhuma há um monumento de gratidão à Roda ! (p.159,1917)

39- Se por “saber português” entendes conhecer por miúdo os bastidores da Gramática e a intrigalhada toda dos pronomes que vem antes ou depois, concordo com o que dizes na carta : um burro bem arreado de regras será eminente. Mas para mim “saber português” é outra coisa : é ter aquele doigté do Camilo, ou a magnificente allure processional do Ramalho, ou a sublime gagueira do Machado de Assis. Aqui em S.Paulo o brontosauro da gramática chama-se Álvaro Guerra, um homem que anda pela rua derrubando regrinhas como os fumantes derrubam pontas de cigarro. As regras desse homem tremendo, quando vêm ao bico da pena dos escritores, matam, como unhas matam pulgas, tudo o que é beleza e novidade de expressão – tudo o que é lindo mas a Gramática não quer. Outro gramático daqui escreveu um enorme tratado sobre a Crase; e consta que o Silva de Almeida tem 900 paginas inéditas sobre o til. O livro vai chamar-se: “Do til” (p.169, 1917)

40- E até para amigos escreves em língua “magistral” ? Deixa-te disso, meu pulha, que ainda que vás para o Supremo para mim serás sem pré o Rangel que fez de “gato pingado”no enterro do Orelha Gorda. (p. 175, 1918)

41- Mas a cidade alcançou o nosso Minarete, entalou-o dentro duma concreção chamada “casas do Brás”, tão feias, coitadinhas, tão pobres, tão humildes...(p. 177,1918)

42- Ando em maré de “caguira”. Conheces esta palavra nova ? Equivalente da “urucubaca” tão em uso no tempo do Hermes. Meu mal é curioso, Rangel. Excesso de chance. Tudo me sai sorteado. (p. 181, 1918)

43- Creio que desta vez o virus literário que havia em mim – e você, miserável Rangel, alimentou, - está morto e bem morto .(p.190. 1919)

44- Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos. A mim me parecem boas e bem ajustadas ao fim – mas a coruja sempre acha lindos os filhotes. Quero de ti duas coisas : juízo sobre a sua adaptabilidade à mente infantil e anotação dos defeitos da forma. (p.193, 1919)

45- Naquele tempo era você o meu publico – só você. Hoje sou decaído: meu publico é toda gente. Recebo cartas de toda parte e vou me reduzindo à epistolografia telegráfica. Zás, trás – pronto ! E nada do prazer antigo. O grande sonho realizou-se, e mais completo do que jamais me atrevi desejar. Cheguei. Cheguei ao tal país preluzido em nossos devaneios. E estou desapontado. Não vale o caminho, a travessia ... Que encontrei aqui neste termino ? Alguns espíritos

encantadores e uma legião de “penetras”. Nas letras, como na política, não sobre o que mais vale, senão o mais jeitoso. Olhe a escalada da Academia. A coisa que hoje eu mais desejo me é já impossível: voltar ao sossego da fazenda. Tanto que eu gostava de ler – e já não leio, não tenho tempo(...) Minha situação é esta: sinto-me maduro e apetrechado para a expressão; tenho na cabeça belos germes de contos, romances, o diabo. E tenho, o que é mais raro, o publico. Mas não disponho de uma horinha minha ! Vou virando uma espécie de mictorio literário. Quando “homem de letras” passa por S.Paulo se julga no dever de vir dar a sua mijada de idéias em mim, lá no escritório. E fala nos Urupês. Mija-se em cima daqueles contos e diz como absolutas novidades coisas que eu já ouvi cem vezes. – “A Colcha de Retalhos! Que mimo !” ...

E as mijadas são tantas que eu vou para casa tresandando a literatura amoniacal. Felizmente há o “banho desodorante” de todas as noites no Café Guarani – ou o que o René, com cara de nojo, deve chamar a “roda do Lobato”(...) (p.195, 196, 1919)

46- (...)Mas eu, que passo o dia no escritório exposto a todas as mijadas literárias com que hajam mijar-me, sei que alivio, que desodorante, que repousante, é a “roda do Lobato”. (p.197, 1919)

47- Que idéia sinistra a tua, de publicarmos as minhas cartas ! Seria dum grotesco supremo, porque cartas só interessam ao publico quando são históricas ou quando oriundas de, ou relativas a, grandes personalidades. No nosso caso não há nada disso: não são históricas e nós não passamos de dois pulgões de roseira – eu, um pulgão publicado; você, um pulgão inédito. O interesse que achas nas tais cartas é o interesse da coruja pelas peninhas dos seus filhotes. Formam um álbum de instantaneos de nossa vida. Mas o publico quer penas de pavão, plumas de avestrús ou aigrettes de garça: não quer peninhas de filhotes de coruja. Todos iriam rir-se de nós, além de que estão cheias de

maldadesinhas endereçadas a amigos e conhecidos, sobretudo por mim, que tenho a mania de arrasar tudo, a começar por mim mesmo. Não. Varra com a idéia (...) Nós outros cá ficamos a viver- a fazer essa coisa tão sem graça que é viver... Para que viver, diga-me ?(p. 198.199, 1919.)

.48- (...) *Os Urupês* entram agora na 5ª edição. Quando poderíamos imaginar isto, Rangel, se até a hipótese de achar editor era uma vaga probabilidade ? E discutíamos os argumentos dos contos naquelas cartas que não acabavam mais ? (...)(p. 206, 1919)

49- E , você, infame ? Eu sempre ansioso por lançar-te com todas as zabumbas e não te mexes. Venham logo os originais, que a nossa casinha editora vai de vento em popa – mais que vento: furacão! Não há memória de triunfo igual . (p. 208, 1909)

50- Tens toda e não tens nenhuma razão. Tens-na no meu caso: não sou literato, não pretendo ser, não aspiro a louros acadêmicos, glórias, bobagens. Faço livros e vendo-os porque há mercado para a mercadoria; exatamente o negocio do que faz vassouras e vende-as, do que faz chouriços e vende-os. E timbro em avisar ao leitor de que não sei a língua. Se por acaso algum dia fizer outro livro, hei-de usar aqueles letreiros das fitas :

Contos de Monteiro Lobato, com pronomes por Álvaro Guerra; com sintaxe visada por José Feliciano e a prosódia garantida no tabelião por Eduardo Carlos Pereira. As virgulas são do insigne virgulografo Nunalvares, etc.

Tudo gente de mais alta especialização – e a crítica que se engalfinhe com eles. Isso, para não haver hipótese de me sair coisa vergonhosa como a primeira edição de *Idéias de Jeca Tatú* . Não houve o que não houvesse na impressão desse livro(...) Li varias paginas e corei até a

raiz da alma. não tinham feito revisão nenhuma. Erros indecorosos pululavam ali como pulga em cachorro sarnento. Corrigi o que pude. Era uma composição manual – uns tipos velhos, desbeijadps, indecentes. Tudo indecente. Estive lá até meia noite caçando pulgas no resto, mas desanimei: havia mais pulgas do que estrelas no céu. Mandei tudo para o inferno e fui dormir(...) E foi bom que viesse num livro meu. Imagine que a vitima do desastre é lá a tua *Vida Ociosa* ! Mas a *Vida*, vais ver! Juro que a ponho na rua sem uma só pulgazinha, sem uma virgula errada. (p. 211, 212, 1920).

51- Estou triste, Rangel, porque verifiquei que só escrevo coisas que prestem quando sob a influência da indignação. É a minha musa, a Cólera ! Todos os meus contos e artigos brotam desse sentimento criador. Ora, com os anos, a faculdade da indignação vai arrefecendo, substituída pela tolerância filosofia. (p. 213, 1920)

52- (...)Pretendemos lançar uma serie de livros para crianças, como Gulliver, Robinson, etc, os clássicos, e vamos nos guiar por umas edições do velho Laemmert. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se poder agarrar o Jansen como “burro” e reescrever aquilo em língua deslitteraturizada – porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de “literatura”. (p.233, 1921.)

53- Estou numa duvida e preciso do teu parecer. Extrai daquele meu velho Diário de Areias e Taubaté matéria para um pequeno volume. Mas dará livro ? Valerá a pena ? Lá vai a coisa e quero opinião. Se acaso votares pela publicação, lê com o teu olho de lince e tira as pulgas encontradas. Se vetares, lixo com os originais. (p. 252, 1923)

54- Incrível. Vens a S.Paulo e pouco podemos estar juntos. Ou nós não nos gostamos em carne e osso e sim só epistolarmente ? Começo a desconfiar(...) (p. 256, 1923)

55- Entreguei a *Revista* ao Paulo Prado e Sergio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramoderniza-la. Vejamos o que sai – e se não houver baixa no cambio das assinaturas, o modernismo está aprovado.

(...)Não passo de um ex-escritor de rabo entre as pernas. E ás vezes me dá medo. E se o arranha-ceu desaba ? Nós, que lá na rua Boa Vista não devíamos um vintem, agora devemos milhares de contos. (p. 264, 1924).

56- Sabe o que quero ? Verter a *Menina e Moça* ou *Saudades* do velho Bernadim Ribeiro, em língua quase atual. Fiz uma parte, que já dei a imprimir. depois te mostrarei. Aquilo está já muito recuado, muito antiquado; mas se o pusermos mais perto, em língua, não digo de hoje, mas de pouco antes de Herculano, fica uma delicia. O rouxinol que cantou, cantou e morreu – que lindo ! É o melhor rouxinol que conheço. Os outros cantam e fazem cocô – o do Bernadim canta e morre(...) (p.268 ,1924)

57- Já conclui a semi-desarcaização do Bernadim Ribeiro – *Menina e Moça*, mas coisa tão leve que o leitor nem sente. Nada se perdeu da ingenuidade daquele homem. De ilegível que era, ficou delicioso de ler-se. (p. 268, 1924)

58- Estou precisando de um *D. Quixote* para crianças, mas correntio e mais em língua da terra que as edições do Garnier e dos portugueses. (p. 276, 1925)

59- Vai *A menina do Nariz Arrebitado* e depois irá o nosso *Sargento de Milícias* com os pronomes no lugar e outras limpezas. Ficou muito mais decente que nas outras edições. (p. 276, 1925)

60- Voltarei a este S.Paulo, destes seus plátanos que perdem as folhas, deste seu clima sempre frio, destas suas garoas dentro da qual passeávamos á noite com o Ricardo, ouvindo-lhe os versos maravilhosos.

Taubaté... Areias... fazenda do Buquira... Caçapava... S.Paulo... Rio de Janeiro... E depois ? Shanghai ? Londres ? New York? ... Mas onde que que estivesse ou estiver, sempre estive e estarei com você ... com o Rangel do Minarete... com o Rangel de Caldas... com o de Silvestre Ferraz... com o de Santa Rita do Sapucaí... com o da cidade de Passos... com o de Três Pontas... (p.280,281, 1925) .

61- A Academia é bonita de longe, como as montanhas. Azulinha. De perto que intringalhada, meu Deus ! Que pavões ! Quanta gralha com penas de pavão lá dentro! ... E depois aquela farda ! Já figuraste o grotesco do fardão ? Eu, metido naquilo ! Você, metido naquilo ! O Ricardo, metido naquilo, com o espadim de cortas á cintura...(p.282, 1925)

62- Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do *Robinson Crusoe* do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sem morar, como morei no *Robinson* e n' *Os Filhos do Capitão Grant*. (p. 292, 293,1926)

63- Recebi os livros e alegrei-me da tua volta á ativa, desta vez em rodapé. E do rodapé acabo de sair hoje, pois que *A Manhã* concluiu a publicação do meu “romance americano”. Quero ouvir a tua opinião, mas manda-lo-ei já em provas tipográficas para livro – e assim te filo mais uma revisão. Nunca me julguei capaz de conduzir um romance até o fim, e no entanto lá o pari em 20 dias. Como é “canja” escrever um romance ! (p. 297, 1927)

64- Passei a manhã de hoje emaçando cartas – como tenho cartas, meu Deus ! Apesar do destroço que a cada mudança nelas faço, ainda as conservo ás centenas; das que dizem algo interessante para a historia da minha vida e da contemporanea, não me desfaço. Tuas, quantas e quantas ! Converso-as todas. (p. 299, 1927)

65- Será que morremos um para o outro ? Em parte é assim, tanto a vida nos soprou para rumos diferentes. No começo escreviamos como riachos que correm. Era fácil. As mesmas idéias na cabeça, os mesmos sonhos – e que bonitos, lindos, os sonhos da “primeira infância” literária ! Ontem, mexendo numa gaveta, (não é mais gaveta, é file...) encontrei uma velha carta e li-a cheio de saudades do nosso tempo, das nossas coisas, da nossa comunhão de idéias. Tudo tão longe agora, já em estado de *will-o-the wisp* em minha imaginação... Eram fáceis, a correspondência e o mutuo entendimento naqueles períodos. Hoje é mais difícil. Tenho de falar daqui e é muito difícil das coisas que “só vendo”. New York é uma cidade que “só vendo”. (p. 309, 1928)

66- Lamentas que estejam a desaparecer as nossos preocupações comuns. Em parte é certo. Distanciamo-nos bastante em nossas órbitas, você seguindo uma muito coerente com os começos, com a vocação e as idéias centrais, e eu ... Quando olho para traz fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que *minha verdadeira*

vocação é procurar o que valha a pena ser. Aquela minha fúria literária de Areias e da fazenda: quem visse aquilo proclamava-me visceral e irredutivelmente “homem de letras”. E errava, porque o Lobato que fazia contos e os discutia com você está mortíssimo enterradíssimo e com pesada pedra sem epitáfio em cima. O epitáfio poderia ser : “Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista.” Porque a minha vocação pela metalurgia é muito maior que a literária(...) (p312, 1928)

67- Ah, Rangel, o Macuco! O nosso tempo do Minarete ! És o único amigo efetivo que me resta daquele tempo; efetivo porque produz efeitos a mim relacionados : carta, troca de ideias e impressões, elogios. Como nós nos elogiávamos, Rangel ! Como gostávamos da comidinha! Todas as nossas cartas levavam bombons dentro, dos de licor interno. Elogios aos nossos estilos !

Conversar com você foi o meu substituto do conversar comigo mesmo em noites de lua – porque nunca tive tempo de conversar comigo mesmo de dia e ainda menos agora que minha vida virou um *rush* de *subway* no Times Square às 5 horas . E só conversávamos um assunto... (p. 314, 1928)

68- Já não gosto de te escrever, Rangel . A escassez de tempo, conseqüente ás mil tribulações novas com que o mundo inglês me sobrecarregou, força-me a te escrever ás carreiras, sem aquele sossego antigo, tão gostoso. Para os outros, galopo nesta Remington; mas para você eu queria escrever com as unhas, á moda de dantes .

Sabe que estou em vésperas de ressuscitar literariamente ? A famosa comichão vem vindo – e terei de coçar-me em livro ou jornal. Só me volto para s letras quando o bolso se esvazia, e agora, em vez pegar milhões de dólares, perdi alguns milhares na bolsa. Resultado : literatura *around the corner*(...) (p.319,320, 1930)

69- (...) Também vou fazer mais livros infantis. As crianças sei que não mudam. São em todos os tempos e em todas as pátrias as mesmas. As mesmas aí, aqui e talvez na China. Que é uma criança ? Imaginação e fisiologia; nada mais . (p.322, 1930)

70- Estive e Taubaté depois de 25 anos de ausência – lá de onde tanto te escrevi no tempo em que tinha mais literatura e sonho na cabeça do que hoje tenho ódios e nojo de tudo. Nós ns procurávamos, Rangel. e tanto nos procuravamos que nos achamos. Nós nos construímos lentamente, não nascemos feitos. E a nossa longa troca de cartas foi uma coisa linda. As duas chamas trocavam as suas fumaças – e nenhum de nós previu o que estava na frente . Você estacionou no meio do caminho, ocupado em distribuir justiça. Escreveu o melhor livro da época e amoitou – brocheou – desinteressou-se. Eu continuei a produzir coisas e até agora ainda ponho os meus ovos de galinha velha. Mas o que nunca imaginei é que alcançasse as tiragens que tenho. Já passei do primeiro milhão e março para o segundo. (p. 337,1941)

71-Rangel: apareceu-nos uma senhora Dupré que está operando uma revolução literária. Está nos ensinando a escrever – e eu já muito aproveitei a lição. Revelou-me um tremendo segredo : o certo em literatura é escrever com o mínimo possível de literatura ! Certo, poque desse modo somos lidos, como ela está sendo e como eu consegui ser nos livros em que me limpei de toda “literatura”. Como nos envenenou aquela gente que andamos a ler na mocidade ! Só agora me sinto completamente sarado, graças á medicação Dupré. (p.339,1943)

72-Coisas que te disse antigamente confirmam-se agora, depois duma conversa tida com o Marques Campão,um pintor excelente e inteligente (coisa rara) e do livro da Dupré. Campão revelou-me o segredo da aquarela: não empastar as cores, não sobrepor tintas, pois só assim

alcançamos o que nesse gênero há de mais belo: a transparência. No estilo literário dá-se a mesma coisa: o empastamento mata a transparência, tal qual nas aquarelas. Se eu digo “céu azul” , estou certo, porque não sobrepus tintas e obtive transparência. Mas se venho com aqueles “lindos” empastamentos literários que nos ensinaram (“céu azul turqueza” – “a cerúlea abobada celeste”), estou fazendo literatura, e sobre a coisa linda que é a palavra “azul” sobreponho um tom empastante “turqueza” que no espírito do leitor irá sugerir a esposa dum Abud qualquer, ou “ceruleo”, (que nos sugere cera) , positivamente borro o azul do céu – em vez do céu lindo que eu quis descrever me sai uma “literatura”. A Dupré mostrou-me que se pode escrever com zero de “literatura” e 100% de vida. É o que estudo no prefacio . (p.339,1943)

73- Muito interessante o que se passou com meus livros para crianças. os personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções. Emília começou uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. (p.341, 1943)

74- (...) Vale a pena conhecer as cartas que diariamente recebo! ... Mas o curioso é que o Sítio do Picapau Amarelo já passou a remédio de gente adulta. Há dias recebi do Rio Grande, duma senhora mãe de filhos, uma carta em que diz : “ No meu desespero diante de tanta coisa que sucede a uma família grande e de poucos recursos, quando não vejo caminho e o desespero chega ao limite, sabe o que faço ? Corro ao sítio de dona Benta. Fecho-me lá por uma hora ou duas – e sarro ! Meus desesperos adormecem. Chego a rir-me das asneirinhas da Emilia . A razão desta carta é esta : agradecer ai senhor o verdadeiro colo que seus livros me têm proporcionado. Li-os em menina para me divertir, e agora, depois de velha, uso deles como remédio .” (p.343,344,1943)

75- Desconfio , Rangel, que essa nossa aturada correspondência vale alguma coisa. É o retrato fragmentário de duas vidas, de duas atitudes diante do mundo – e o panorama de toda uma época. Literatura, historia e muitas coisas. (p.352, 1943)

76- Quando estiver tudo datilografado, você vai se assombrar, e verificar que éramos muito mais interessantes nos bastidores epistolares do que no palco – e juntos penetraremos na posteridade á mode do Edgard Jordão, lembra-se ? (p.353,1943)

77- Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras. Se procurar bem, sou capaz de descobrir algum autografo do *Pithecanthropus erectus* .(p. 352,353,1943)

78- Reuni minhas cartas. Estou a rele-las – e encantado com a nossa fúria literária daquele tempo. (p. 353, 1943)

79- Achei ótima a ideia de você mesmo bater na maquina tuas cartas. Farei isso ás minhas, e assim as depuraremos dos gatos, do bagaço, das inconveniências. Deixaremos só o bom – como as canas de chupar que a gente atora a ponta e o pé. Depois decidiremos sobre o que fazer. Imagine uma edição de Cartas Nossas em dois ou três volumes, coisa que nunca foi feita em nossa país .

Não posso formar opinião definitiva antes da datilografagem de tudo, da poda das pontas e pés e da “limpeza” – a raspagem da cana. Numa das tuas há uma pequenina confissão que se sair impressa te deixa raso aí em Belo Horizonte. Aquela historia do ... (p.354,1943)

80- Escrevemo-nos tanto e tanto, mês a mês e em todas as situações da vida, que nos sabemos de cor. Nada tenho a opor ao teu artigo... E como

não posso ter opinião própria sobre mim, reporto-me á tua. Quando me vêm pedir entrevista, ou confissões, remeto o inquiridor a você.

Estou datilografando minhas cartas, e espero que estejas fazendo o mesmo ás tuas. Tanto as minhas como as tuas só poderão ser lidas em letra mecânica. Nas nossas horrendas caligrafias, impossível ! A tua letra daquele tempo, Rangel, fazia tais malabarismos, dava tantas cabriolas no fixar teu pensamento, que ler-te foi o que me salvou de virar charadista ou logogrifista – as doenças da época. Como atracar-me com os enigmas pitorescos, se eu tinha diante de mim, cada semana, o tremendo enigma chamado “carta de Rangel ?” A rija decifração tornou-me tão perito nessa ginástica que mais tarde me permitiu longa correspondência com Oliveira Viana, homem de letra dez vezes peor que a tua. E depois atraquei-me vitoriosamente com o Lima Barreto. , que a tinha dez vezes peor que a do Oliveira Viana. Tudo venci, graças ao aturado treino que tua letra me impôs.

Ainda não posso dizer o que penso das cartas em livro. Só depois de tudo passado a maquina é que poderei examina-las na ordem cronológica e ver se é leitura que prenda.

A idéia que por enquanto tenho das cartas é que constituem uma tremenda “historia natural e social duma família Segundo Império”... nem a pintura, nem a promotoria, nem os porcos lá da fazenda, nem a furia industrial, nem a falência, nem New York, nem siderurgia, nem a campanha pelo petróleo, nem a morte dos filhos, nem o ódio á literatura, nem a prisão por ofensas ao presidente – e receio que nem a morte me liberte da lombriga....

E chega. Quando me meto a te escrever, volto ao menino de outrora e custa-me a parar com a *babillage*. Adeus. (p.356,357,358, 1943)

81- Já tenho todas as cartas passadas a maquina e estou a lê-las de cabo a rabo. Noto muita unidade. Verdadeiras memórias dum novo gênero – escritas a intervalos e sem nem por sombras a menor idéia de

que um dia fossem publicadas. Que pedantismo o meu no começo! Topete incrível. Emilia pura. Estou pondo notas. Fiz hoje uma explicando o caso do “Minarete” do Benjamim – toda uma historinha bem curiosa. Também transcrevo em nota a celebre bomba arraza-quarteirão do Lino Moreira, ou “Sheridan”, na qual deslombou a todos, menos a você.

A coisa parece que vai ficar com grande unidade. Um verdadeiro romance mental de duas formações literárias, animado por um grupo de atores – os “Cães” do Cenáculo – que começam invadindo a cena e no decorrer do tempo vão desaparecendo em nevoa. Estou quase me apaixonando pela obra. As cartas são os andaimes; as notas completam-nas. Creio que não há em literatura nenhuma uma serie tão longa de cartas entre duas vocações, sempre sobre o mesmo assunto e no mesmo tom. O Edgard Cavalheiro aprovou-as com calor, achando que dá um livro dos mais originais. Fizemos também uma prova feminina – e a julgadora disse ao Edgard : “Comecei a ler e não parei – terminei a leitura de madrugada; e estou a reler varias cartas.”

Os livros de cartas que existem, como as de Euclides e outros, são dum mesmo homem para vários, de modo que não há unidade de estilo, tom e assunto.

Minha idéia no começo era dar as tuas e as minhas juntas, articuladas, mas vi que isso iria estragar tudo. Para quem está de fora, tem muito mais interesse uma conversa telefônica da qual só ouve um lado; o fato de não ouvir o outro lado força mais a imaginação. Fica um imenso campo de colaboração aberto á imaginativa do auditor. Solto agora as minhas cartas a você, e depois você solta as tuas a mim.

Outra coisa está me parecendo: que na literatura fiquei o que sou por causa dessa correspondência. Se não dispusesse do teu concurso tão aturado, tão paciente e amigo, o provável é que a chamazinha se apagasse. Você me sustentou firme na brecha – e talvez eu te haja feito o mesmo. Fomos o porretinho um do outro, na longa travessia... (p. 360, 361, 1943)

82- Como é interessante a minha correspondência ! Não imaginas as cartas que recebo das crianças.

Rangel, Rangel, você anda pererecando muito . (p. 366, 1945)

83- Andam sempre a reclamar as tuas cartas. Então não se anima mesmo? Já as bateu na maquina, revistas e podadas? Eu tinha vontade de vê-las assim – mas aposto que estão no mesmo estado que chegaram . (p. 367, 1945)

84- Chegou-me afinal o livro infantil – mas não é livro infantil. Não é literatura para crianças. É literatura geral (...) A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário. O enfeite literário agrada aos oficiais do mesmo oficio, aos que compreendem a Beleza literária. Mas o que é a beleza literária para nós é maçada e incompreensibilidade para o cérebro ainda não envenenado das crianças(...) Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as “literaturas” que ainda as estragam. Assim fiz no Hercules, e na segunda edição deixa-lo-ei ainda menos literário do que está. Depois da primeira edição é que faço a caçada das pulgas – e quantas encontro, meu Deus! (p.371,372, 1945)

85- A vida que anima meu corpo – não a minha vida espiritual eterna, mas a vida temporal, digamos, ou a vida física, ou a vida metabólica de minha casa – corpo, percebe as manobras do prisioneiro – alma para figur; e num desespero agarra-o pelo rabo e puxa-o frenética e desesperadamente para dentro da prisão – o corpo. O corpo tem a sua alma física que não se confunde com a nossa alma metafísica ou espiritual. É a alma do corpo que faz das células uns serezinhos

autônomos e sábios como abelhas, hábeis em dirigir-se perfeitamente por si mesmos.

Mas eu, o Ego que não morre, porque não pode morrer, porque nada morre, nem o mais miserável átomo, estarei a rir-me da inopia dos jornalistas, e “na rua”, livre da casa velha que já estava inabitável, assistirei á sua demolição lenta pelos pequeninos obreiros chamados Vermes, a fim de que com o material velho o mestre-de-obras vida construa suas casas novas . (p. 383, 1947)

86- Não é impunemente que chegamos aos 66 de idade (...)

Adeus, Rangel ! Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no Além ? Tenho planos que logo que lá chegar, de contratar o Chico Xavier para psicografo particular, só meu – e a 1ª comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as tuas duvidas. (p.384,385, 1948)